

Mortos do 'Até que enfim!' eram todos reformados e faziam um gancho no mar

Pág. 8



Cem anos de vida

● Ele é o artilheiro que derrubou a bandeira da monarquia

Em 21 de Outubro de 1885 nasceu João Albino. Em 1910 foi um dos 12 revoltosos do navio São Rafael e em 1928 esteve numa das primeiras revoltas contra o Estado Novo. Há cinco anos recebeu a comenda da Ordem da Liberdade (foto da cerimónia nas suas mãos), pelos «feitos históricos» de 5 de Outubro. Hoje faz cem anos, está cá para ficar, e contou ao «DL» estas e outras mais.

Pág. 6

Ambulância só pagando



● Bombeiros querem quilómetro mais caro e dão prazo até 31 de Março próximo

Pág. 7

Moçambique-85: Sol e sombra de um país imenso

● Primeira reportagem de Neves de Sousa nosso enviado especial ao Maputo

Pág. 14

De Nuno Gomes dos Santos a Adelaide Ferreira

Onze canções admitidas ao festival da RTP

Pág. 20

Hoje no Ler/Escrever

José Gomes Ferreira e Nuno Bragança

Se os jovens pudessem...



Sheila Nunes, 20 anos, estudante

“A Arte sobrevive sempre”

- O que estuda?
- Estou no 12.º ano, na área de Artes Visuais.
- Quais as perspectivas de emprego?
- São um bocadinho negras, porque além dos exames de aferição, surgiu agora um novo exame de admissão que se for aplicado vai cortar ainda mais as médias e dificultar as entradas nas faculdades.
- O Governo apoia o ensino?
- Não, porque embora ponha áreas específicas a partir do 9.º ano, estas estão mal estruturadas e obrigam-nos a ter disciplinas que não têm utilidade, como é o caso de Física e Matemática num curso de pintura.
- Como está a Arte em Portugal?
- Pelo que vejo, pelo menos a nível dos alunos das Belas Artes, estão-se a fazer coisas boas, originais e espontâneas. No meu caso, dou mais importância a isso que aos artistas mais consagrados.
- É possível viver da pintura neste país?
- Não, a não ser que o artista tenha bons conhecimentos a nível de galerias ou fortuna pessoal.
- O Estado apoia a Arte?
- As iniciativas que se vêem não partem do Estado.
- Pode-se então concluir que, na sua opinião, a Arte sobrevive pelos seus próprios meios.
- A Arte sobrevive sempre, podem é dificultar o seu surgimento, que é o que estão a fazer, pelo menos a nível de apoio.
- O que poderia ser feito para a apoiar?
- Era bom que se criassem mais centros de Arte com «ateliers» onde qualquer pessoa pudesse trabalhar. Por outro lado, deviam-se organizar mais exposições com concursos e, o que era fundamental, pôr o material de pintura a um preço mais acessível. Enfim, incentivar toda a malta que se interessa por arte e que não tem meios de aprendizagem.
- Para além da Arte, o que mais está mal no país?
- Tudo... a Saúde, a Educação, a Economia, a Política.
- Quem pode ser responsabilizado por esse panorama tão negro?
- O Governo, porque prefere perder o seu tempo em quezílias internas, em vez de ligar aos problemas realmente importantes.
- O Governo preocupa-se com a situação do país?
- É capaz de se preocupar, mas como eles não são directamente afectados porque têm bons ordenados, não vêem grande urgência nisso.
- Qual a sua opinião pelo facto dos deputados terem tido aumento superiores a 50 por cento, enquanto há trabalhadores com salários em atraso?
- Acho que está muito bem. Isto só mostra o quanto estão preocupados com a situação social de uma grande parte dos trabalhadores do país.
- Face a tudo isto, se pudesse governar, o que começava por alterar?
- Fazia uma reestruturação da Economia através de um desenvolvimento agrícola, e depois continuava a nível da Saúde e da Educação, sem esquecer uma descentralização cultural.

a paladra com...

JOÃO MANUEL DE ABREU FARIA

Sísifo no Governo

«Sísifo regressando ao seu rochedo contempla a sequência de acções sem ligação que se torna o seu destino. Persuadido da origem totalmente humana de tudo que é humano cego que deseja ver e que sabe que a noite não tem fim ele está sempre em marcha. O rochedo ainda rola. Deixo Sísifo no sopé da montanha! A gente sempre encontra o seu fardo. Mas Sísifo ensina a fidelidade superior que nega aos deuses e levanta aos rochedos. Ele também julga que tudo está bem. Esse Universo doravante sem senhor não lhe parece estéril, nem fútil. Cada um dos grãos da pedra, cada clarão mineral dessa montanha cheia de noite por si basta para planificar o coração do homem. Cumpra imaginar Sísifo feliz»

(Albert Camus)

Mário Soares, regressando ao Governo «novo» tal como Sísifo contempla a sequência de acções sem ligação do seu novo e governos passados aceitando ser este o seu destino e o da sua nova situação governativa! No discurso, de posse, que preferiu afirmar: «o Governo é o mesmo, com o mesmo programa aprovado e ratificado pela Assembleia da República».

Sísifo também admite a legitimidade da tarefa infima de transportar constantemente, encosta acima, um pedregulho e vê-lo rolar sempre prestes a atingir o cume, para o sopé da montanha.

Também para Soares tudo está bem. Ele pensa «que não se pode contestar a legitimidade do seu Governo que decorre do voto popular...».

E, também, como Sísifo no seu universo, nada lhe parece estéril, nem fútil. Ao contrário daquele que se considera feliz, Soares só vê a sua felicidade quando conseguir transportar o seu rochedo até ao cume da montanha que se chama — Belém — e sem rolar para o sopé da montanha.

Estará condenado à mesma sorte de Sísifo? Os factos, objectivos, parecem confirmar tal vaticínio.

Soares comprometeu-se a de-

monstrar a legitimidade do seu Governo pedindo aquilo que sabe que, de antemão, que já possui «um voto de confiança, no Governo, à Assembleia da República!» Originalidades...

A memória dos políticos é muito curta: todos se recordam, ainda, do que sucedeu no ano de 1979, com a demissão do Governo de M. Soares por motivos bem menos justificáveis do que aqueles que existem actualmente para o demitir. Depois de pôr em prática os «pacotes» de austeridade decretados pelo seu antigo Governo, bem ao contrário do que está sucedendo na actualidade, o povo viu, de certo modo, uma ligeira contrapartida dos sacrifícios feitos não lhe roubando totalmente as esperanças em melhores dias. Ironia do destino, o eleitorado não lhe perdoou a austeridade e deu a vitória à coligação, de triste memória, chamada AD, que num terrível bota-abaixo do pouco que de bom existia esmagou durante de cerca de quatro anos a economia do País empurrando-o para o pântano em que se encontra. E, agora, são estes politiquinhos que tão más provas de governo deram, durante tanto tempo, que querem retomar o poder para acabarem de destruir a democracia atribuindo-lhe as cul-

pas da sua incompetência!

Perdoar-lhe-á desta vez o eleitorado reiterando-lhe a legalidade de que reivindica para o seu Governo?

V.ª Ex.ª falou, servindo-se de um passado como se fosse presente, mistificando, completamente, a realidade actual. Mas, senhor primeiro-ministro, não é só o exemplo apresentado que lhe retira a legalidade de que fala. As recriminações recentemente feitas, pelo chefe de Estado, publicamente, condenando, asperamente, a acção negativa do seu Governo retiraram-lhe, completamente, a tal legitimidade que reclama para o seu Governo, que paradoxalmente continua em funções governativas!

Afirmou, ainda, v.ª Ex.ª serem democráticas as congeminações, ou melhor as frequentes perturbações governativas causadas por as milhentas sensibilibidades políticas existentes no seu parceiro de coligação.

Eu penso que a democracia não pode servir de capa para encobrir os vergonhosos e deprimentes espectáculos que o PPD/PSD, mesmo como partido governamental, tem dado à Nação!

É inconcebível que a facção que maior guerra tem movido ao seu Governo, nestes dois anos, se encontre, agora, à frente da Comissão Política, órgão que tem como função dar directivas ao Governo!... Espera-se um milagre de S. Machete que aguarde o barco até Maio? Será possível?

No universo de Sísifo tudo está bem, mesmo conduzir o Cavalo de Tróia para dentro da fortaleza «para melhor destruir, por dentro, o PS». Aonde é que eu ouvi esta frase?

Até quando este povo sofredor aguentará tanta palhaçada e tanta indignidade?

Para terminar, algumas palavras sobre o principal pomo de discórdia entre os partidos e até entre militantes do mesmo partido: a escolha do candidato para a presidência da República.

Têm sido apresentadas bastantes opiniões procurando ca-

racterizar o perfil mais adequado a tal função: se o candidato deve ser civil ou militar, partidário ou «independente», se fulano será capaz de cumprir o projecto de certo partido, etc., esquecendo que o perfil, podendo ser uma condição necessária para ser um bom presidente não é, contudo, uma condição suficiente. Falou-se menos nas qualidades intrínsecas que devem ornar a personalidade do candidato capaz, do que das suas características extrínsecas. Se é um cidadão de consciência recta, de uma conduta moral e cívica irrepreensível, de um passado respeitável, de uma cultura política e histórica de nível elevado, etc.

É nestas últimas qualidades que podemos encontrar uma justificação dos resultados das frequentes sondagens realizadas por alguns jornais.

Por exemplo, o caso da candidatura Pintasigo com o elevado índice de 27%, certamente pelas suas qualidades de inteligência, honestidade e um passado irrepreensível etc. qualidades aliás evidenciadas pela sua passagem pelo governo. Freitas do Amaral com 11% certamente não pela sua acção governativa que não foi feliz, mas pelos seus dotes de cultura e, até por o seu afastamento da política pouco esclarecida do seu partido, Mário Soares com 8%, um índice regressivo, nas sucessivas sondagens, que tem acompanhado a degradação da sua imagem política etc. e por exemplo Preença de Carvalho 0%, índice merecido que certamente traduz o repúdio da sua acção na RTP na qualidade de presidente da administração e da sua subalternização ao governo!

Também é de referir o fraco índice do gen. F. Miguel, 4% talvez por desconhecimento da sua personalidade a que também não deve ser alheia a sua qualidade de militar (60 anos, de presidentes oficiais-generais, são muitos anos!).

Este tema merece só por si uma análise mais aprofundada mas em tempo oportuno.

tem a paladra o leitor

Mil e quinhentos escudos para ver Cohen de uma bancada ao fundo do pavilhão

O poeta e cantor canadiano Leonard Cohen actuou, segunda-feira, no pavilhão do «Dramático de Cascais», ante alguns milhares de espectadores emocionados.

A «Toumée» empresa que organizou o espectáculo, lesou, porém, centenas de pessoas, cobrando 1500 escudos por bilhetes que deram acesso, sem aviso prévio ou indemnização, a

uma bancada montada nos fundos do pavilhão.

Tratou-se de uma discriminação arbitrária que dividiu quantos pagaram os mais caros bilhetes em lugares próximos do palco, por um lado, e em assentos na longínqua bancada.

Ricardo Casimiro, que se assumiu como responsável máximo da «Toumée» não foi capaz, naturalmente, de apresentar argumentos válidos em de-

fesa do arbitrio que gizara, face aos inúmeros protestos daqueles que quiseram, e para isso pagaram, mas não puderam, ver Cohen em boas condições.

Casimiro falou da crise, arvorou-se em benemérito contrator do artista, perdeu-se em sofismas. Não ocultou, claro, a natureza basicamente comercial da sua actividade nem, o que é mais importante, o expediente que usou para atingir finalidades

monetárias.

Nos fundos do «Dramático de Cascais», ouvi Cohen e mai o vi. Ficaram, na memória, os poemas e as baladas. Ricardo Casimiro, esse, não pertence ao mundo da poesia. Será esquecido, mais as suas bancadas.

«So long», Leonard Cohen. Longe da vista, perto do coração.

Joaquim Margarido

Fumo nos barcos do Barreiro

O ter de viajar diariamente nos barcos do Barreiro tornou-se já uma obsessão para muitos dos passageiros que são sensíveis ao fumo do tabaco. Até os locais mais recatados que esses passageiros foram obrigados a escolher como refúgio, para viajar sem serem incomodados, também já estão a ser invadidos pelo fumo.

A situação torna-se mais caótica no Inverno porque as jane-

las estão todas fechadas, não se fazendo assim circulação de ar.

Até a cave dos barcos não escapa e parece até ter-se tornado um lugar favorito dos fumadores, tendo como «chaminé» a escada que desemboca no salão do rés-do-chão da 2.ª classe, espalhando-se assim o fumo por todo o salão.

Também no 1.º andar o

ambiente é insuportável: uma autêntica nuvem de fumo.

Quem ali viaja há anos tem reparado que tem havido uma degradação progressiva e que a ausência de qualquer autoridade, que desencoraje os fumadores, é total.

As placas com a Portaria que proíbe o uso do tabaco lá estão colocadas nas paredes, mas elas não falam, não falam, enfim,

não assustam ninguém!

Para quem tem suportado com dificuldade esta situação, é altura de dizer:

— Basta!
— Apareçam as autoridades e façam respeitar a lei!

Esmeralda Neves
R. Miguel Pais, 27-2.ª A
Barreiro

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa**
esta a venda
no Quiosque da Praça Patrão Lopes

Angústia Desespero Solidão
54 45 45
uma voz amiga e estará contigo



política de A a Z

Um congresso em Aveiro



REALIZARAM-SE em Aveiro, na cidade liberal que celebrou José Estêvão e não esquece Mário Sacramento, os Congressos Republicanos, congressos da oposição democrática, congressos de democratas na adversidade unidos. E para quantos participaram de corpo e alma, ou de longe acompanharam, os trabalhos desses congressos, foi surpresa verificar que, depois de Abril, o distrito não corresponderia à pujança e à orientação dos Congressos Republicanos.

Deixemos, nesta emergência, o lugar às explicações de analistas políticos e de sociólogos. Coexistem em Aveiro famílias culturais diferentes, e naquelas terras se confundem distintos tipos de economia. Zona de contrastes. Zona de crescimento. O distrito de Aveiro é politicamente disputado. E a cidade, neste fim-de-semana, vai ser o palco de um debate político importante, de um debate político, no seio de um partido, mas que ultrapassa, efectivamente, o simples quadro partidário.

Quem tem seguido as preocupações e as reflexões de militantes do CDS, de dirigentes no passado próximo ou actuais do CDS, como Luís Barbosa, José Ribeiro e Castro, Basílio Horta, Vieira de Carvalho, Azevedo Soares, Gomes de Pinho, e do próprio Lucas Pires, não pode deixar de considerar que a reunião de Aveiro para além dos conflitos e competições entre individualidades que no CDS querem predominar, vai escolher uma orientação ideológica (e não só «as políticas» para animar uma posição de oposição parlamentar), vai decidir qual a estratégia para as eleições presidenciais.

Note-se, porém, que o problema das eleições presidenciais é determinante para o CDS da estratégia global do partido. Recordemos que o líder, o dr. Lucas Pires, declarou ontem a um jornal: «Há apenas uma estratégia da parte do CDS... que de facto até agora conseguiu condicionar o posicionamento e a escolha dos próprios candidatos possíveis.» E definindo a natureza e objecto da candidatura presidencial que ao CDS se antolha útil, o líder disse: «Em primeiro lugar, trata-se de uma candidatura de oposição ao socialismo e ao bloco central, assim como a qualquer projecto eanista e de novo bloco central. Em segundo lugar, que não se trata de um candidato de outro partido ou para servir a estratégia de outro partido».

Mas este candidato que não seja de «outro partido ou para servir a estratégia de outro partido», para Lucas Pires é «menos importante o saber-se se deve ser civil ou militar» («Correio da Manhã», 20/2/85). Realmente, para o plano de Lucas Pires, civil ou militar, o que se impõe, como critério de escolha, é a capacidade do candi-

dato, para liderar um projecto de reforma da Constituição, de combate à política «socialista» (dos socialistas do PS) e «social-democrata» (dos sociais-democratas do PPD/PSD), de contestação do «eanismo», se e quando, aliado potencial de políticas de alternativa «à direita», ao «centrismo PSD-PS», ao «bloco central PS-PSD».

Não será difícil adivinhar que o sonho de Lucas Pires é a reconstrução de uma aliança com uma parte do PSD. Afirmou Gomes de Pinho: «É evidente que o CDS não acredita que possa vir a estar, a curto prazo, sozinho no Governo. Estamos convencidos de que o próximo em que participar será de coligação, da qual excluimos, naturalmente (ao contrário do que por vezes se sopra aí), quer o Partido Socialista quer um partido de emergência eanista» («Diário de Notícias», 20/2/1985).

Para Gomes de Pinho há que distinguir várias correntes no PSD. O melhor é passar-lhe a palavra: «... porque nós distinguimos no PSD fortes correntes e uma forte percentagem do eleitorado que verdadeiramente não é social-democrata: são correntes de pensamento que se identificam com o nosso projecto de transformação da sociedade portuguesa e é exactamente por isso que há neste momento uma crise profunda no PSD. É precisamente com essas pessoas que o CDS quer constituir, com preocupações hegemónicas, uma força política de alternativa ao socialismo.» («Diário de Notícias», 20/2/1985).

Propõe-se, portanto, com os elementos e eleitorado do PSD que «se identificam» com o projecto - CDS «de transformação da sociedade portuguesa», a constituição de uma força política de «alternativa ao socialismo», de apoio à revisão da Constituição de Abril. Força política de «alternativa» a Abril; motor, portanto, de uma política restauracionista.

Estamos perante o velho sonho da Direita portuguesa, tradicionalmente conservadora, saudosista, incapaz de compreender o tempo novo e as aspirações sociais mais enraizadas na consciência do povo e das novas gerações.

Falhado o MIRN, este projecto é estranho, anacrónico, fútil. Baseia-se na suposição de uma insanável crise do PSD e na emergência de uma liderança no CDS compatível com a ambição e a audácia do grupo que conduz, no interior do PSD, a corrente dita «Nova Esperança». Mas nem Marcelo Rebelo de Sousa, nem Júdice, estão talhados para serem os «segundos» de Francisco Lucas Pires.

Sem Diogo Freitas do Amaral, no Congresso de Aveiro registar-se-á um vazio. Falta o chefe natural da Direita. Não serão as adesões, e os augúrios dos Chirac e da Thatcher, que preencherão esse enorme vazio de liderança global. Falta à nova «AD» um condutor, o condutor.

Esta Direita padece de orfandade.

ponto a ponto

Os ex-ministros Mota Pinto, Rosado Correia e Augusto Seabra retomam esta semana o seu lugar de deputados na Assembleia da República. O ex-ministro do Equipamento Social, Rosado Correia, reassumiu ontem as funções parlamentares para que foi eleito em Abril de 83. Quanto ao ex-líder social-democrata e antigo vice-primeiro-ministro, e também quanto a Augusto Seabra, que com ele se solidarizou pedindo a exoneração, o seu regresso à bancada do PSD deve ocorrer hoje.



Um grupo de cidadãos de Castelo Branco promove em Março um almoço convívio de homenagem ao Presidente da República, Ramalho Eanes. O convívio «destina-se a manifestar a Eanes o reconhecimento pelo trabalho desenvolvido enquanto Presidente da República». Apesar de não ter ainda data marcada prevê-se que tenha lugar em fins de Março.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, ofereceu ao embaixador da República Popular de Angola, em Lisboa, França van Dunem, um almoço de despedida no Palácio das Necessidades. Van Dunem parte em breve para Luanda onde vai ocupar o cargo de vice-ministro das relações exteriores, actualmente desempenhado por Venâncio de Moura.



Teve lugar ontem na Casa da Balança (edifício do ex-Ministério da Marinha) a inauguração de uma exposição compreendendo os seguintes temas: Estação Radiotelegráfica do Cruzador S. Gabriel, o Posto Radiotelegráfico da Casa da Balança e a Evolução das Radiocomunicações da Armada de 1909 a 1984. A exposição, que ficará patente ao público, foi inaugurada pelo Chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão.



A secretária de Estado da Segurança Social, Leonor Beleza, reconheceu em Viseu a necessidade de informatização dos serviços regionais de segurança social da zona. A secretária de Estado encontra-se de visita a alguns concelhos do distrito de Viseu, para se inteirar dos problemas locais e para visitar instituições particulares ligadas aos serviços sociais do Estado, por eles receberem apoio técnico e financeiro.

A análise da situação internacional foi o tema principal do encontro, ontem em Berlim, entre o secretário-geral do Partido Socialista Unificado da Alemanha Democrática, Erich Honecker, e o secretário-geral do Partido Comunista Português, Álvaro Cunhal. Durante o encontro com Cunhal, o presidente do Conselho de Estado da RDA apoiou o reatamento das negociações sobre desarmamento entre os Estados Unidos e a União Soviética, previstas para 12 de Março em Genebra, e disse que «os representantes dos dois países deverão abordar a instalação de armas nucleares no espaço».



O ministro dos Negócios Estrangeiros da Roménia, Stefan Andre, desloca-se a Portugal dia 24, para uma visita oficial de três dias. Durante a visita, efectuada a convite de Jaime Gama, os chefes da diplomacia romena e portuguesa discutirão temas relativos às relações bilaterais, às relações Leste/Oeste e sobre as conversações soviético-americanas de desarmamento.

CRÓNICA AGRÍCOLA

Cereais e independência: milho

Alexandre Ramos

Nenhum quadro da nossa agricultura apresenta mais triste situação do que o da cerealicultura.

E, todavia, se há sector em que a pesquisa científica projectou a caudal do progresso tecnológico que proporcionou notáveis avanços de produtividade, foi precisamente o da cultura dos cereais, quer se trate de cereais de Inverno ditos de praga, — trigo, centeio, aveia, triticale — quer se trate de cereais de Primavera — milho e sorgos.

Mas, aí de nós, pobres fiéis a que deram rosários e não somos capazes de rezar terços. Aí de nós, pobres famintos, que temos de comprar a fome por não termos estender os braços para alcançarmos a tigela da fartura.

Essa fome aí está, clara e nítida, na importação dos últimos 5 anos (79-83) — Milhares de toneladas:

Trigo 731
Centeio 125
Milho 2.307
Sorgo 194
Cevada 98
Aveia 80.

Estas importações traduzem-se na média anual de 80 milhões de contos, porque as nossas produções médias por hectare, no quinquénio 74/78, se

situam a níveis já sem comparação neste planeta.

Trigo 1100 kg; centeio 700; Aveia 500 cevada 700. A produção do milho rondará os 300 kg.

Porém, para só mostrar um exemplo, os 12 vencedores do 15.º Concurso Quimigal — o Melhor Campo de Milho de 1983 obtiveram as seguintes produções em toneladas: Manuel Gomes de Sá — Ponte de Lima, 15.1; Vírgide Martins de Brito — Viana do Castelo, 13.5; J.D.F. de Carvalho-Barcelos, 13.7; Guilherme M. Silva Neves-Gondomar, 12.1; Isolino Santos Gonçalves-Viana do Castelo, 15.1; M.A. Silva Andrade-Estarreja, 13.9; Alberto da Silva Almeida-Viana do Castelo, 13.6; José Neves Bicho-Condeixa, 10.7; António Barreto R.º — Coimbra, 9.9; José Coelho Gouveia-Viseu, 9.0; Maria da C. Dias Quental-Oliveira de Frades, 8.4.

E, comenta o eng.º Pimenta da Gama na «Gazeta das Aldeias», donde foram extraídos aqueles números.

«Os resultados conseguidos pelos concorrentes premiados exemplificam bem o interesse destas iniciativas. A produção por hectare mais baixa, entre todos os concorrentes, atingiu mesmo assim os 5.9 toneladas

por hectares, valor este três vezes superior à média nacional estimada».

Cada cultura para proporcionar o melhor da sua potencialidade produtiva tem de obedecer ao rigoroso cumprimento do seu «protocolo cultural» que é, nem mais nem menos, do que um conjunto de regras e acções devidamente calendarizadas para que possam obter-se as máximas produções. Conforme as condições climáticas e a natureza do solo e sua capacidade de uso, o protocolo cultural pode variar.

Para o caso do milho, e para a maior parte do nosso território o protocolo cultural obedece às seguintes condicionantes: 1.º Solo franco, profundo e bem drenado; 2.º Correção calcárea; 3.º Fertilização adequada; 4.º Desinfestação dos solos contra o afimete e roscas; 5.º Utilização de sementes híbridas de cultivares adequadas com ciclo entrosado no meio ambiente; 6.º Combate eficaz às infestantes em época atempada; 7.º Combate à pirralha-branca; 8.º Disponibilidade de água da ordem dos 500 m³/ha. dos quais 1500 m³ nos vinte dias que precedem a floração e nos 10 dias seguintes.

Só no Noroeste português, correspondendo aos distritos do Porto, Braga e Viana, a cultura do milho ocupa em redor de 100 000 hectares.

De nenhum modo se pensa que todos estes 100 000 hectares podem oferecer um potencial produtivo de modo a fornecer 8 a 10 t por hectare.

Certamente que não. Mas do que se não tem dúvida, é que dentro dos 100 000 hectares se encontrarão 50 000 que podem corresponder às exigências de um correcto «protocolo cultural».

Então se conseguíssemos, só no Noroeste, pôr em movimento os 50 000 hectares que referimos, a 85 toneladas por hectare, obteríamos 400 000 toneladas, tanto como a nossa actual produção que envolve perto de 300 000 hectares.

O preço do milho na campanha de 1984 foi de 32\$00 kg. É natural supor-se que irá, na de 1985, para cerca de 38/40\$00, acompanhando o preço dos cereais de praga na presente campanha, apesar de a renda nas boas terras do Minho ultrapassar os 24 contos por hectare conforme estipula a tabela das rendas máximas em vigor e constituir peso considerável no conjunto dos custos dos factores

de produção — a 50% porque o preço é aliciente à cultura do milho, a nível das 7 toneladas por hectare é rentável.

Há três ou quatro anos foi lançado um programa «PROCALFER» destinado a subsidiar e dinamizar a correcção calcária dos solos. Foi também lançado um programa de apoio à construção de espigueiras e de aproveitamento de pequenos regadios. Ao que consta, pouco se fez do que se poderia ter feito e, também, ao que se consta, praticamente, todo este programa que não era nada para as nossas necessidades, mas era alguma coisa, vai estar totalmente bloqueado por falta de verbas.

Por mais voltas que se lhe dê chega-se sempre à mesma das mesmas conclusões: a incapacidade total do Governo, do Ministério da Agricultura e dos seus serviços de organizarem um Plano para o mínimo aproveitamento dos recursos.

No meio desta bagunça de manicócio que se prolonga teimosamente por anos, décadas e já séculos terá de destacar-se o trabalho dos técnicos agrícolas da «Quimigal» que, com tenacidade e lucidez na sua revista «Ao

Serviço da Lavoura» tem desenvolvido actividade notável de informação, apostaram na técnica e no estudo de uma realidade existente. Os resultados desses campos são uma grande esperança nos nossos tempos de crise.

O corpo de técnicos do Centro de Desenvolvimento Agrícola (CDA) da «Quimigal» assim se pronuncia no Editorial do n.º 179 da revista «Ao Serviço da Lavoura».

«Os projectos CDA para aumentar a produção de cereais mostram que se pode triplicar a produção de milho e quase duplicar a de cereais de Inverno, fazendo-se, em ano médio, uma economia de divisas de 220 milhões de dólares e aumentando em 13% o nosso produto agrícola bruto».

Porque não se chama esta gente e se constitui com elas um Organismo de Fomento e Dinamização da Cultura Cerealífera dotados de autonomia e meios financeiros necessários, já que se sabe que o Estado e os seus serviços, entre nós, não têm nenhuma capacidade de execução?

Não seria uma forma de utilizar muitos milhares de funcionários do Ministério que por aí há totalmente improdutos?

Delegados de UCP's e Cooperativas discutem culturas de Primavera

Trabalhadores da Reforma Agrária propõem-se fazer um balanço da produção que desenvolveram, ao longo do ano de 1984, num encontro que terá lugar, no próximo sábado, em Santo Antonino (Coruche), e no qual deverão participar cerca de 400 delegados das UCP's e Cooperativas.

Nesse encontro os representantes das estruturas da Reforma Agrária irão, também, definir as linhas de orientação para o futuro em termos de produção, sobretudo no que se prende com a campanha das culturas de Primavera. Quais as prioridades? Que possibilidades haverá com vista ao alargamento das áreas de regadio? Como escoar os produtos e com que preços contar? Dentro dos temas a debater outras questões ainda se colocam, tais como créditos, empenho na produção agro-pecuária e, obviamente, os aspectos técnicos de que dependem certas culturas nomeadamente o milho, tabaco,

silagem e fenação.

Todavia há um assunto pendente e fulcral que não pode ser descurado. Trata-se do agravamento da ofensiva contra a Reforma Agrária que continua, embora sob formas menos espectaculares do que dantes. Este Governo não desistiu da guerra. Insiste numa política devastadora, quer abater o que os trabalhadores construíram e provavelmente (já não restam dúvidas) pretende a reconstituição dos latifúndios.

Assim, nos últimos tempos, segundo Lino de Carvalho, do Secretariado Distrital das UCP's e Cooperativas de Évora, o Governo tem vindo a publicar diplomas avulsos e portarias, com base na Lei Barreto, e que visam o estrangulamento do existente na Zona da Reforma Agrária, ou seja, a redução gradual das áreas na posse dos trabalhadores. Com uma imaginação de que o julgaríamos incapaz este Governo usa de tudo aquilo que pode e não pode para levar a sua frente. Ainda recen-

temente publicou um despacho em que é prorrogado o prazo, para mais **noventa dias**, do pedido de majorações, o que significa mais uma abertura no sentido de facilitar a vida aos agrários.

Por outro lado há ainda a considerar, como altamente lesiva para o funcionamento das cooperativas, a portaria relativa ao **gado bravo** cujo teor permite que os proprietários requeiram terra — ampla terra — para que o gado possa desentorpecer os músculos. «Fazer ginástica», diz-se, com o maior dos descaramentos.

E, como se tais atitudes ainda fossem pouco graves, manifestou-se sensibilizado com os problemas sociais dos cidadãos espanhóis e ingleses cujas terras foram expropriadas a seguir ao 25 de Abril, dando-lhes a oportunidade de as reivindicarem.

Para a cortiça fez-se uma legislação que os trabalhadores já contestaram vivamente e, agora,

tenta-se fazer o mesmo no que respeita aos eucaliptais, integrados nas áreas das cooperativas, a intenção de anular tudo o que seja rendível para os trabalhadores. Só que desta vez o procedimento ainda se torna mais escandaloso visto que nem sequer existe uma lei que o justifique ou cubra.

Entretanto os agrários, perante a maré de facilidades, num aproveitamento de uma situação que lhes é favorável, andam afanosamente a meter processos nos tribunais **comuns** na mira de recuperarem mais terra. Fundamentam-se no facto de as propriedades ainda estarem registadas, nas cadernetas judiciais, em seu nome: eis o objectivo: o que sobra, depois das reservas e majorações ilegais, pode ser-lhes entregue. Ao que se sabe há centenas de processos desta natureza. Concretamente: no tribunal de Beja, embora os números não sejam de todo seguros, deram entrada **34** e, no de Évora,

22. «Enquanto não fabricam outra lei deitarm mão a tudo o que podem para destruir a Reforma Agrária», afirma Lino de Carvalho.

Bem... talvez haja quem se interrogue: mas a Reforma Agrária ainda não morreu? Sim, apesar dos abalos profundos, ainda estão na posse dos trabalhadores **440** mil hectares, ainda se mantêm (pior ou melhor) **340** cooperativas que garantem trabalho a perto de **20** mil pessoas.

Claro: o desemprego. Seria quase um milagre que não se fizesse sentir. E com ele péssimas condições de sobrevivência. Condições agravadas com a nova legislação, publicada sobre a matéria, que prevê o direito a subsídio só a partir de três anos de permanência num posto de trabalho. Medida que traz complicações pois, a não ser nas cooperativas, muito raramente os trabalhadores têm hipóteses de permanecer, esse tempo que se exige, nas empresas privadas.



Almeida Carrapato

Esta manhã

em Faro

Faleceu Almeida Carrapato

O ex-governador civil de Faro, Júlio de Almeida Carrapato, faleceu esta manhã no hospital daquela cidade, para onde foi transportado de urgência.

Júlio Filipe de Almeida Carrapato era membro da Comissão Nacional do PS e desempenhava actualmente funções de presidente da Assembleia Municipal de Faro.

O militante socialista faleceu às 8 horas de hoje, nove dias depois de ter sido submetido a uma operação à próstata e à bexiga.

Júlio Carrapato encontrava-se em casa a recuperar da operação, mas a degradação súbita do seu estado de saúde levou a que fosse transportado hoje de manhã para o hospital, onde veio a falecer.

Natural da freguesia de S. Pedro, do concelho de Faro, onde nascera há 65 anos, Almeida Carrapato licenciou-se na Faculdade de Direito de Lisboa em 1943. Pertenceu à Comissão Distrital de Faro do Movimento de Unidade Democrática (MUD) e teve uma intervenção activa nas campanhas das candidaturas de Norton de Matos, Rui Luís Gomes e Humberto Delgado. Colaborou em jornais e revistas de literatura e crítica, nomeadamente «O Diabo» e «Sol Nascente», tendo sido um dos criadores e principal animador de uma biblioteca popular em Lisboa, a que chamou «Vida e Cultura».

Novo embaixador em Madrid

Fernando Reino entregou credenciais ao Rei Juan Carlos

O novo embaixador de Portugal em Madrid, Fernando Reino, entregou hoje, ao fim da manhã, as suas cartas credenciais ao Rei Juan Carlos, em cerimónia realizada no Palácio de La Zarzuela.

Reino, que substitui à frente da missão diplomática portuguesa o embaixador Freitas Cruz, morto num acidente de viação em Dezembro passado, era até agora representante permanente de Portugal junto dos organismos internacionais sediados em Genebra.

Cinco outros embaixadores apresentaram também credenciais ao monarca espanhol, entre os quais os do Brasil e de Moçambique.

O diplomata português foi o último a ser recebido pelo Rei Juan Carlos e esese facto foi interpretado por fontes diplomáticas como destinando-se a não limitar a duração do encontro que se seguiu a cerimónia protocolar.

Na audiência privada do Rei a Fernando Reino participou também o ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Fernando Noran.

Fontes diplomáticas em Lisboa sublinharam que curto espaço de tempo que mediou entre a concessão do «agrement» ao embaixador português e a marcação da data de entrega de credenciais resultou de um «gesto amigável» das autoridades espanholas, que pretenderão atribuir um significado especial ao diálogo com Portugal.

Transmontano

Nascido em 1929 em Felgar (Torre de Moncorvo), Fernando Reino é licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, tendo entrado para a carreira diplomática em 1957.

Após ter ocupado cargos consulares, de secretário e conselheiro de embaixada, foi destacado em 1971 para a delegação permanente portuguesa junto da CEE e de outras instituições europeias.

Mais tarde chefiaria a repartição dos organismos económicos internacionais no MNE, tendo ainda estado colocado como embaixador em Oslo e em Riquíavique, nesta capital como não residente.

A partir de Janeiro de 1975, Fernando Reino dirigirá o gabinete coordenador para a cooperação e foi o coordenador principal da Comissão Nacional de Descolonização, funções que abandonou a seu pedido em Agosto desse ano.

O embaixador Fernando Reino presidiu em 1976 à Comissão de Reestruturação do MNE, tendo apresentado no ano seguinte o relatório final da mesma.

Entre 1980 e 1981 foi chefe da Casa Civil do Presidente da República, general Ramalho Eanes.



Soares e Pedro Pires

Com deputados PS, PSD e CDS

Jantar de cortesia Soares-Pedro Pires

Desde hoje em Madrid, para uma visita oficial de quatro dias a Espanha, a convite do governo de Felipe Gonzalez, o primeiro-ministro de Cabo Verde, Pedro Pires, jantou ontem, na escala em Lisboa, com o chefe do Executivo português, Mário Soares.

Pedro Pires acentuou, à sua chegada, aos jornalistas, que o convite de Soares era de «cortesia» pois «não há nenhuma questão ligada à recente cimeira dos Chefes de Estado dos cinco países africanos de língua oficial portuguesa, nem relacionada com as relações bilaterais».

Sobre a cimeira, o dirigente cabo-verdiano frisou que a declaração dos «cinco» em S. Tomé não é dirigida expressa-

mente ao Executivo português, antes se limitou «a constatar um facto e a exprimir uma preocupação» relativamente ao apoio dado por cidadãos portugueses e meios políticos, económicos e financeiros aos movimentos oposicionistas de Angola e Moçambique.

Pires abordou também a próxima chegada ao seu país de oito «etarras» que o governo cabo-verdiano se comprometeu a acolher durante seis meses.

Pedro Pires não identificou os militares da ETA-Militar, cujo destino final será, em princípio a ilha de São Vicente. Observadores políticos afirmaram a possibilidade de Cabo Verde vir a retirar contrapartidas económicas

de Espanha e França, por esse seu gesto alegadamente humanitário.

Pedro Pires falou aos jornalistas na residência oficial do Primeiro-Ministro, em S. Bento, antes de participar num jantar oferecido por Mário Soares.

Foram ainda convidados de Mário Soares no jantar, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, o secretário de Estado da Cooperação, Gaspar da Silva, os deputados Manuel Alegre, Rui Mateus (PS), Luís Fontoura (PSD) e Adriano Moreira (CDS) e o responsável da Fundação Gulbenkian para a cooperação com África, Vítor Sá Machado, também dirigente do CDS.

Totoloto e MDF em Conselho de Ministros

O debate do diploma sobre a criação em Portugal do Totoloto e a declaração da metalúrgica Duarte Ferreira em situação económica difícil, são dois dos temas da agenda da reunião do Conselho de Ministros — informou uma fonte oficial, citada pela agência NP.

Outro ponto da agenda do Conselho de Ministros é a aprovação de um novo diploma sobre a propositura de condecorações, em substituição de um anterior que fora vetado pelo Presidente da República.

O Governo pretende retirar ao Presidente da República a iniciativa em exclusivo, da propositura das condecorações portu-

guesas. O diploma em questão repõe as competências do Conselho de Ministros, do Primeiro-Ministro e dos ministros nessa matéria.

Em 3 de Julho do ano passado, o Governo tinha aprovado um diploma sobre este assunto, mas o Presidente da República «chumbou-o».

As condecorações portuguesas são dez: Ordem Militar da Torre e Espada, Ordem Militar de Avis, Ordem Militar de Cristo, Ordem Militar de Santiago da Espada, Ordem da Liberdade, Ordem Nacional do Império, Ordem da Instrução Pública e Ordem do Mérito Agrícola e Industrial.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

6.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilatação de vinte dias, que se começará a contar da data da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio.

Execução Sumária n.º 46, 2.ª Secção. Exequentes — Banco Pinto & Sotto Mayor, EP, com sede em Lisboa.

Executado — Luís Maria de Jesus Arana, residente na Urbanização Terpinha, Lote, 14-1.º, C, em S. Domingos de Rana, Parede.

Lisboa, 15 de Fevereiro de 1985.

O JUIZ DE DIREITO

(J.M. Carvalho Pinheiro)

O ESCRIVÃO ADJUNTO

(Fátima Valadas Campanço)

DL 21/2/85 — 1.ª Pub.

Lucas Pires sobre o Congresso do CDS

Nova direcção deve ser formada na base da confiança política

A nova direcção do CDS a eleger na sequência do Congresso que se realiza no próximo fim-de-semana, em Aveiro, «deve ser formada na base de uma relação de confiança política recíproca».

Quem o diz é Lucas Pires que garante não haver intenção de «excluir ninguém e há mesmo a intenção de aproveitar melhor todas as contribuições positivas que possam ser dadas».

Contra as críticas que têm vindo a ser feitas à organização do conclave centrista, Lucas Pires, pelo contrário, considera que este é o primeiro Congresso aberto do CDS e por aí se vê a exigência de democraticidade e transparência que houve.

«Estou certo — afirmou — que será um momento de unidade e amizade entre os militantes do partido e pela minha parte farei com que sejam as questões do País a estarem, sobretudo, presentes nas discussões e decisões de Aveiro».

O presidente da Comissão Política do CDS considerou depois ser sua principal preocupação dar conta dos resultados que obteve durante os dois anos em que esteve à frente do partido.

«Em primeira lugar — prosse-

guiu — o partido ultrapassou a sua maior crise de sempre, manteve-se como grande partido nacional e preservou a sua unidade, praticamente sem dissidências e até com um número substancial de adesões» — sublinhou.

O dirigente democrata-cristão salientou que o CDS «terá sido o único partido que cresceu em número de eleitores» e citou a propósito os resultados das eleições locais entretanto realizadas.

Afirmou que o partido se definiu nos últimos dois anos como alternativa de oposição democrática e edificou as bases de «uma terceira força contra o bloco comunista e contra o bloco central socialista e o eanista».

«As minhas propostas para os próximos dois anos visam reunir um grupo dirigente activamente solidário à volta da mesma política, alargar a implantação e mobilização do CDS de modo a torná-lo um partido de maioria relativa e apresentar-se com uma posição própria nas próximas eleições presidenciais, locais e legislativas» — frisou.

Lucas Pires disse ainda que o CDS pretende indicar o Primeiro-Ministro, representar todos os democratas-cristãos e

liberais e ser o maior partido de uma nova maioria de reforma e mudança nacionais».

O presidente da Comissão Política do CDS tem sido alvo de críticas de actuais dirigentes do CDS (casos de Azevedo Soares e Basílio Horta) que integrando a sua equipa venceram há dois anos o quinto Congresso do partido.

Luís Barbosa, antigo dirigente do CDS e o grande vencedor do anterior Congresso, é outra das personalidades do partido que tem assumido publicamente a oposição a Lucas Pires.

«O mais amplo de sempre»

O actual secretário-geral do CDS, Vieira de Carvalho, escusou-se ontem a comentar recentes críticas de dirigentes do partido à liderança de Lucas Pires.

Vieira de Carvalho falava, em Aveiro, numa conferência de imprensa de apresentação do Congresso centrista que contou também com a presença de Carlos Nunes da Silva e Horácio Marçal, todos eles ligados à organização do Congresso.

Ao referir-se à reunião magna dos centristas, revelou que vai

contar com a participação de 1232 delegados, sendo 62,2 por cento dos delegados eleitos a partir da base e 37,8 por cento devido a cargos de inerência.

«Este Congresso vai ser o mais amplo de sempre na história do CDS, assim como genuíno e participado», sustentou.

O VI Congresso do CDS, que se inicia amanhã à tarde, será o primeiro aberto à imprensa, o primeiro realizado fora de Lisboa e Po.fo e o primeiro a ser autofinanciado, devendo reunir 1300 congressistas e mobilizando um total de três mil pessoas.

De acordo com os organizadores, a capacidade hoteleira encontra-se esgotada desde Espinho ao Buçaco.

Na conferência de imprensa, Vieira de Carvalho, afirmou ainda que o partido não está em crise e, se essa existe, «é de crescimento pois o CDS tem mais 46,6 por cento de militantes».

Mulheres reivindicam participação

As mulheres do CDS reivindicaram uma presença «dignifi-

cante e forte» nas listas que concorrem aos órgãos directivos do partido a eleger no Congresso que se efectua no fim-de-semana.

Em carta dirigida ao actual líder, Lucas Pires, as mulheres do CDS (a organização feminina do partido) consideram não ser democrático excluir das listas as mulheres «que necessariamente não terão de pertencer» àquela organização.

O documento afirma que o «único desafio possível capaz de modificar o actual panorama democrático português» e de criar uma base de apoio para o partido «será a participação activa, a todas as instâncias, da mulher portuguesa».

«O CDS terá por conseguinte de se apresentar perante o país real com a representatividade do país real que Portugal é e dos valores humanos que este incorpora», refere o comunicado.

A carta frisa ainda que «não faz qualquer sentido que mais uma vez apareçam listas ao Congresso para a eleição dos órgãos de cúpula do partido (...) despidas da presença dignificante e forte da mulher portuguesa».



Lucas Pires



Rui Machete

«Agora terei de trabalhar mais!...»

Rui Machete transforma transitório em definitivo

Rui Machete oficializou ontem a sua situação: de ministro da Defesa provisório passa a ministro da Defesa definitivo. Comentando junto da imprensa os motivos que o levaram a envolver por uma via que não queria — acumular a pasta de vice-Primeiro-Ministro com a de ministro da Defesa —, Rui Machete disse: «havia um problema de tempo. Agora terei de trabalhar mais e organizar-me melhor».

Rui Machete fez estas declarações no final da reunião que teve com as chefias militares, reunião classificativa como «normal» e de «trabalho».

Referindo-se à remodelação ministerial que ainda está por completar, Rui Machete decla-

rou que o Governo ficará completo «o mais urgentemente possível» e que «estão praticamente concluídas» as equipas ministeriais que ainda não estavam prontas quando da tomada de posse dos novos membros do Governo, ou seja, as dos Ministérios do Mar e da Educação.

Segundo informações obtidas pelo «DL», não é líquido que Faria dos Santos, secretário de Estado das Pescas antes da remodelação, venha a recuperar as funções que exercia. Declarações suas à Rádio Renascença, dando conta promenorizadamente de conversas telefónicas tidas com o líder do PSD, Rui Machete, terão irritado este último e favorecido o campo da-

queles que advogam, desde há muito, a sua saída do Governo. Reside aliás no «caso» Faria

dos Santos o adiamento para o início da próxima semana, considerado como «quase certo», da

tomada de posse dos secretários de Estado dos Ministérios do Mar e da Educação.

Referendo interno do PSD

«Uma escancarada burla!» — comenta deputado social-democrata

O deputado social-democrata, Costa Andrade, qualificou ontem em Coimbra o projectado referendo interno no PSD como «uma escancarada burla».

Em declarações à ANOP, salientou: «Tal como está proposto, o referendo é, tanto do ponto de vista técnico como no ponto de vista ético-político, uma escancarada burla».

Considera que, para ter validade técnica e política, uma consulta desse tipo «não poderá deixar de identificar pelo nome, fotografia e, curriculum, político os candidatos a sufragar, à semelhança do que acontece nas eleições presidenciais».

Costa Andrade disse, por outro lado, que «o abaixar de Badeiras» proposto pelos actuais dirigentes do PSD «lembra o cinismo daquele ladrão de fábula que proclamava, depois do último assalto, que a partir dali acabaria o roubo e todos respeitariam a propriedade alheia».

Depois de afirmar que numa fase de pré-congresso nada é mais adequado do que o confronto saudável de ideias e projectos e alternativas, salientou que «só depois de descer o pano sobre as votações do congresso» é que «as bandeiras se

devem abater, renunciando-se a toda a guerrilha indecorosa e a todas as formas avitrantes de quebra de solidariedade».

«A esta luz, a actual liderança do partido está, no seu conjunto, longe de ter as mãos limpas», concluiu Costa Andrade que, além de deputado, é também docente na Faculdade de Direito de Coimbra.

Referendo contempla «apenas o perfil...»

A Comissão Política do PSD aprovou ontem o regulamento do referendo interno sobre as eleições presidenciais, a realizar em 29 de Março, e decidiu que o congresso do partido, a decorrer em Maio, funcionará por secções.

O porta-voz da comissão política, António Capucho, em declarações aos jornalistas, afirmou que o regulamento do referendo tem em vista a «participação activa dos militantes e a isenção do processo».

Sobre o referendo, António Capucho afirmou ainda que ele não se destina a escolher o nome do candidato do PSD às presidenciais, mas apenas o seu perfil.

Depois de salientar que os dirigentes sociais-democratas não

devem assumir posições quanto ao candidato presidencial, António Capucho frisou uma realidade: «Nunca indiquei ou sugeri qualquer nome de candidato à Presidência da República, em recente entrevista à Antena Um (RDP). Apenas me limitei a referir nomes que, devido às funções que ocupam no Partido, podem ser abrangidos por um leque de hipóteses».

António Capucho disse, ainda que a substituição dos secretários de Estado dos Ministérios do Mar e da Educação não foi abordada na reunião, uma vez que Rui Machete e a Comissão Permanente do PSD foram mandatados para decidir nessa matéria.

Sobre o caso do ministro da Qualidade de Vida, Sousa Tavares, o porta-voz da Comissão Política do PSD admitiu que o assunto viesse a ser debatido na comissão política.

Sousa Tavares encontrou-se com Rui Machete durante alguns minutos, na sede do PSD, antes do líder social-democrata entrar para a reunião. Consta, aliás, que Sousa Tavares formalizou junto de Rui Machete o seu pedido de demissão do cargo de ministro da Qualidade de Vida.

O TOTOBOLA PAGA O MAIOR PRÉMIO DE SEMPRE

Seis olhos a imaginar o que fazer com todos aqueles maços de notas que se iam avolumando no balcão...



Eram estas as expressões de rara felicidade do trio comandado pela Sr.ª D. Maria Esperança Soares, signatária do bilhete premiado com o maior prémio de sempre do TOTOBOLA — 27.477.738\$00, no Concurso n.º4, de 27 de Janeiro.

Aos balcões do Banco Nacional Ultramarino, na Baixa da Banheira, os felizes premiados sorriam e imaginavam o que fazer com aquelas notas todas...

Comece já você também a imaginar o que faria se acertasse em cheio no TOTOBOLA. E lembre-se: só não sai a quem não joga!

Artilheiro da República faz cem anos em Setúbal

João Albino conta como caiu a bandeira do rei

«A três de Outubro de 1910 corria um rumor sobre o cinco de Outubro e no São Rafael havia um grupo de revoltosos no qual eu também participava...» João Albino tinha 25 anos e era segundo artilheiro. Cinco anos antes descera lá das bandas de Trancoso para ser marinheiro e para esquecer uma mocidade de que nem se quer lembrava. Hoje evoca um passado distante e as palavras correm-lhe límpidas e lúcidas da memória fresca. Sentado na cama, não que esteja doente mas porque não gos-

Já lá vão muitos anos mas João Albino lembra-se como se fosse ontem. A sua participação nos acontecimentos do cinco de Outubro foi modesta mas a História já reteve os seus «feitos heróicos». Na descrição que faz dos factos o seu papel é o de um simples segundo artilheiro que «queria acabar com a miséria da Monarquia».

«Feitos heróicos»

O diploma de comendador da Ordem da Liberdade que lhe foi atribuído pelo Presidente da República em 1980 diz que a condecoração se deve a «feitos heróicos, em 5/10/1910, quando com os seus camaradas marinheiros a bordo do S. Rafael iniciou a revolta que deu início ao derrube da monarquia».

Ontem, em casa da filha com quem vive há cinco anos, em Setúbal, o alferes Albino deu ao «DL» o seu testemunho da História.

«No dia quatro de Outubro eu entrava de serviço à meia noite e o navio ficava quase só por minha conta. Os 10 a 12 camaradas do grupo começaram a chegar e as espingardas e pistolas estavam à proa do navio. Nessa altura eu já tinha ido buscar a pólvora seca aos paióis de que também era encarregado. A pólvora servia para dar o sinal e à uma da manhã demos os dois tiros para os de terra sabermos que estávamos com os revoltosos. O comandante, o oficial e o sargento de dia estavam a bordo e, tal como os praças, levantaram-se logo.»

João Albino empenha-se no relato, acompanha-o com amplos gestos das suas mãos ossudas e permite todas as interrupções. As duas filhas e o filho que o ouvem (a mais velha de todas tem 71 anos e a mais nova 55) lançam frequentes pistas que enaltecem a acção do centenário progenitor, mas este prefere os caminhos da sua simplicidade. Em resposta às perguntas que vão surgindo espraia-se por outras recordações mas regressa sempre ao seu norte.

O seu tom é de certezas e as incursões dos filhos na narração não o demovem da sua visão dos factos. Por vezes diverge de um deles numa data ou num determinado pormenor e acaba sempre por provar que a razão é sua.

Alho e água mineral

Está sentado na cama, ao lado tem a bengala com que se ampara a andar, o óleo de alho cru e o copo de água mineral tomada a horas certas. Além destes «medicamentos» tem uma caixa cheia de remédios «num canto qualquer» e está rijo que nem um pêro. Considera-se o seu próprio médico, mas não tem receitas de longevidade para ninguém. Se sente que alguma coisa vai mal faz ligeiras alterações à sua dieta — que só não admite fritos e carne de porco — e tudo volta à normalidade.

Fumar e beber são coisas com que acabou há muito e confessa que nunca comeu nem bebeu demasiado. Segundo diz, em tempos teve reumático «mas isso passou». Nunca se sentiu tão bem como depois dos 95 anos e ainda não pensou em morrer. «Tanto se me dá morrer hoje como amanhã», comenta.

Entre os poucos desejos que acalenta está o de que tudo conti-

nue a correr bem à família e o de «levar a bandeira nacional por cima, se puder ser». Além disso joga todas as semanas na lotaria e no totobola, «para os netos», afirma.

Mas naquela noite remota de 4 de Outubro o segundo artilheiro 2724 estava no seu posto e a bandeira da monarquia presa por um fio. João Albino seria pouco depois um daqueles cujos tiros certos fariam cair o símbolo do passado e ajudariam a erguer a esperança do tempo novo.

«Depois do nosso sinal para terra, o comandante diz ao terceiro para tocar a formar», prossegue o nosso interlocutor. «A guar-

ta do frio, é um homem sereno e seguro de si. Na modéstia que exhibe em cada frase arreda louros que não lhe pertencem, mas tem orgulho naquilo que fez e na comenda da Ordem da Liberdade que recebeu. Tranquilamente espera o sol que já lá vem e os passeios que ele traz. Considera-se feliz e continua a acreditar no progresso e naquilo que o tempo faz. Hoje, 21 de Fevereiro, de pé, no meio de 7 filhos, 12 netos e 14 bisnetos festeja o século, o seu século.

histórico. Nem uma palavra sobre a queda da bandeira, nada sobre o seu lugar atrás do canhão.

Historiadores há, porém, que dão outro ênfase a estes tiros e sublinham aquele, certo ou de acaso, que cortou em duas a corda que no mastro retinha a bandeira da realeza. Com ele caiu o estandarte no palácio do rei e com ele esmoreceu o brio dos seus partidários.

Quem foi, quem não foi que o deu, pouco interessa e certeza não pode haver. Mas uma coisa é verdade e João Albino sabe-o melhor que ninguém: ela era de um dos três marinheiros que durante um quarto de hora fizeram

vida decorrerá tranquila ainda que cheia de dificuldades, mas sem vergonha.

Política pouco mais fará, vota, já velho, em Humberto Delgado e finalmente vem o 25 de Abril. Tinha 90 anos e disse para mim: posso morrer descansado que já fica a República implantada de novo.

Mas lá para trás, na sua memória e nas dos quatro filhos já então nascidos, ficou porém a segunda e a derradeira revolta do antigo artilheiro Albino. Foi a segunda, diz ele, contra o Estado Novo e acabou por morrer no ovo.

Mas Albino cumpriu.

Foi em 10 de Julho de 1928 e o



João Albino com três dos seus sete filhos

nição formou, os revoltosos ficaram à proa e gritaram: Eh rapazes vamos implantar a República. Os formados ficaram conforme estavam e o comandante, o almirante Policarpo de Azevedo, desceu ao poiol quando o viu aberto. «Quem é que está aí?», perguntou. A resposta foi um tiro de pistola que lhe atingiu o braço.

Nessa altura os revoltosos disseram-lhe: «prepare-se para descer a terra» e depois levaram-no ao Cais do Sodré no escaler mais o oficial e o sargento de dia. Conforme estava combinado, pelas 3.30 chegou de terra o 2.º tenente Tito de Moraes (pai deste Tito de Moraes) e tomou conta do navio».

João Albino explica-nos que só sabia que ia chegar um comandante revoltado durante a noite, mas não conhecia o seu nome. Nos preparativos da revolta, esclarece, a sua acção limitou-se à participação em algumas reuniões no São Rafael e a ligação com o exterior era mantida por dois camaradas seus.

Um tiro para a história

«Com a chegada do oficial indigitado para nos comandar correu tubo bem. No dia 4, às nove e meia da manhã, o comandante mandou seguir o São Rafael para Alcântara e ficámos em frente ao Palácio das Necessidades, onde estava a bandeira monarca.

Mandaram-nos dar tiros de artilharia para o palácio e depois veio a informação de que já não havia lá ninguém da família real. O comandante então disse para suspender fogo e o barco veio de novo fundear diante do Terreiro do Paço, onde ficámos todo o dia com grande vigilância sobre terra e mar. Durante esse tempo tudo correu sem alterações».

Rapidamente, como um episódio insignificante, o antigo artilheiro passa assim por cima do tiro

fogo sobre as Necessidades.

Então, senhor Albino, e o tiro na corda da bandeira?, interrogámos.

«Ah pois, responde, acertámos lá mas não sei se fui eu ou um dos outros, mas isso foi o menos porque já não havia ninguém lá no palácio».

E logo de seguida regressa ao Tejo. «Passámos o resto do tempo em frente ao Terreiro do Paço e, no dia 5, pelas 9 e meia, 10 horas, veio uma avalanche de gente dar vivas à República e à Marinha. Os rapazes do São Rafael subiram aos mastros e gritaram também: viva a República e viva o povo de Lisboa». Concluindo, remata: «Isto foi o cinco de Outubro e não houve mais complicações».

Mais tarde, a 11 de Novembro, recorda, «os rapazes que tomaram parte na revolta foram colocados na Guarda Republicana e promovidos a primeiros cabos e a segundos sargentos». O 2.º artilheiro Albino passou a 1.º cabo e, depois, a segundo sargento. Durante sete anos esteve no Quartel do Carmo e posteriormente foi comandante do posto de Aldeia Galega, o actual Montijo.

Em 1922, porém, questão de serviço, disse para consigo próprio: «Não faço mais serviço na guarda». E palavra de homem é assim.

Papelada tratada rapidamente e temos o segundo sargento reformado como alferes, ao abrigo do decreto 1058, no mesmo ano de 1922.

25 de Abril: «posso» morrer descansado

A reforma é baixa (72 escudos) e a vida já é difícil. Os filhos já correm pelos caminhos de Setúbal e Albino dedica-se ao comércio. Até 1954 será merceiro e a sua

alferes reformado estava na sua mercearia quando entendeu que devia pegar em armas com os do efectivo. Na sua resolução pesou



Foto de um grupo de marinheiros do São Rafael reproduzida do Relatório de Machado dos Santos sobre o 5 de Outubro. João Albino é um deles

um capitão, Barroso de nome e pai da mulher de Mário Soares, homem considerado pelo então merceiro. Mais tarde as coisas mudaram um pouco: eu fui preso e ele safou-se porque nem chegou a ir ao Barreiro.

Albino foi lá com os seus e sob o comando do capitão Salgueiro (um antigo cabo sinalheiro do S. Rafael), que levou a Companhia de Infantaria 11, chegaram a cortar os vapores para Lisboa. Corria tudo muito bem, lembra. Mas pelas 15.30 h veio do Comité da Revolução a informação de que estava tudo perdido e que eles já se tinham entregado, o capitão Salgueiro que fizesse o que quisesse. Perante isto, o Salgueiro pegou na força que tinha no seu comando e entregou-se à Marinha. Eu, que não era do efectivo, segui o meu caminho e fui ficar a Grândola nessa noite.

Deportado para Angola

Conforme previu as coisas não ficaram por ali. A Setúbal chegou a convocatória do Comando-Geral e, depois de umas pequenas perguntas mandaram-me para a Trafaria. Mais umas perguntas e fica um mês do lado de lá do Tejo e mais dois em São Julião da Barra e Caxias.

Mas o pior estava para vir. Um belo dia, ainda em Caxias, vem a ordem de deportação e as guias de marcha para Angola.

Desta vez a sorte vem também

e com os bons ofícios de um capitão da aviação, moço esperto, a deportação foi anulada. Como castigo ficou porém a expulsão do exército, a perda da reforma e a residência fixa em Vendas Novas.

Por mim não me importava de ir para Luanda ou para Vendas Novas, o pior eram os meus filhos que não tinham ninguém. Novo golpe de sorte e João Albino consegue regressar a Setúbal apesar de ter residência fixa em Vendas Novas.

Dois anos depois, outra vez a boa estrela e o merceiro de Setúbal é reintegrado no exército, com a sua pensão de Alferes, graças a um decreto então publicado.

A partir daí foi a vida, sempre a vida. Desta vez mais calma mas sempre humilde. Os filhos foram-se criando sem ser à vergonha de ninguém, casaram-se, vieram os netos — o mais velho deles tem 54 anos, é delegado da TAP em Luanda e tenho muita pena que não esteja cá amanhã — e tudo se foi fazendo.

Um conselho para os jovens amigo Albino: Se fosse a eles fazia a diligência de ser bom homem e procurava instrução para continuar para a frente, isto assim não tem pés nem cabeça mas há sempre esperança. É preciso trabalhar.

Longa vida, artilheiro Albino.

José António Cerejo (texto)
Rui Pacheco (foto)

LEIA AMANHÃ NO SEMANÁRIO «TEMPO»

Entrevistado em Paris JACQUES CHIRAC

fala em Portugal, dos emigrantes portugueses em França, da adesão de Portugal e da Espanha ao Mercado Comum e de vários outros temas de actualidade candente.

A primeira entrevista concedida pelo líder da Oposição francesa a um jornalista português.

Lisboa deixou-os morrer aos poucos

Quiosques "ressuscitam" em emissão de selos

Quiosques de Lisboa, que animavam, no século XIX, praças e jardins, vão figurar numa emissão de selos que os CTT colocam em circulação no próximo dia 19 de Março.

As estampas ilustram os característicos quiosques da Rua Artilharia Um, do porto de Lisboa, do Tivoli e da Calçada Ribeiro dos Santos.

Os selos têm uma tiragem de

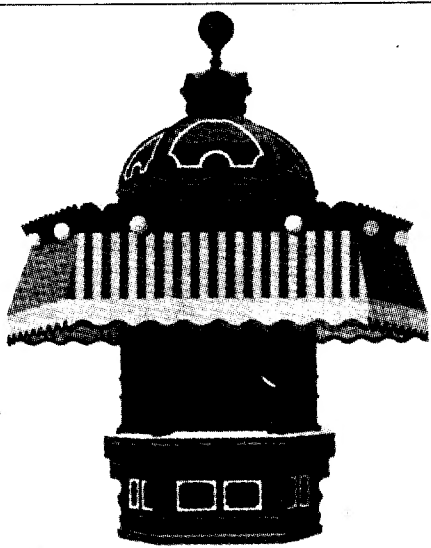
um milhão de exemplares e são todos no valor de 20 escudos.

O modelo dos quiosques, que no século XIX apareceram paralelamente com os coretos destinados às bandas de música, veio do Oriente, tendo chegado à Europa, através da Turquia onde os «Kiochks» eram pavilhões colocados em lugares frescos procurados para repouso e meditação.

O mais antigo quiosque de Lisboa implantou-se no Rossio em 1868 a pedido da figura da boémia lisboeta: Tomás de Melo.

Chegaram a coexistir 30, no princípio do século, animando avenidas e espaços ajardinados, todos construídos por uma empresa especializada da época Casa J. Lino e C.ª.

Os quiosques, ainda que variantes quanto a decoração, são essencialmente constituídos por um corpo prismático de quatro, seis ou oito faces, compondo-se de uma base em madeira ou pedra, sobre a qual pousa o balcão e uma parte superior de vidro rasgada por janelas protegidas por persianas de madeira ou talpiais.



Um velho "cavalo de batalha"

Querem mudar cara e coração ao Terreiro do Paço

A recuperação da Praça do Comércio em termos de fisionomia e vivência da cidade é um dos objectivos do projecto de ordenamento de superfície daquela zona, aprovado pela Comissão Executiva dos Transportes de Lisboa (Cetli).

Este projecto, da autoria de Câmara Municipal de Lisboa, pretende também a optimização do sistema de paragens e de terminais de transportes públicos e a segregação do tráfego.

A Cetli, ontem reunida, aprovou também o projecto de ordenamento de superfície dos Cais

do Sodré, ao abrigo do qual será feita a refinação da rede e da circulação viárias no largo, na zona contígua do lado nascente e junto ao rio.

A revisão, que deverá ser desenvolvida até ao fim de Março pela Câmara Municipal de Lisboa, em colaboração com outras entidades, deverá ainda ter em conta a necessidade de compatibilização das necessidades do terminal fluvial e da circulação viária.

A Comissão Executiva dos Transportes de Lisboa foi criada

com o objectivo de fornecer respostas às questões relacionadas com a gestão corrente dos transportes públicos e da circulação, estacionamento e sinalização, procurando-se conseguir «uma plataforma de participação, diálogo e concertação entre os organismos das administrações central e local».

Fazem parte da Cetli as Direcções-Gerais dos Transportes da Viação, a Câmara Municipal de Lisboa, a Divisão de Trânsito da PSP de Lisboa, a Carris e a Rodoviária Nacional.

Continua o "baile" nas escolas

Telheiras e Cartaxo reabrem D. Amélia e Oeiras fecham

As escolas secundárias de Telheiras e Cartaxo reabriram hoje depois de, respectivamente, estar construído o viaduto sobre a segunda circular, e de terem sido feitas as necessárias vistorias pela Direcção-Geral do Equipamento Escolar. Entretanto, mais dois estabelecimentos de ensino irão engrossar a já longa lista de escolas fechadas: os alunos dos liceus Rainha D. Amélia e de Oeiras têm férias de Carnaval prolongadas por não existirem condições de segurança. Assim continua o «baile» das escolas: umas abrem, outras fecham.

Encerrada desde 23 de Janeiro, como protesto contra a falta de uma passagem aérea que ligasse a escola à zona de onde são oriundos a maioria dos alunos, a Secundária de Telheiras tinha para hoje marcado o reinício dos trabalhos escolares.

Também hoje, depois dos trágicos acontecimentos de 25 de Janeiro, reabriu a Secundária do Cartaxo. Uma fonte do Conselho Directivo daquela escola precisou ao «DL» que ainda faltam fazer reparações no equipamento, mas que a Direcção-Geral do Equipamento Escolar garantiu, por escrito, que se en-

contram reunidas todas as condições de segurança.

Facto importante é que o Conselho Directivo, suspenso por José Augusto Seabra, mesmo antes de serem conhecidos os resultados do inquérito, foi, por decisão do novo titular da pasta da Educação, readmitido nas suas funções. Em despacho, e numa das suas primeiras acções como ministro, João de Deus Pinheiro revogou a decisão do seu antecessor, no que é considerado pelo Sindicato dos Professores da Grande Lisboa como uma «vitória da razão e da luta dos professores».

Novos encerramentos

Entretanto, os cerca de mil e cem alunos da Escola Secundária Rainha D. Amélia vão ter férias prolongadas de Carnaval, devido à falta de segurança naquele estabelecimento de ensino. De acordo com um dos elementos do Conselho Directivo, as últimas chuvas provocaram infiltrações de humidade na instalação eléctrica.

Total degradação e ameaça de ruína num edifício que conta 30 anos está na base da decisão do CD da Escola Sebastião e Silva, de Oeiras, em manter as portas fechadas até que uma vistoria ou termo de responsabilidade seja assinado pela Direcção-Geral de Construções Escolares.

Fenprof solicita audiência ao novo ministro

A Federação Nacional dos Professores pediu uma reunião urgente ao novo ministro da Educação, João de Deus Pinheiro, para análise dos problemas do sector.

Em carta dirigida àquele membro do Governo a Federação Nacional dos Professores afirma que «deseja vivamente que a um novo ministro corresponda um efectivo virar de página num dos períodos mais negros da história da Educação no pós-25 de Abril».

A Fenprof propõe-se enviar ao ME um conjunto de medidas que considera prioritárias no referente

à situação profissional dos professores.

«Conhecemos a gravidade da situação escolar», salienta aquela estrutura sindical, sublinhando que não enjota «as nossas responsabilidades e o nosso dever perante os jovens e o País de dar o nosso contributo para o encontrar das cada vez mais difíceis saídas para a crise profunda que afecta o sistema de ensino».

Também a Federação Nacional dos Sindicatos dos Professores solicitou ao novo ministro uma reunião urgente.

Bombeiros exigem maior participação do Estado

Doentes vão pagar serviços de ambulância depois de 31 de Março

As corporações de bombeiros portugueses passam a cobrar directamente os serviços de ambulâncias, se até 31 de Março não forem satisfeitas as suas reivindicações, afirmou ontem o presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses.

A decisão, tomada em assembleia plenária de todas as federações, fixa o dia 31 de Março como prazo para verem satisfeita a sua reivindicação de uma participação de 25 escudos por quilómetro no transporte de doentes em ambulâncias.

Para o comandante Manuel Manta, «só um Conselho de Ministros vocacionado para uma resolução política do problema pode solucionar o transporte de doentes em ambulância».

Até agora, as negociações com a Direcção-Geral dos Cuidados Primários não deram quaisquer resultados, já que a Direcção-Geral contrapõe, apenas, um aumento de 20 por cento à participação actual.

«Durante 1984, os bombeiros usufruíram de uma participação de 12 escudos e 50 centavos por quilómetro e de um sub-

sídio de combustível concedido pelo Ministério da Administração Interna, que cessou em 1 de Janeiro de 1985», adiantou o comandante Manuel Manta.

«É um problema político — continuou — pois se o MAI poupa cerca de 250 000 contos, essa verba poderia ser transferida para o Ministério da Saúde, que continua a não oferecer mais que os 20 por cento de aumento».

O comandante Manuel Manta afirmou à ANOP que os bombeiros são apenas «subsidiados em casos de fogo e calamidades pelo que a participação actual causa grandes problemas financeiros às corporações».

«As corporações estão por vezes cinco meses à espera dos pagamentos e há casos de pagamentos de Setembro e Outubro ainda não efectuados, além de ser necessário pagar ordenados (mínimo nacional) aos motoristas, o que, agravado com o preço dos combustíveis, se torna insustentável», concluiu Manuel Manta.

Mesmo no parque automóvel, segundo o presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses, «as corporações têm graves

problemas, já que é da sua responsabilidade o seguro contra todos os riscos de cada ambulância, para o qual nem sempre há dinheiro».

Contudo, de acordo com o responsável da Liga, «há hospitais que já pagam a 25 escudos por quilómetro, quando o serviço de ambulância é requisitado pelo próprio hospital, e mesmo alguns Centros Regionais de Segurança Social estão já a pagar a importância de 20 escudos por quilómetro percorrido».

Apesar da reunião de 13 de Fevereiro com a Direcção-Geral dos Cuidados Primários não ter dado lugar a qualquer acordo, Manuel Manta garantiu que «os bombeiros não vão parar».

«Caso, a partir de 31 de Março, surja qualquer doente sem dinheiro para pagar o transporte de ambulância, as corporações de bombeiros farão o transporte e aguardarão que o pagamento seja efectuado pelos serviços de Segurança Social, mas nunca um doente ficará sem transporte».

Uma nova reunião está marcada para hoje, numa tentativa de desbloquear a situação.

Alternativa é devolução

Câmara da Figueira despeja Finanças

A Câmara Municipal da Figueira da Foz deliberou o despejo administrativo das Repartições de Finanças e Tesouraria da Fazenda Pública existente em instalações do município.

Este despejo administrativo acontecerá se o Ministério das Finanças não devolver as referidas instalações até ao dia 30 de Junho.

Na base da decisão tomada, o município da Figueira da Foz invoca a «imperiosa necessidade do espaço ocupado pelas Repartições de Finanças e Tesouraria da Fazenda Pública», além da reestruturação global dos serviços que se fez depois das novas atribuições autárquicas.

O município refere que aceitou a verba mensal de 75 mil escudos para renda das instalações desde Março de 1983, e que exigiu o pagamento dos retroactivos desde Março de 1977, o que até hoje não se concretizou.

Pedida sindicância à Junta de Macedo

A Assembleia de Freguesia de Macedo, concelho de Ovar, solicitou ao Governo Civil uma sindicância às actividades da autarquia — anunciou a Junta de Freguesia.

A deliberação, tomada no passado dia 5, deve-se ao facto de o tesoureiro Álvaro Ferreira dos Santos ter acusado, em Assembleia, o presidente Manuel Alves Pereira de utilizar em proveito pessoal cerca de dois mil contos pertencentes à autarquia.

Em declarações à ANOP, o presidente da Junta, eleito pelo CDS, negou a acusação e acrescentou que pediu ao tesoureiro, também do CDS, um empréstimo a juros, a título particular, por três meses.

PARA QUEM DESEJA SABER

PARA SI... PROFESSOR
PARA SI... ESTUDANTE
PARA SI... LEITOR

NOVIDADES DA **coleção SABER**

INICIAÇÃO NA LITERATURA PORTUGUESA

António José Saraiva

O livro que veio substituir a famosa *História da Literatura Portuguesa*. Uma obra indispensável a todos os professores e alunos.

HISTÓRIA DA GEOGRAFIA

René Clozier

Existe uma espécie de contrato entre o Homem e o canto da Terra que habita. É dessa relação entre o Homem e o meio físico, ao longo da História, que esta obra nos fala.

ESTATÍSTICA MATEMÁTICA CLÁSSICA — AS IDEIAS

Gustavo de Castro

Uma introdução às subtilidades da Teoria do Acaso. Um livro para o homem inteligente que se cultiva e para o estudante que principia.

AS TRANSFERÊNCIAS DE TECNOLOGIA

René-François Bizet

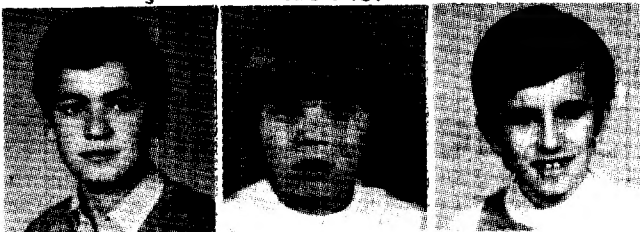
Como se processam, como se iniciam, o que são e qual a sua importância para a vida económica dos países. Em apêndice à edição portuguesa a regulamentação da importação contratual de tecnologia em Portugal e no Brasil.



PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

de ontem para hoje

Presidente da República
na atribuição dos Vale Flor



O Presidente da República presidirá no próximo dia 27 à cerimónia de atribuição dos prémios Vale Flor a três jovens que efectuaram salvamentos pondo em risco a sua própria vida. Os agraciados são Vítor Manuel Cachapa, de 13 anos, Sónia Marina da Silva Rodrigues, de quatro, e Bruno Miguel Soares de Almeida, de oito. O primeiro retirou, em 27 de Abril de 1984, na Reboleira Sul, duas crianças de uma barraca em chamas e a Sónia Marina salvou uma irmã de dois anos que tinha caído a um tanque. Quanto a Bruno Miguel, salvou um irmão das águas de um tanque com 1,20 metros de profundidade.

Movimento de estrangeiros em Portugal

Em Janeiro passado entraram em Portugal 379.736 estrangeiros, número que representa um acréscimo de 8,1 por cento relativamente a igual mês de 1984. Segundo dados fornecidos pela Direcção-Ge-

ral de Turismo, cerca de 75 por cento das entradas foram de espanhóis, que totalizaram 286.392, isto é mais 7,5 por cento que em período idêntico de 1984. Por terra entraram 300.442 estrangeiros, por ar 69.428 e por mar 9866.

Armas apreendidas pela GNR

A GNR apreendeu durante o mês passado 25 armas de fogo, uma das quais de guerra. Segundo o Comando-Geral daquela força paramilitar, tratam-se de armas em situação ilegal, das quais dez têm o calibre 6.35. No mesmo período a GNR apreendeu doze espingardas de carga.

Condenação de firmas vinícolas

Os representantes legais das firmas Sociedade dos Vinhos Borges e Irmãos e Sociedade Teófilo Clemente, respectivamente em Vila Nova de Gaia e Amarante, foram condenados por transportarem

mosto vinico branco maduro para a região demarcada do vinho verde. Cada um dos representantes teve de pagar uma multa de sete contos e perdeu as uvas a favor do Estado.

Apreensão de peixe, carne e amendoim

Mil e duzentos quilos de peixe congelado e 218 quilos de carne, considerados impróprios para o consumo público, foram apreendidos em Lisboa por elementos da Inspeção Económica. Ainda na capital, e «por desvio de fim legal», foram apreendidos 20 mil quilos de amendoim. O valor total das apreensões foi avaliado em cerca de dois mil contos.

Cabeço de Vide: nova estação dos CTT

Foi hoje inaugurada a nova estação dos Correios de Cabeço de Vide, povoação situada a 13 km de Fronteira, no distrito de Portalegre. Conhecida pelas suas termas de águas sulfúreas, já afamadas desde os tempos dos romanos, Cabeço de Vide foi vila e sede de concelho extinto em 1855. Agora atentos às necessidades da população e ao desenvolvi-

mento de Cabeço de Vide, os CTT inauguraram esta nova estação de 4.ª Classe com os habituais serviços postais, telegráficos e telefónicos nacionais e internacionais e muitos outros, entre os quais se destacam os serviços de Aforro, de Caixa Económica Postal, Caixa Económica Alemã, Post-cheques e de Filatelia.

Trasladação de Sá Carneiro e Snu



Os restos mortais de Sá Carneiro e Snu Abacassis foram trasladados do Cemitério do Alto de S. João para um mausoléu no Cemitério do Lumiar. A transladação foi efectuada sem aviso público por desejo expresso dos familiares dos extintos.

Quadrilha desmantelada em Gondomar

Uma quadrilha responsável por assaltos, na área do Porto, no valor de quinze mil contos, acaba de ser desmantelada pela Polícia Judiciária. Foram detidos quatro elementos da quadrilha (Neto, Vila Real, Vie-

ra e Neto Júnior), todos residentes em Jovim, Gondomar, e dos doze receptadores identificados, apenas Cardoso e Correia recolheram à cadeia de Custodias.

Sexagenária assassinada em Coimbra

Em Coimbra, à porta da sua residência, na Volta das Calçadas, foi encontrada morta a sexagenária Albertina Piedade Santos, solteira, que apresentava ferimentos profundos na cabeça. A Polícia Judiciária suspeita de crime, cujo móbil terá sido o furto. A vítima residia sozinha.

Com idades entre os 60 e 80 anos

Quatro pescadores desaparecidos num naufrágio em Tavira

Quatro pescadores estão dados como desaparecidos, na sequência do naufrágio, às 10 e 30 de ontem, quando o barco «Até que Enfim» se preparava para entrar na barra de Tavira. Uma repentina mudança do estado do mar, com ondulação forte, parece estar na origem da tragédia que vitimou Desidério José Viegas, António José Mestre, «Tio António» da Laurindinha e um outro pescador conhecido como Heitor, todos naturais de Cabanas, Tavira.

O único sobrevivente é Custódio Nogueira, localizado por populares que se encontravam perto do local onde a embarcação deu à costa, quando uma equipa da capitania e do Instituto de Socorros a Náufragos e dos Bombeiros Municipais procediam a uma tentativa para amarrar a embarcação à terra.

Ouvindo gemidos no interior do barco, que se apresentava de quilha virada e ainda meio encoberto de água, dirigiram-se para lá arrombaram à machadada o costado do «Até que Enfim». De acordo com uma testemunha ocular da operação de salvamento, Custódio Nogueira encontrava-se com o tronco dentro da casa das máquinas, apresen-

tando o corpo totalmente oleado.

Segundo um médico do hospital de Tavira, a explicação para a resistência do pescador — que permaneceu seis horas debaixo de água — deve-se ao facto de ter ficado com a cabeça dentro de alguma caixa ou compartimento do barco que, ao virar-se, formou uma bolha de ar. A mesma fonte indicou que, pouco depois de ter sido assistido, Custódio Nogueira entrou em estado de choque com hipotermia, mas que o seu estado não inspira cuidados.

Esta manhã devem ter recommençado as operações de busca, depois de ontem, cerca das 20 horas, terem sido interrompidas.

Situação das barras em questão

O naufrágio ocorrido ontem é o segundo acidente registado esta semana em portos algarvios. O primeiro tinha ocorrido na passada segunda-feira na barra do Alvor, em Portimão, e causou a morte de um dos dois tripulantes de uma embarcação de pesca artesanal. Um dos tripulantes atirou-se à água e, a custo, conseguiu alcançar terra, enquanto o outro foi rapidamente engolido

pela fúria do mar. Ainda ontem, no mesmo local, uma outra embarcação esteve em perigo, tendo mesmo pedido a intervenção de um salva-vidas.

A repetição destes acidentes vem mais uma vez demonstrar que, de uma forma geral, a maioria das barras algarvias não oferecem condições de acesso, tornando-se perigosas em situações de temporal, como o que se tem registado nestes últimos dias.

A este propósito, o PSD de Faro emitiu um comunicado em que sublinha que o acidente de Tavira tem as suas causas profundas no assoreamento da barra e insuficiente protecção dos molhes à entrada do Porto.

Naquele texto, os socialistas afirmam que tais problemas foram referidos há duas semanas por José Vitorino, presidente da Comissão Política Distrital do PSD de Faro durante a discussão no Parlamento sobre o Orçamento Geral do Estado para o corrente ano.

Irem para o mar depois de velhos

Dada a situação de assoreamento da barra, não usando co-

letes de salvação, envergando pesados casacos e botas altas, os tripulantes foram presa fácil para uma onda um pouco mais forte.

Qualquer das vítimas já ultrapassava os 60 anos, e um deles estava próximo dos 80: iam para o mar, não apenas por hábito, mas por necessidade.

«Ele não recebia mais de cinco ou seis mil escudos da reforma e assim como é que podia viver com a mulher e a filha a cargo», perguntava ontem em Cabanas um parente de uma das vítimas. Com pequenas reformas da Previdência, os pescadores tinham que se manter em actividade, mesmo quando a idade já não o aconselhava. Iam para o mar depois de velhos...

Entretanto, um grupo de pescadores decidiu convocar uma reunião-geral para serem decididas medidas, que podem chegar à greve, para obrigar as autoridades a tomarem providências quanto à barra de Tavira. Nas palavras de experientes pescadores, o assoreamento da barra continua a ser um verdadeiro cemitério, que se mantém há mais de vinte anos.

Conselhos consultivos da delinquência defendidos pelo comissário Santinhos

«Polícia, Justiça e Imprensa» foi o tema ontem à noite em debate na Casa da Imprensa, num colóquio promovido pela Comissão Pró-Sindical da PSP, no âmbito das comemorações do 3.º aniversário da sua formação. Em volta deste colóquio gerou-se alguma expectativa dada a presença de Magalhães Mota e Meneses Pimentel, personalidades que já desempenharam funções governamentais, respectivamente como ministros da Administração Interna e da Justiça, mas as suas intervenções, em nossa opinião, não foram conclusivas, tendo ambos recorrido a dados exaustivamente técnicos e pouco esclarecedores da sua posição face ao problema. Ainda assim, Magalhães Mota referiu que «uma sociedade não poderá ser inteiramente liberta enquanto tiver no seu seio cidadãos que não o possam ser de corpo inteiro». E Meneses Pimentel consideraria não ser argumento de peso, «limitar o direito sindical a um conjunto de cidadãos pelo facto de usarem uma farda.»

Aos dois ex-governantes, colocaria o «DL», a seguinte questão: «Os senhores tiveram res-



A mesa que presidiu ao colóquio

ponsabilidades enquanto ministros da Administração Interna e da Justiça. Se agora colocados de novo nesses cargos qual seria a vossa posição face à reivindicação de um Sindicato da PSP?». As respostas foram lacónicas, tendo Magalhães Mota afirmado que a sua posição já era conhecida, e não se alteraria se fosse governo. Quanto a Meneses Pimentel disse que fora no tempo em que exercia as funções de ministro da Justiça que surgira, e se legalizara, a Associação Sindical da Polícia Judiciária.

Presentes na Casa da Imprensa, Álvaro Rana, em representação da CGTP-IN, e José Pereira Lopes, como delegado da UGT, os quais defenderam, cada um a seu modo, a legalização do Sindicato da PSP, o mesmo tendo acontecido com os representantes da Associação 25 de Abril e da Associação dos Magistrados Judiciais.

O colóquio, que foi moderado pelo dr. Guilherme da Fonseca, presidente do Sindicato dos Magistrados do Ministério Público e procurador-geral adjunto

do Tribunal Constitucional, terminou com a intervenção do comissário Joaquim Santinhos que considerou a Polícia, a Justiça e a Imprensa, «como três painéis completamente inseparáveis», aos quais deverá ser respeitada «a isenção, a dignidade e a independência.» Segundo o comissário Santinhos, para quem a PSP deverá ser cada vez mais «uma instituição cívica e judicializada», toma-se urgente «a criação de auditorias jurídicas» em todos os Comandos Distritais da corporação e de «conselhos consultivos da delinquência em todas as freguesias do País, integrados por associações de moradores, associações de pais, PSP, GNR, Polícia Judiciária, magistrados judiciais, Ministério Público e assuntos sociais.»

Para amanhã à noite no mesmo local, e a partir das 21 horas, está marcado um novo colóquio, subordinado ao tema «O Sindicalismo Policial Europeu», que está a ser aguardado com grande expectativa, dada a presença de dirigentes sindicais das polícias alemã, francesa, italiana e espanhola.

M.G.

TEATRO DO BAIRRO ALTO
R. Tenente Raul
Carcas, 1.ª A
1200 Lisboa
Tel. 661515 e 662205

PARQUE DE BOTHO STRAUSS

ÚLTIMAS SEMANAS

Encenação de
STEPHAN STROUX
De 3.ª a Sábado às 21 h
Domingo às 16 h
2.ª feira — descanso

Caminhos de Ferro Portugueses

NOVAS CONDIÇÕES PARA A VENDA DE BILHETES A PESSOAS IDOSAS

Se tem 65 anos ou mais, e pretende viajar por caminho-de-ferro com os benefícios que lhe são concedidos, deverá dirigir-se às nossas bilheteiras solicitando, contra a apresentação de um documento oficial comprovativo da sua idade, o fornecimento do «CARTÃO DOURADO».

Sem aquele «CARTÃO» não lhe será possível, a partir de 1 de Abril, adquirir bilhetes com redução.

O «CARTÃO DOURADO» está à sua disposição a partir de 1 de Fevereiro e:

- é gratuito e de entrega imediata,
- não exige fotografia, e
- é válido por 1 ano.

OLHE O PERIGO DE FRENTE!

Na estrada caminha sempre pelo seu lado o perigo.

circule e viva

Homenagem a um seu "filho querido"

Alhandra vai inaugurar Museu 'Sousa Martins'

Alhandra inaugura, já no próximo dia 3, o Museu Sousa Martins, uma obra pela qual muitos dos seus habitantes se bateram nos últimos anos. Para que se perpetue, dizem os alhandrenses, a memória do grande médico, pedagogo, cientista e publicista de que as imagens guardadas na memória das gentes falam como se ainda existisse. Para que a Alhandra venham cada vez mais pescadores da Nazaré e de Peniche, de Setúbal e de Sines, para os quais Sousa Martins, por «artes» que escapam aos mais atentos, é não apenas idolatrado, mas também venerado. Tem estátua na Praça 7 de Março, em Alhandra, e no Campo Mártires da Pátria, em Lisboa, defronte da Faculdade de Medicina.

«A ideia da criação de um Museu em Alhandra em memória de Sousa Martins, filho desta terra, onde nasceu e onde veio morrer, radicou-se na boa vontade de algumas pessoas, em 1962, aquando da exposição comemorativa do centésimo aniversário da Sociedade Euterpe Alhandrense», disse ao «Diário de Lisboa» Raul da Conceição Pedro, um dos cinco elementos pró-Museu Sousa Martins. Tal ideia — acrescenta — «fortaleceu-se com o espólio sobre Alhandra, de Abel Boto e Sousa, ofertado pela sua família e posto à disposição das pessoas empenhadas neste empreendimento».

Sousa Martins nasceu em Alhandra em 7 de Março de 1843, terra onde faleceu em 18 de Agosto de 1897. A praça

principal da vila perpetua a data do seu nascimento e por isso se chama Praça 7 de Março. Nesse dia, todos os anos, são inúmeros os seus fervorosos devotos que junto à sua estátua, mandada erguer pela Junta de Freguesia, colocam milhares de flores. A cena repete-se, todos os anos, quando o sol aperta, em Agosto, da parte de crentes que vêm de todo o País, à espera de um milagre. No mausoléu que ostenta o seu nome e o da família, no cemitério local, ardem diariamente velas que, em Março e em Agosto, são aos milhares. As gentes chegam, pedem pelos seus e deixam moedas e notas. Com essas moedas e notas cresceu a ideia da fundação de um museu, em Alhandra, com o seu nome.

«Não foi fácil comprar a casa onde nasceu...»

Uma Comissão Instaladora surgiu, há anos, para erguer um museu com o seu nome. Em 27 de Setembro de 1983 o primeiro passo nesse sentido foi dado, com a aquisição e escritura da casa onde nasceu e por muitos anos viveu Sousa Martins, antes de vir cursar farmácia e medicina para Lisboa, ajudado por um seu tio boticário. Ficou então assente que o Museu de Alhandra — Sousa Martins ali ficaria instalado.

O Museu Sousa Martins, a inaugurar no dia 3 de Março, fica na outrora Rua do Cais, um cais que a Administração Geral do Porto de Lisboa deixou degra-



É nesta casa que ficará instalado o Museu «Sousa Martins», em Alhandra

dar-se e em cuja reconstrução agora parece empenhada, disse-nos o presidente da Junta de Freguesia de Alhandra, João Jaime Pires. Entretanto, a rua mudou de nome e, claro, porque a sua última casa é aquela onde nasceu Sousa Martins, ostenta o nome do médico, pedagogo, cientista e publicista homenageado pela Rainha D. Amélia pouco antes da sua morte, aos 54 anos.

«Não foi fácil comprar a casa onde nasceu Sousa Martins. A sua aquisição só foi possível mercê da contribuição dos seus devotos, das gentes de Alhandra, da Junta de Freguesia e da Câmara Municipal. Ainda não pagámos tudo, mas contamos fazê-lo dentro dos prazos previstos. Para isso contamos com todos, em especial com a Junta e com a Câmara Municipal», disse Raul da Conceição Pedro ao «DL».

Para isso, a sua Comissão Instaladora, antes das garantias, dadas pela JF de Alhandra e pela CM de Vila Franca, promoveu uma campanha de angariação de fundos e fez um apelo a todas as empresas da área. A adesão foi pronta e positiva, a resposta franca e aberta. Mas sem o apoio daquelas duas autarquias, e simultaneamente a condescendência da proprietária do imóvel,

tal passo não seria possível.

«Se tivermos em conta que este museu diz apenas respeito à freguesia de Alhandra e que, além de conter utensílios, instrumentos, livros e recordações de Sousa Martins, albergará outras potencialidades históricas e pessoais desta terra, podemos comprovar que em termos nacionais é o único museu local português.»

Local «específico», acrescenta Raul Pedro, que faz questão de mencionar os membros da Comissão Instaladora, desde o escritor Júlio Graça, autor de «Operários falam», a outros «operários» desta obra, nomeadamente Vítor Carvalho e Diamantino Mangaz.

De vários países vieram donativos

Estados Unidos da América, RFA, Espanha, França e Suécia são alguns dos países de onde provieram donativos para esta obra, em memória de um homem (Sousa Martins) de quem Júlio Dantas escreveu um dia: «Se a estatura intelectual de Sousa Martins foi grande, não foi menor a sua estatura moral». Ou Guerra Junqueiro: «Radiou amor, encanto, esperança, alegria e generosidade. Foi amigo carinhoso e cândido dos pobres e dos poetas. Sua mão guiou,

sua boca perdoou, seus olhos choraram». Dele, um alhandrense que o teatro nunca esquecerá, Salvador Marques, escreveu um dia: «Eminente homem de ciência, honra da medicina portuguesa, professor distintíssimo e carácter aberto a quanto há de bom, de elevado, de nobre e generoso».

É esse homem, oitenta e oito anos depois da sua morte, que a população de Alhandra homenageará uma vez mais. Nesse sentido fez escritura da compra da casa onde nasceu, em 27 de Setembro de 1983, no Palácio de Justiça de Vila Franca de Xira, perante a licenciada Maria do Carmo Antunes dos Santos, comparecendo como outorgantes o proprietário do imóvel, Rufino Apolinário, e o presidente da JF de Alhandra, João Jaime Pires. Na escritura se aferiu que passa a constituir Museu de Alhandra — Sousa Martins um prédio urbano situado no Largo do Cais, adquirido por 3200 contos, acrescido de juros, dos quais foram pagos dois mil contos por subscrição pública e através de subsídios iguais atribuídos pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e a Junta de Freguesia de Alhandra, no montante de 703 mil escudos cada.

Júlio Rodrigues: texto
Rui Pacheco: foto

ARTIGO DE FUNDO



MÁRIO CASTRIM

A vida em sociedade abriga a essas incomensuráveis chatices autodenominadas «formalidades legais». Tudo porque existe um Estado e dentro do Estado, um governo e dentro do governo uma série de ministros que fazem decretos com a mesma determinada fatalidade com que as abelhas fazem cera. Filosoficamente direi que a maior vantagem da burocracia consiste na felicidade que proporciona quando as pessoas sonham em como seria bom viver sem... burocracia. Daqui à tentação de furar a burocracia — é um passo.

Conhece-se a história do Chico Gato. O Chico Gato tinha umas massas valentes a receber no estrangeiro. Chegou à conclusão de que, pelas vias normais, ou seja, pela via do Banco de Portugal, a coisa era morosa em bardo. Imaginem: guichets, declarações, duplicados, triplicados, enfim, as formalidades legais em acção. Que é que ele faz? Entrega o assunto a uma firma que mexe e remexe em divisas — e pronto! Sinceramente, não vejo onde está o malefício. Fugir às formalidades legais é a principal característica do nosso tempo.

Por que é que hoje se namora muito e se casa pouco? Para fugir às formalidades legais. Por que é que se falsificam diplomas de exame? Para fugir às formalidades legais da frequência às aulas durante anos.

A intensificação do contrabando nos últimos anos tem exactamente por objectivo evitar a longa delonga que se alonga e se prolonga nas longas aduanas. Suponham que há dias me fizeram perder duas horas na alfândega do Caia por causa de uma lata ingénua de melocotons! Estou de acordo com o contrabando de milhares de toneladas de Gitanes. Se os desgraçados quisessem respeitar as formalidades legais, vejamos só o trabalho que isso daval!

Não se pode deixar de dar razão àquele amante insofrido, mas casado, que, para mais rapidamente casar com a rapariga dos seus sonhos, deitou uma colher de estricnina no café da esposa. Se ele quisesse respeitar as formalidades legais, ou seja: se quisesse esperar pela morte natural da senhora, uil, o tempo que isso levava! Há quem diga que o juiz o vai absolver. E por que não? Que me conste, o Chico Gato não sofreu, até hoje, nenhuma punição. Quem sabe até se não será premiado, com respeito, aliás, por todas as formalidades legais...

“Winston” de contrabando invade Portugal e Espanha

Tabaco louro «americano» de contrabando e má qualidade está a invadir Espanha e Portugal, proveniente de Andorra e Bulgária, segundo revelou na sua edição de Janeiro a revista espanhola «Ciudadano», citada pelo boletim do Instituto Nacional de Defesa do Consumidor (INDC). No entanto, o Departamento de Combate ao Contrabando da Tabaqueira, contactado pelo Instituto, afirmou não dispor de informações específicas sobre este movimento.

No seu boletim de Fevereiro, o INDC, citando a revista «Ciudadano», refere que é praticamente impossível determinar a proveniência do tabaco, da marca «Winston», o que torna ainda mais vulnerável a posição do consumidor. A razão — afirma-se no boletim — é simples. A empresa que produz aquela marca,

a Reynolds Tobacco Company, deu licença a alguns países, entre os quais a Bulgária, para fabricar a marca do tabaco. As autoridades espanholas puderam comprovar que essa é uma das fontes de abastecimento dos contrabandistas, que através de um circuito bem montado, introduzem o tabaco na península Ibérica através da província de Pontevedra (Galiza).

A má qualidade desse tabaco contrabandeado prende-se essencialmente com o elevado teor de humidade que apresenta. A isso não são alheias as circunstâncias em que se processa o transporte clandestino do tabaco, e que obrigam a permanência por períodos mais ou menos longos, em pontos de apoio situados à beira-mar.

Desde 1982, as autoridades espanholas têm vindo a desen-

cadear vastas operações anti-contrabando na província de Pontevedra, que permitiram pôr a descoberto casos de corrupção implicando membros da Guarda Civil, Polícia e directores de instituições de crédito.

Os contrabandistas obtinham as divisas necessárias em sucursais do Banco Hispano Americano, de Puente Caldelas (Pontevedra), e em diversas sucursais do Banco de Galicia, calculando-se que as verbas movimentadas até 1983 atingiram os mil milhões de pesetas.

Entre os estratagemas utilizados para financiar operações de contrabando, incluem-se operações cambiais envolvendo emigrantes portugueses e espanhóis com contas abertas naquelas dependências bancárias, e que trabalham do outro lado do Atlântico.

ocorrência de precipitação com cor barrenta», precisou a mesma fonte.

O facto desta situação não ser vulgar alertou as populações que, de repente, viram uma chuva amarelada enlamear os vidros dos automóveis. O mesmo fenómeno ocorreu na Andaluzia.

Foi o único que “olhou” para a escola Apoio de Alpendurada a Rosado Correia

Responsáveis da Câmara Municipal de Marco de Canaveses e das juntas de freguesia de Alpendurada destacaram a actuação de Rosado Correia no caso dos terrenos da futura escola preparatória local.

«Rosado Correia foi, na verdade, ao longo de todo este processo, o único ministro que desde o primeiro momento manifestou uma singular boa vontade e uma integridade a que já não estávamos habituados» — afirmaram.

O processo da Escola de Alpendurada, que se arrastava há 11 anos, foi resolvido a semana passada, quando o anterior titular do Equipamento Social assinou um despacho em que revogava anterior decisão pela qual terrenos de Alpendurada eram protegidos, pelo que neles não

poderia ser construída a escola há tanto almejada.

Na altura autarcas ligaram o facto de uma das proprietárias, Isabel Girão, ser tia da mulher do ministro da Qualidade de Vida como uma das causas do impedimento da construção, o que Sousa Tavares desmentiu posteriormente.

Ao homenagear Rosado Correia, os autarcas de Marco de Canaveses e de Alpendurada afirmam julgar que teria sido esta «lisura e honestidade que motivou o seu afastamento do Governo, uma vez que não estava disposto a pactuar com as recentes movimentações governamentais, que um tanto surpreendentemente o atingiram e que levaram à sua transferência (recusada) para o Ministério do Mar.

Assaltantes de banco fugiram de autocarro

Cinco homens com meias de nylon enfiadas na cabeça, e armados com uma pistola-metralhadora e pistolas de guerra, assaltaram, ao fim da manhã de ontem, a agência do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, em Corroios, no distrito de Setúbal, levando cerca de quinhentos contos.

Ao sair, um dos assaltantes dirigiu-se aos funcionários, afir-

mando: «Desculpem a maçada. A vida está má. Agradeçam ao Mário Soares».

Antes de chegada de uma patrulha da GNR de Miratejo, os assaltantes foram vistos, a abandonar o local, segundo uns, num autocarro cinzento e de acordo com outras opiniões, a pé, tendo posteriormente apanhado um autocarro da Rodoviária Nacional com destino à capital do Sado.

Chuva barrenta veio do Norte de África

A chuva barrenta que ontem caiu em Lisboa, Setúbal e Vila Real de Santo António ficou a dever-se à circulação de poeiras existentes na atmosfera e oriundas do Norte de África, segundo declarou uma fonte do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

A zona Sul e Centro do território de Portugal continental es-

teve sob a influência conjunta de uma depressão centrada a sul da Península Ibérica e de um anticiclone localizado na região da França, que se estendia em crista para o Norte de África. «É provável que essa circulação conjunta de Sueste dos dois centros de acção, arraste consigo poeiras das regiões do Norte de África, e isso explicará a

Comité Executivo da OLP aprova acordo com Amã

Shimon Peres em Bucareste

O primeiro-ministro israelita, Shimon Peres, chegou ontem a Bucareste, para uma visita oficial à Roménia, anunciou a agência noticiosa romena Agerpress.

Peres, que era ministro de Roma, foi recebido no Aeroporto Otopeni de Bucareste pelo primeiro-ministro romeno, Constantin Dăscălescu.

Durante a sua estada na Roménia, o único país socialista europeu a manter relações diplomáticas com Israel, Peres conferenciará com o presidente Nicolae Ceaușescu que, no passado, tem servido como canal de comunicação entre as partes em confronto no Médio Oriente.

Na semana passada, o líder da Organização de Libertação da Palestina, Yasser Arafat, manteve conversações com Ceaușescu e, na segunda-feira, um enviado especial entregou ao presidente romeno uma mensagem do seu homólogo egípcio, Hosni Mubarak.

Anteriormente, Shimon Peres disse em Roma que o rei Hussein da Jordânia seria «bem-vindo» ao Israel.

Durante uma conferência de imprensa em Roma, no fim de uma visita oficial de três dias à Itália, Peres disse: «Estou pronto a ir à Jordânia e estou seguro de que o rei Hussein seria bem recebido em Jerusalém, se decidisse deslocar-se a Israel para dizer o que pensa» da situação no Médio Oriente.

O primeiro-ministro israelita disse ainda que a Organização de Libertação da Palestina (OLP) se mantém fiel à política de terror contra Israel.

O primeiro-ministro italiano, Bettino Craxi, que assistiu à conferência de imprensa de Shimon

Peres, disse que o governo italiano considera que a OLP deve ser associada ao processo de paz no Médio Oriente.

Crazi e Peres afirmaram que as conversações de Roma decorreram em ambiente amistoso e que os dois chefes de Governo acordaram avistar-se mais frequentemente no futuro.

Acordo aprovado

O principal órgão de decisão da Organização de Libertação da Palestina aprovou um acordo com a Jordânia relativamente a uma fórmula conjunta para alcançar a paz no Médio Oriente — revelou um porta-voz da OLP.

Ahmed Abdel-Rahman, chefe do Departamento de Informação da OLP disse que o comité executivo da organização, integrado por dez membros, deliberou que o acordo com a Jordânia não contradiç os objectivos do movimento palestino.

No âmbito do acordo, que tem sido criticado por alguns sectores palestinos por fazer muitas concessões, a OLP aceitaria participar em qualquer futura conferência internacional sobre o Médio Oriente integrando uma delegação árabe em conjunto com a Jordânia.

Segundo diplomatas e fontes da OLP, o acordo estabelece como objectivo imediato da organização a criação de uma confederação com o Jordânia e não um Estado palestino independente.

Abdel-Rahman indicou que o Comité Executivo considerou que o acordo está conforme as recentes resoluções do Conselho Nacional Palestino, ou Parlamento no exílio da OLP, assim como com as resoluções de ci-

meiras árabes e das Nações Unidas.

Conversando em Viena

As conversações soviético-norte-americanas sobre o Médio Oriente terminaram em Viena, sem resultados conhecidos.

As delegações norte-americanas, dirigida por Richard Murphy e a soviética, presidida por Vladimir Poliakov, que estiveram reunidas terça-feira, durante cinco horas, na Embaixada Soviética em Viena, voltaram a encontrar-se ontem na mesma embaixada.

O sigilo que envolve as conversações provocou especulações incontáveis, nomeadamente relativa a um eventual encontro do rei Hussein da Jordânia com as delegações, não confirmada pelo Ministério austríaco dos Negócios Estrangeiros. Segundo esta fonte, o rei Hussein, que chegou terça-feira a Viena encontra-se na Áustria em visita privada.

A Embaixada Norte-Americana em Viena disse que não está previsto nenhum comunicado final ou conferência de imprensa no fim das conversações, qualificadas oficialmente de «troca de pontos de vista» depois de sete anos e meio de interrupção do diálogo entre Washington e Moscovo acerca da situação no Médio Oriente.

A mesma fonte indicou que os dois Governos poderão, eventualmente, publicar declarações sobre os resultados dos encontros, mais tarde, em Washington e em Moscovo.

A retirada

As Forças Armadas israelitas

cercaram ontem a aldeia chiita sul-libanesa de El-Daburje e interrogaram cerca de 200 habitantes na praça principal — disse um porta-voz da Força Interina da ONU no Líbano (unifil).

A mesma fonte disse que enquanto os residentes eram submetidos a interrogatório público, outros soldados israelitas procediam a buscas de armas casa a casa.

Acrescentou que libaneses da aldeia levaram uma pessoa morta e três feridas para o hospital da Unifil, em Nakura.

A Rádio Islâmica em Beirute noticiou que os israelitas invadiram quatro aldeias chiitas na região, na sequência da morte de dois soldados judeus perto de El-Daburje em incidentes diferentes ocorridos nos últimos dois dias.

Dois libaneses chiitas foram assassinados na aldeia pelas forças de ocupação.

Um indivíduo acusado de «colaborador» do Exército de ocupação israelita no Sul do Líbano foi ontem assassinado na cidade de Sidon, ao Sul do Líbano.

A vítima, Khalil Akar, foi alvejada várias vezes quando se dirigia para o campo de refugiados palestinos de Ain El Helue, depois de ter fugido do centro da cidade.

Além de Khalil Akar foi também assassinado nos arredores da cidade de Sicon, Nazih Kamel Zein, quando se dirigia para o seu local de trabalho.

A Rádio estatal libanesa informou que a resistência intensificou nos últimos meses os ataques às forças israelitas, «executou» até hoje 40 colaboradores, mantém cativos 13 e aceitou a rendição de 35.

Medidas radicais contra a fome

—pede a Igreja brasileira

A Conferência Episcopal brasileira pediu, num documento hoje divulgado, «medidas concretas e radicais» contra a fome que afecta 80 milhões dos 130 milhões de habitantes do Brasil.

No documento, que inicia a campanha da fraternidade de 1985, cujo tema central é «Pão para Quem tem Fome», os bispos advertem que a fome «martiriza milhões de brasileiros, marcando-os, desde os primeiros anos, com os efeitos nefastos da desnutrição».

Além disso, a Conferência Episcopal destaca que a existência da fome é «um escândalo num país como o Brasil, que tem condições para alimentar abundantemente a sua população» e manifestou a esperança de que a campanha «seja capaz de despertar os sentimentos de vergonha e indignação e exigir medidas concretas e radicais, capazes de ir ao encontro das verdadeiras causas da situação hoje vivida por tantos».

Acrescenta o documento que «a fome de milhões já não pode ser aliviada somente com esmolas. O fenómeno, no Brasil, e no Mundo, atinge tal amplitude que já não pode ser objecto de ajudas ocasionais».

«A fome tem uma dimensão social e esse aspecto da questão deve ser enfrentado», acentua a Conferência Episcopal.

Por sua vez, o cardeal de São Paulo, Paulo Evaristo Arns, recordou que, segundo as estatísticas, 80 milhões dos 130 milhões de brasileiros consomem menos calorias que o limite fixado como mínimo indispensável pela Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO).

Segundo monsenhor Arns, a próxima investidura de Tancredo Neves na presidência do Brasil, em 15 de Março, inaugurando um governo civil e democrático, após 21 anos de regime militar, é uma razão para «recuperar a confiança e lutar» pelo objectivo da campanha da fraternidade.

Cheias devastaram Moçambique

Mais de 2500 famílias da província da Zambézia, no centro de Moçambique, ficaram desalojadas, em consequência das cheias registadas nos rios Limpopo e Zambeze — foi anunciado em Maputo.

A forte precipitação que nas últimas duas semanas caiu no centro e Sul de Moçambique e nos vizinhos Suazilândia e Norte da África do Sul fizeram aumentar muito os caudais dos rios, tendo a barragem de Cahora Bassa chegado a descarregar mais de seis mil metros cúbicos por segundo.

Também nos vales dos rios Incomati, Maputo, Umbeluzi e Pungue, o nível das águas destruiu casas e explorações agrícolas, não estando ainda completamente apurados os prejuízos provocados por esta cheia, que nalguns casos atingiu níveis superiores às verificadas no início de 1984, por ocasião da depressão «Domoína».

O departamento moçambicano de estradas e pontes fez, entretanto, um apelo à comunidade internacional para a concessão de um auxílio de emergência, superior a 500 dólares para a reparação das estradas danificadas.

Entre estas destaca-se a estrada nacional número um, entre Maputo e Beira e o Norte de Moçambique, na qual foram destruídos mais de 400 metros, enquanto cerca de dois quilómetros necessitam de nova pavimentação.

O corte desta estrada isolou completamente Maputo do Centro e Norte de Moçambique. A situação meteorológica tem tendência para melhoria, estando o nível das águas já a baixar.

Ajuda dos EUA ao Zaire

Os Estados Unidos vão este ano aumentar a sua assistência militar ao Zaire em 50 por cento e também a sua ajuda económica, afirmou o vice-secretário da Defesa, William H. Taft.

Taft, ao fazer o anúncio, não forneceu o número total do aumento mas fontes em Kinshasa afirmaram que o Zaire receberia 50 milhões de dólares em ajuda

militar em 1985. O total da assistência destina-se à aquisição de peças de equipamento militar para o Exército zairense.

Taft fez o anúncio depois de se ter reunido, com o presidente Mobutu Sese Seko.

O vice-secretário da Defesa, iniciou pelo Zaire uma viagem a várias nações africanas: Quênia, Somália, Sudão e Egipto.

Visita de Reagan suscita polémica em Espanha

A visita do presidente norte-americano, Ronald Reagan, a Espanha, está a provocar polémica no país por motivo dos planos nucleares secretos norte-americanos, da expulsão recente de dois diplomatas-espanhóis e até devido à dificuldade no acerto de datas.

O anúncio a visita oficial de Ronald Reagan a Madrid causou inicialmente «satisfação» ao Governo espanhol e ao próprio Partido Socialista.

No entanto, a divulgação, na semana passada, de informações sobre os planos norte-americanos de instalação de armas nucleares em território

espanhol numa situação de emergência, provocou as primeiras reacções adversas.

No dia seguinte, era divulgada por alguns jornais a notícia de que no princípio de Fevereiro tinham sido expulsos de Espanha dois diplomatas norte-americanos por alegadas actividades de espionagem.

A versão oficiosa dada, que não parece totalmente convincente, foi a de que os dois cidadãos norte-americanos, com passaporte diplomático, fotografavam as antenas de comunicações dos Serviços Secretos espanhóis, com a intenção de descobrir a direcção e frequência de

ondas para poder interceptá-las.

A partir daí, e da divulgação dos planos de instalação de armas nucleares, os dirigentes do Partido Comunista pediram que fosse cancelada a visita de Ronald Reagan a Madrid.

A mudança de datas por decisão unilateral norte-americana para a visita de Ronald Reagan causou o que em Madrid há de se hesitar em qualificar como «irritação».

Fontes diplomáticas espanholas afirmaram que o Governo espanhol deseja que a viagem do presidente Reagan tenha lugar nas datas já anunciadas oficialmente, ou seja de oito a dez de

Maio, «embora dentro de uma certa flexibilidade».

As autoridades espanholas estariam dispostas a admitir uma redução da estada de Reagan em Madrid, por causa da sua intervenção no Parlamento Europeu, mas não uma antecipação.

Por outro lado, fontes oficiais anunciaram que o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, visitará Espanha oficialmente de 28 de Fevereiro a 2 de Março. Durante a visita, a convite do Governo espanhol, Andrei Gromyko será recebido pelo rei Juan Carlos e pelo presidente do Governo, Felipe Gonzalez.



CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

VENDA DE CICLOMOTORES

Vai proceder-se à venda de 4 ciclomotores com a designação:

- C-626-A, Estação de Correios do Estoril
- C-658-A, Estação de Correios do Estoril
- C-922-A, Estação de Correios de Odivelas
- C-923-A, Estação de Correios de Mem Martins.

que poderão ser vistos, nas Estações indicadas, dentro do horário normal de expediente.

As propostas, em carta lacrada, devem ser entregues até às 17,30 horas, de 1 de Março de 1985, no DEPARTAMENTO DE APROVISIONAMENTOS DA DIRECÇÃO REGIONAL DE CORREIOS DE LISBOA — Av. da República, 18-10.º — 1000 LISBOA.



CONCURSO



NOME

Idade Profissão

Morada

Localidade Cod. Postal

Telefone

Freguesia Concelho

Tem televisor? N.º Licença

ACOMPANHANTE

Idade Profissão

IMPORTANTE: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso Um, Dois, Três, Apartado 4315 — 1508 Lisboa Codex.

Nicarágua reforça defesa junto à fronteira das Honduras

A Nicarágua anunciou que está a deslocar 4.000 soldados, assim como tanques e artilharia pesada, para junto da fronteira com as Honduras, para conter uma possível invasão de forças norte-americanas e hondurenhas.

O ministro nicaraguense da Defesa, Humberto Ortega, disse aos jornalistas que o exército nicaraguense começou a deslocar soldados, durante o fim-de-semana, para as áreas próximas de Somotillo, 110 quilómetros a noroeste de Manágua.

Ortega acrescentou que as tropas nicaraguenses efectuarão exercícios de treino a menos de cinco quilómetros da fronteira com as Honduras, a fim de se prepararem para qualquer «agressão de forças norte-americanas e hondurenhas» a partir das Honduras.

Além dos homens, o exército nicaraguense deslocou, também para aquela região, tanques, lança-«rockets» múltiplos e artilharia. Enquanto os jornalistas visitaram a região, esta foi sobrevoada por dois helicópteros.

Os Estados Unidos e as Honduras estão a preparar-se para realizar exercícios militares conjuntos em território hondurenho, ao longo dos próximos três meses. A Nicarágua tem afirmado que estes exercícios são uma preparação para uma invasão

norte-americana.

Em Washington, fontes governamentais disseram que as movimentações de tropas nicaraguenses sugerem que o Governo de Manágua pode estar a planejar uma ofensiva da Primavera contra os bandos anti-governamentais.

Aquelas fontes não deram mais pormenores, mas a televisão NBC disse que «20.000 soldados sandinistas — um terço do exército — estão a preparar-se para o que um analista disse poder ser um golpe de morte contra os rebeldes».

A mesma cadeia de televisão disse ainda que cerca de 6.000 camponeses nicaraguenses foram transferidos da área para onde os soldados estão a avançar.

Os «contras» nicaraguenses são apoiados pelos Estados Unidos e, segundo fontes dos serviços secretos deste país, citadas pela NBC, Manágua pode estar a preparar uma ofensiva, antes que o congresso norte-americano tome uma decisão sobre o pedido de fundos para os anti-sandinistas, apresentado pela Casa Branca.

A maioria do congresso opõe-se à concessão de subsídios aos «contras», alegando que o dinheiro atribuído à CIA foi utilizado para financiar operações que pro-

vocaram o repúdio da opinião pública norte-americana e mundial, como a minagem dos portos nicaraguenses ou a publicação de um manual sobre as maneiras de «eliminar» funcionários do governo nicaraguense.

O Congresso deve discutir, a 15 de Março próximo, a atribuição de uma verba de 14 milhões de dólares de «ajuda encoberta» aos anti-sandinistas, programa suspenso há um ano por um veto do parlamento de Washington.

Perante a crescente oposição dos congressistas, a administração Reagan passou a evocar um novo argumento: segundo o porta-voz da Casa Branca, Larry Speakes, a concessão de ajuda económica aos grupos que combatem o regime de Manágua seria um meio para «ter um certo controlo sobre o comportamento «dos anti-sandinistas»».

Speakes negou que a Casa Branca tivesse recebido provas de que os «contras» tinham perseguido, torturado ou massacrado camponeses nicaraguenses.

Para o porta-voz da presidência dos Estados Unidos, as informações publicadas, nomeadamente na imprensa norte-americana, não são «claras» e não existem «provas seguras acerca de quem é responsável pelos incidentes que ocorrem de vez em quando na Nicarágua».



Encontro entre Reagan e Thatcher em Washington (Telefoto UPI/NP/DL)

“Guerra das estrelas” defendida por Thatcher em Washington

A primeira-ministra britânica exprimiu ontem o seu apoio a «guerra das estrelas» e exportou os Estados Unidos a não se deixarem ultrapassar pela União Soviética no campo militar espacial.

Margareth Thatcher, discursando perante as duas câmaras do Congresso norte-americano, declarou que espera que cientistas britânicos participem na fase de investigação do programa.

Se o Ocidente vai manter o seu poder de dissuasão, como deve, é essencial que a nossa investigação e capacidade não fiquem atrás da que a União Soviética leva a cabo, frisou.

Contudo, disse que tem ainda certas reservas sobre a futura passagem à prática do programa

da «guerra das estrelas», que na sua opinião deverá ser negociado.

Thatcher recordou os laços históricos entre o seu país e os Estados Unidos e a necessidade de se manter uma forte aliança ocidental «para fazer frente a uma ameaça soviética».

A dirigente britânica elogiou o rearmamento norte-americano empreendido pelo presidente Ronald Reagan, a que atribuiu o regresso da União Soviética à mesa das negociações.

Sobre as negociações EUA-URSS que se iniciam em 12 de Março em Genebra, Thatcher advertiu que «não devemos esperar muito, demasiado cedo».

As conversações «serão de imensa importância para mi-

lhões» de pessoas, mas Moscovo poderá tentar induzir divisões entre os aliados ocidentais «e até despertar o medo no coração do nosso povo», acrescentou.

A dirigente britânica referiu-se também aos problemas causados pela alta do dólar, que afecta especialmente os países do Terceiro Mundo e poderá conduzir a novas restrições do comércio. Sobretudo, é importante manter os mercados ocidentais abertos ao Terceiro Mundo e evitar o proteccionismo, à luz da sobrevalorização do dólar e das elevadas taxas de juro norte-americano, sublinhou.

A senhora Thatcher e Reagan avistaram-se ontem durante três horas e ambos tiveram pontos de vista coincidentes.

Preso dirigente da ETA-M horas depois do assassinio de banqueiro

A Polícia espanhola anunciou ter detido ontem, em Madrid, Venancio Sebastian Morcayo, um dos mais importantes dirigentes da ETA-Militar e principal coordenador do denominado «Comando Madrid».

A detenção, ocorrida poucas horas após o assassinio do banqueiro Ricardo Tejero Magro, reivindicado pela ETA, ficou a dever-se a informações proporcionadas por um cidadão que achou estranhos os movimentos e as actividades dos seus jovens e pouco comunicativos vizinhos.

A rápida intervenção da brigada antiterrorista permitiu encontrar dois apartamentos onde o «Comando Madrid» ocultava numerosas armas de guerra, explosivos e documentos sobre os seus próximos objectivos.

A lista das possíveis vítimas não foi divulgada, por razões de segurança.

A Polícia divulgou, porém, as fotografias e os nomes de três «etarras» — dois homens e uma mulher — como possíveis membros do «Comando Madrid», instalado na capital espanhola há mais de 12 anos.

Este comando terrorista só actua em casos muito especiais e a sua localização constitui um autêntico mistério para a Polícia.

Os seus elementos — umas seis ou sete pessoas — são continuamente substituídos e possuem uma poderosa infra-estrutura que lhes permite anular, sistematicamente, as investigações policiais.

Venancio Sebastian Morcayo tinha sido deportado para a Venezuela pelo governo francês, a pedido das autoridades espanholas.

Em Novembro do ano passado, contudo, conseguiu fugir e

regressou a Madrid de forma clandestina.

Irlanda confisca fundos do IRA

As autoridades irlandesas confiscaram mais de um milhão e meio de dólares pertencentes ao Exército Republicano Irlandês (IRA) e destinados a financiar as suas actividades contra o domínio britânico no Ulster.

O dinheiro, que se encontrava no banco da Irlanda, foi congelado após decisão tomada pelo Parlamento irlandês na noite de terça-feira.

Um comunicado governamental refere que um banco cujo nome não foi referido transferiu 1 750 800 libras irlandesas (cerca de 1,6 milhões de dólares) para o Alto Tribunal de Justiça.

A sede, em Dublin, do Banco da Irlanda acabou por confirmar esta transferência. Não forneceu todavia quaisquer detalhes sobre esta confiscação.

O ministro da Justiça irlandês referiu, entretanto, que o Governo se viu obrigado a agir rapidamente, temendo a extorsão do dinheiro por parte do IRA, sob ameaça de rapto ou assassinio.

De acordo com informações divulgadas por fontes policiais, o dinheiro chegou a Dublin via Suíça e Estados Unidos e destinava-se à compra de armas para os guerrilheiros do IRA que combatem do domínio britânico na Irlanda do Norte.



SINDICATO TRAB. IND.
CALÇADO, ART. PELE, MALAS,
CORREARIA E SIMILARES
DO CENTRO, SUL E ILHAS

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do artigo 31.º, alíneas a) e c) dos estatutos, convoca-se a Assembleia Geral Ordinária para o dia 2 de Março de 1985 pelas 15 horas na sede do Sindicato, sita na Rua Nova da Trindade, 8, 1.º dt.º, em Lisboa, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único — Discussão e aprovação do Relatório e Contas do ano de 1984 e Orçamento Geral para 1985.

Uma hora depois reunirá com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

— Resolver a gestão futura do nosso Sindicato.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Sebastião Balbino Falido

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
Serviço de Aquisições

(ANÚNCIO)

Concurso n.º 3-0646/85

Fornecimento de diverso equipamento para cuidados intensivos.

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 14 de Março próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 12 de Fevereiro de 1985.

O Chefe do Serviço
Hidílio Luís de Sousa

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II
DE 3ª A SÁBADO: 21,30
SÁBADO E DOMINGO: 16 H.

FARSA DRAMÁTICA DE GOMES DE AMORIM

2.º MÊS

FIGADOS DE TIGRE

encenação Carlos Avilez
com
RUI DE CARVALHO • FERNANDA BORSATTI OU VARELA SILVA •
FERNANDA ALVES • LUZ FRANCO • MARIA AMÉLIA MATTA •
CARLOS DANIEL • MANUEL COELHO • RUY DE MATOS • ALBERTO
VILAR • BARROSO LOPES • CARLOS FONSECA • ANTONIO
BANHA • MÁRIO PEREIRA • JOÃO FERNANDES • NUNO FRANCO •
IRENE ISIDRO • LURDES NORBERTO • LURDES LIMA • ANTONIO
ANJOS • VÍTOR RIBEIRO • JOÃO DE CARVALHO • GUILHERME
FLIPE • LUÍS BANDEIRA • PAULA MORA • CARLOS DUARTE •
CARLOS PIMENTA • PAULO LAGES • ANTONIO RAMA • MIGUEL
MENESES • IVO VAZ • LÚCIA MARIA.

ESPECTÁCULO NÃO ACONSELHÁVEL A M. 12 ANOS

SALA EXPERIMENTAL

ATÉ DIA 27

«APOLOGIA DE SÓCRATES»
de Platão

Encenação e interpretação: **DOMINGOS SEMEDO**
da Companhia «Les Trois Coups de Lausanne»
De 2.ª a Sábado às 21.45 — Sábado e Domingo às 17.30

trabalho

Exigem o pagamento de salários em atraso

Trabalhadores do "Apolo 70" presos quando impediam abertura do cofre

Três trabalhadores do "snack-bar" do centro comercial Apolo 70 foram detidos hoje de madrugada por impedirem que um administrador retirasse dinheiro da caixa até garantir o pagamento de salários atrasados — disse à ANOP um dirigente sindical.

Um porta-voz do Sindicato da Hotelaria informou que aqueles três trabalhadores foram convidados pela Polícia, chamada pelo administrador, a deslocarem-se à esquadra, seguindo posteriormente para o Governo Civil sob detenção.

Acrescentou que os restantes trabalhadores continuaram a opor-se ao levantamento do dinheiro e que a Polícia ameaçou de detenção várias dezenas de

empregados do "snack-bar", o que não chegou a concretizar-se.

Um dirigente do Sindicato da Hotelaria disse à ANOP que os trabalhadores do "snack-bar" Apolo 70 têm em atraso parte dos salários de Outubro de 1983 a Março de 1984, parte dos salários de Dezembro de 1984 e Janeiro de 1985 e a totalidade do subsídio de Natal de 1984. Precisou que o total das retribuições atrasadas equivale a quatro a cinco meses de salário.

O mesmo dirigente sindical afirmou que os trabalhadores se mantiveram toda a noite nas instalações e estão actualmente paralisados e a recusar a retirada do dinheiro do cofre.

Um porta-voz da administração

disse à ANOP que a firma foi tomada recentemente de trespasse pelo actual proprietário, que tem estado a pagar as avultadas dívidas existentes.

Acrescentou que o "snack-bar" do Apolo 70 tem uma receita mensal da ordem dos 7200 a 7300 contos e despesas fixas superiores aos 8000 contos mensais.

O representante da administração disse à ANOP que os trabalhadores apenas têm em atraso parte do ordenado de Janeiro e retroactivos contratuais e que a entidade patronal pretende pagar logo que tenha saldo no banco.

Afirmou que os trabalhadores retiveram no cofre dinheiro e cheques que deveriam ter entrado no

banco para pagar a fornecedores.

Acrescentou que o proprietário que "não conhece o segredo nem tem as chaves do cofre", solicitou aos chefes de turno que o cofre fosse aberto e o dinheiro entregue como habitualmente ao director financeiro.

O porta-voz do proprietário afirmou que "foram os trabalhadores que chamaram a Polícia" e que o chefe da esquadra tentou convencer os três trabalhadores detidos a "abrir o cofre a bem", o que aqueles não aceitaram por considerarem ser contra a vontade dos colegas. Disse que os representantes sindicais exigem 150 contos para pagar parte do vencimento de Janeiro.

Trabalhadores da RFA sob vigilância electrónica

Quando Hermann Meyer chega ao emprego e abre a porta automática com o seu cartão magnético, dois andares mais acima "Paisy" toma nota da hora de entrada e assinala qualquer atraso, por menor que seja.

A hora do almoço, na cantina da empresa, "Paisy" regista o que Hermann Meyer comeu e quanto gastou.

Se for necessário, "Paisy" pode dizer rapidamente quantas vezes o funcionário faltou no ano anterior, quantos quilómetros fez no carro da companhia e qual a sua contribuição em termos de produção global.

A bisbilhoteira "Paisy" não é uma colega de Hermann apostada em agradar ao patrão: é apenas um sistema electrónico de controlo do pessoal já instalado em mais de 500 empresas na Alemanha Federal.

Cerca de dois milhões de trabalhadores são actualmente controlados por sistemas electrónicos que dão pelo nome de "Paisy", "ISA", "EMIO" e outros. Esta vi-

gilância electrónica tornou-se tão apertada e as objecções dos sindicatos tão vigorosas que os tribunais de trabalho começam a ter de intervir para decidir da sua legitimidade e para traçar limites razoáveis.

Um tribunal decidiu recentemente, pela primeira vez, que a empresa metalúrgica "MAN" não poderia introduzir na sua fábrica o sistema "Paisy" sem primeiro negociar com os representantes sindicais dos seus 4000 operários.

Quando as empresas precisam de dispensar pessoal, recorrem geralmente ao computador e fazem uma lista dos empregados que estiveram mais vezes doentes ou faltaram sem justificação.

Uma fábrica da Baviera deixou de fornecer transporte aos seus operários, quando uma consulta ao computador mostrou que eram principalmente os mais idosos que utilizavam os autocarros da companhia, enquanto os mais jovens tinham transporte próprio. Em consequência dessa medida, os mais idosos aceitaram "volun-

tariamente" uma reforma antecipada.

Um inquérito efectuado junto das 220 maiores empresas alemãs federais revelou que nove em cada dez já há vários anos utilizam sistemas computadorizados para controlar o absentismo e traçar "perfis de competência".

Os sistemas mais aperfeiçoados de controlo electrónico podem registar várias centenas de informações diferentes sobre cada trabalhador, chegando ao ponto de assinalar o grau de insatisfação e as incompatibilidades com os colegas de trabalho.

As autoridades responsáveis pela protecção das informações registadas em computador solicitaram já uma alteração à lei, de forma a incluir estes ficheiros electrónicos das empresas e a evitar utilizações abusivas.

Em teoria, cada trabalhador tem direito a ver as informações registadas a seu respeito nos arquivos electrónicos da firma mas, na prática, existem obstáculos de ordem técnica.

Thomas Barthel, perito em computadores, sublinha que cada sistema "Paisy" ou similar tem diversos códigos que dão acesso à informação arquivada, pelo que o empregado nunca poderá ter a certeza se lhe foi mostrada toda a sua ficha ou apenas uma parte.

Só os chefes da secção de pessoal dominam totalmente a técnica necessária para consultar o ficheiro electrónico e tudo indica que, quando alguém se apresenta a pedir emprego numa firma, os seus antecedentes em anteriores empregos poderão ser fornecidos ao novo patrão em troca de outras informações.

Os defensores do sistema alegam que, graças aos "perfis de capacidade e competência", os melhores trabalhadores podem ser facilmente identificados, o que lhes dá maior segurança no emprego.

Algumas queixas individuais têm sido apresentadas aos tribunais de trabalho por pessoas que se sentem prejudicadas pelo sistema.

Brasil: ameaça de despedimento sobre um milhão de trabalhadores da construção civil

A dívida do governo federal aos empresários da construção civil e obras públicas, calculada em cerca de mil milhões de dólares, poderá levar ao despedimento de um milhão de trabalhadores deste sector.

Os empresários fizeram já a entrega ao presidente da República de um documento, no qual dão conta da paralisação das obras públicas e do despedimento dos trabalhadores se não cobrarem as dívidas que têm pendentes.

O despedimento de um milhão de trabalhadores, que representa mais de metade do total ocupado na indústria da construção pesada, poderá gerar sérios conflitos de ordem social, no termo do mandato do presidente João Baptista Figueiredo.

A dívida do Estado às empresas de construção corresponde a uma pequena parte da dívida interna brasileira, calculada actualmente em mais de 30 mil milhões de dólares e provavelmente o governo, caso não obtenha novos empréstimos externos, só dificilmente conseguirá resolver o problema da construção.

Os 700 construtores mais importantes do Brasil reuniram-se esta semana no Rio de Janeiro para estudar a situação. Entre outras coisas informaram que se o governo não pagar, pelo menos, os pagamentos com mais de três meses atrasados, o sector poderá falir.

João Bárbara, presidente do Sindicato da Indústria da Construção, disse à IPS que a actual situação obrigará, numa primeira etapa, a reduzir para metade o número de trabalhadores do sector.

João Bárbara indicou além disso que grande parte das obras estavam a ser financiadas pelas próprias empresas construtoras, pairando sobre estas o risco de falência, dado que o governo não se mostra disposto a saldar os seus compromissos para com o sector.

Os empreiteiros enviaram esta semana ao ministro do

Planeamento, António Delfim Neto, e ao da Economia, Ernane Gálvez, um documento no qual expõem a situação criada pela acumulação de dívidas, calculada, dizem, em cerca de três mil milhões de dólares.

Embora o governo não se tenha pronunciado ainda a este respeito, assessores do ministro Delfim Neto indicam que este, no que resta da administração do presidente João Baptista Figueiredo, enfrenta dificuldades para cumprir os seus compromissos devido, designadamente ao facto de os cofres do Estado estarem vazios.

O relatório elaborado pela indústria da construção assinala que 90 por cento dos atrasos nos pagamentos correspondem a dívidas da "Siderbrás", empresa siderúrgica estatal e da Electrobras, companhia brasileira de electricidade.

A dívida total do governo federal no sector da siderurgia ultrapassa os sete mil milhões de dólares, ao passo que a Electrobras, que construiu duas grandes centrais hidroeléctricas — Itaipu, no sul do país e Tucuruí, no norte — deve cerca de seis mil milhões de dólares.

Até ao momento, o governo tentou sempre equilibrar esta situação, oferecendo diversas vantagens para o sector da construção noutras áreas da Economia. Um exemplo disso, é o caso das facilidades concedidas pelo governo "ao Grupo Camargo Correia, a maior empresa de engenharia do país, de aceder à indústria do alumínio.

Os empresários, entretanto, e como é tradicional no Brasil, usam a questão social como principal instrumento de defesa dos seus interesses. Daí que se disponham a despedir mais de um milhão de trabalhadores, medida mais que suficiente para criar graves problemas aos futuros governantes do país. (Arnaldo César — IPS)

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
Proc. 1440 1.ª Secção

17.º JUÍZO ANÚNCIO

FAZ SABER que pela secção e Juízo acima indicados correm editos de trinta dias, contados da segunda e última publicação do anúncio, citando a Ré abaixo indicada, para no prazo de vinte dias posterior aos editos, contestar, querendo o pedido feito pela autora, nos autos com processo ordinário n.º 1440, com a advertência que a falta de contestação importa a confissão dos factos articulados pela autora, e que consiste que seja condenada a Ré a pagar à autora a quantia de Esc. 7.824.318.000, juros à taxa anual de 26%, custas e procuradoria condigna.

AUTORA — BANCO PINTO & SOTOMAYOR E.P., com sede na Rua Aurora n.º 28 em Lisboa.

RÉ — ECURBE — EMPRESA DE CONSTRUÇÕES E URBANIZAÇÕES, S.A. com sede na Rua dos Arneiros, n.º 92-1.ª A em Lisboa.

Para constar se lavrou o presente e mais dois de igual teor que vão ser legalmente afixados.

Lisboa, 12 de Fevereiro de 1985

O Juiz de Direito
a) António Costa Marques

A Escrivãria
a) Isabel Constante de Oliveira

D.L. 21/2/85 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
5.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm editos de trinta dias, que começaram a contar-se da publicação do segundo e último anúncio citando o réu Rui Dias de Sousa Cadotipo, com última residência conhecida na Rua Salvador Allende, n.º 57-r/c, em Moscovo, para no prazo de 10 dias, findo o dos editos, contestar querendo a acção, na qual a Autora pede a sua condenação ao pagamento de uma quantia em dinheiro, cujo duplificado se encontra no seu dispor nesta secretaria judicial, e que consiste em o réu ser condenado como possuidor precário dos objectos furtados, designadamente um fio em ouro em malha trabalhada e um furo, também em ouro com a estampa da Rainha Victoria com are, e, por consequência sem título bastante para os poder possuir.

Ação Sumária n.º 7831 Secção. 3 Autora Maria Amândia Pereira da Silva Roque, residente na Rua Quatro de Outubro n.º 1-5.ª em Lisboa. Réu, Rui Dias de Sousa Cadotipo e Caixa Geral de Depósitos.

Lisboa, 7 de Fevereiro de 1985

O Juiz de Direito,
a) José Norberto de Melo Baeta Queiroz

O Escrivã Adjunto,
b) António Fernando Miranda Dias

D.L. 21/2/85 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA

3.ª Secção - 3.º Juízo
Proc.º 4151

ANÚNCIO

Faz-se saber que, nos autos de Divórcio Litigioso (incidente sobre a atribuição do direito ao arrendamento), pendentes nesta 3.ª Secção, 3.º Juízo, sob o n.º 4151, em que é requerente Duarte Rosa Ferreira Alves, residente na Travessa da Cara, 23, r/c, em Lisboa e requerido Horácio Pereira Alves Mangue, residente em parte incerta e com último domicílio conhecido na morada da requerente é aquele referido notificado para, no prazo de oito dias, findos que sejam mais trinta dias da citação mínima, a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio se opor, querendo, nos termos do disposto no art.º 382.º a 384.º do Código de Processo Civil e 1110.º do Código Civil, ao pedido formulado por aquela requerente para que lhe seja atribuída a posição de arrendatária da morada acima indicada. O duplificado da petição encontra-se à disposição do notificando na secretaria desta Secção.

Lisboa, 11 de Fevereiro de 1985

O Juiz de Direito,
(Joaquim Fonseca Henriques de Matos)

O Escrivã Adjunto,
(Álvaro José Guerreiro de Araújo)

D.L. 21/2/85 — 1.ª Pub.

ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DA AMADORA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do disposto no Art.º 22.º dos Estatutos, convoco a ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA, a reunir na sede da Associação, sita à Rua Elias Garcia, 121 — Amadora, para o próximo dia 28 de Fevereiro de 1985, pelas 20.30 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Apreciar e votar Relatório e Contas da gerência de 1984.

Não havendo o número legal de sócios, fica desde já convocada segunda reunião para o mesmo dia, pelas 21.30 horas, nos termos do § único do Art. 24.º, sendo então válidas as resoluções que vierem a ser tomadas, seja qual for o número de sócios presentes.

Amadora, 18 de Fevereiro de 1985

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
António Vasco Alves Marques

SOCIEDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA
Instituto de Utilidade Pública
Membro-Honorário
da Ordem do Infante D. Henrique

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCATÓRIA

Nos termos do n.º 31, alínea a), dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária da Sociedade de Língua Portuguesa a reunir-se em primeira convocação, na sede social, Rua de S. José, n.º 41, 2.º, em Lisboa, no dia 29 de Março (6.ª-feira), pelas 18 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

— Discutir o relatório, as contas e os actos de Gerência do ano de 1984.

Não estando presente à hora marcada o número legal de sócios, a Assembleia reunir-se-á trinta minutos depois, em segunda convocação, com qualquer número de sócios.

Lisboa, 31 de Janeiro de 1985.

O Presidente da Assembleia Geral
(Humberto d'Ávila)

TRIBUNAL DA COMARCA DE LISBOA

14.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto dos tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução Sumária n.º 8811 1.ª secção. Executantes — Eduardo Aníbal de Viegas e Freitas Jácome. Executados — Fábrica de Malas Ilídio Mendes, Lda., com sede no Largo Professor Egas Moniz, 26, loja, Amadora.

Lisboa, 4.2.1985

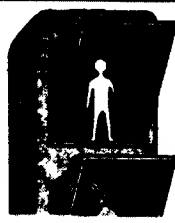
O Juiz de Direito,
a) José António da Cruz

P/O Escrivã de Direito,
a) Maria Margarida de O. C. Esteves

D.L. 21/2/85 — 2.ª Pub.

NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa



Ferrominas vai assessorar o Governo guineense

A empresa portuguesa Ferrominas celebrou um protocolo de intenções com o Ministério dos Recursos Naturais guineense com vista a passar a prestar serviços de assessoria ao Governo de Bissau na área de minas.

Segundo fontes contactadas pela NP na capital guineense, o protocolo prevê a apresentação, no prazo de 30 dias, de duas propostas da Ferrominas sobre a prestação de serviços de assessoria do Laboratório de Geologia e Minas guineense.

A Ferrominas foi convidada, segundo as mesmas fontes, a fornecer assessoria ao andamento do projecto de mineração dos jazigos de fosforites de Farim. E, posteriormente, a estabelecer contactos com instituições e grupos de empresas estrangeiras para a constituição de um consórcio que estude a viabilidade da mineração.

Os jazigos de fosforites de Farim possuem 100 milhões de toneladas de minério, de acordo com os estudos já realizados pelo Gabinete de Investigações Geo-

lógicas e Minerais (BRGM), francês, que em duas fases dos estudos já despendeu cerca de 11 milhões de francos.

O projecto prevê a mineração e exportação de 1,5 milhões de toneladas de fosforites por ano, mas só agora arrancou a terceira fase dos estudos, que apreciarão a pré-viabilidade do empreendimento.

Esta terceira fase custará mais 5 milhões de francos e a parte francesa anunciou já não desejar ir mais além sem outros parceiros.

Após a conclusão da terceira fase dos estudos, que fornecerá os primeiros indicadores económicos dos jazigos, será feito o estudo de viabilidade definitivo. Sabe-se já que parte do jazigo se encontra sob as águas do rio Cacheu, pelo que a sua exploração não será rentável.

A fosforite é utilizada no fabrico do ácido fosfórico, importante componente da produção de adubos, e também nos superfosfatos.

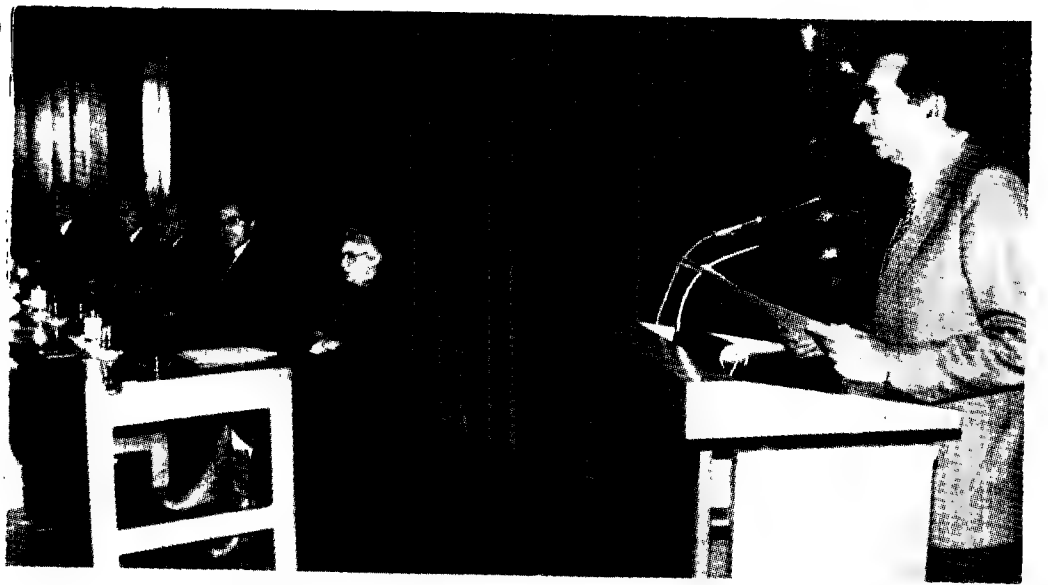
A Quimigal importa cerca de 400 a 500 mil toneladas de fosfo-

rites por ano, na sua maioria do Marrocos, só muito eventualmente podendo vir a estar interessada nas fosforites guineenses.

Marrocos, que é o terceiro produtor mundial de fosforites, tem a seu favor o facto de se encontrar mais próximo dos centros importadores europeus. Para as suas fosforites, a Guiné-Bissau terá de contar com a concorrência daquele importante produtor e também da do seu vizinho Senegal.

Quanto aos laboratórios de geologia e minas guineenses, que os especialistas dizem estar bem apetrechados, a Ferrominas poderá vir a dinamizá-lo fornecendo informação técnica e formação de pessoal médio, implementando novas técnicas e, sobretudo, definindo linhas de investigação.

Uma missão da Ferrominas, chefiada pelo presidente da empresa, esteve durante uma semana na Guiné-Bissau, a convite do Ministério dos Recursos Naturais, tendo regressado ontem a Lisboa.



Desenvolvimento em debate na Gulbenkian

Cavaco Silva, Sousa Franco e Medina Carreira. Amanhã é o dia dedicado aos aspectos institucionais do desenvolvimento, com Teresa Anbrósio a presidir à sessão e António Guterres a funcionar como relator (sessão das 9.30, no Auditório II) e à orientação estratégica do desenvolvimento com Silva Lopes e Vitor Constâncio (15 horas). Na foto Salgado Zenha apresenta a Conferência em nome do IED, vendo-se na mesa com o Presidente Eanes, Silva Lopes, Sousa Gomes e Manuela Silva.

As políticas de desenvolvimento económico e social estão desde esta manhã a ser discutidas na Gulbenkian, em Lisboa, numa Conferência organizada pelo IED (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento) tendo a sessão inaugural sido presidida pelo general Ramalho Eanes. As sessões de hoje debateram Política Social (da parte da manhã) e Problemas Financeiros (da parte da tarde), com a participação de alguns dos mais conhecidos especialistas, como Sousa Gomes, Manuela Silva, Silva Lopes,

Depois do fracasso de Bruxelas

Ernâni Lopes não considera inútil a nova tentativa de negociação

O ministro das Finanças, Ernâni Lopes, declarou ontem em Bruxelas que seria uma injustiça qualificar de inútil a nova tentativa dos «Dez» para darem um impulso nas negociações do alargamento da Comunidade Europeia.

Ernâni Lopes falava aos jornalistas depois de uma curta reunião com o actual presidente do Conselho e ministro dos Negócios Estrangeiros italiano, Giulio Andreotti.

Os «Dez» voltaram a falhar terça-feira no termo de uma sessão de dois dias dedicada quase exclusivamente à questão do alargamento, nas suas tentativas para elaborar uma proposta global que possa servir de base à negociação final, incidindo nos domínios da agricultura, pesca e assuntos sociais.

«Todos os passos que permitam avançar e conciliar posições são decisivos», afirmou o responsável pela condução das negociações do lado português.

Meios próximos da delegação portuguesa consideram que, apesar da inexistência de progressos visíveis, se tem vindo a consolidar o pacote final em bases que poderão constituir um bom ponto de partida para as negociações.

A questão da pesca constitui o fulcro das discussões entre os «Dez», divergindo os Estados membros com interesses no sector dos restantes sobre propostas da Comissão Europeia destinadas a satisfazer parcialmente as exigências espanholas.

Essas propostas, apesar de não terem sido formalmente apresentadas a Portugal, são consideradas pela delegação portuguesa uma alteração àquilo que já foi acordado com os «Dez», para além de potencialmente prejudiciais a Portugal.

Com efeito, as propostas da Comissão prevêem a definição de uma zona de pesca ibérica, em vez de uma zona correspondente às águas sob jurisdição portuguesa, conforme era previsto anteriormente.

«O regime transitório deverá basear-se num mecanismo de licenças gerido pela Comunidade, tendo como referencial a zona actualmente sob jurisdição portuguesa, tal como proposto pela Comunidade e aceite por Portugal», referiu o ministro português das Finanças e do Plano na declaração que leu.

Meios ligados às negociações consideram que as novas propostas da Comissão se inserem no objectivo da Comissão Euro-

peia de empurrar parte da importante frota de pesca espanhola para as águas portuguesas.

Nas suas declarações aos jornalistas, por outro lado, Ernâni Lopes referiu-se, directamente, à intenção da Comissão Europeia de aplicar a Portugal o mesmo regime que vier a ser definido entre a Espanha e a Comunidade Europeia, o que constitui uma violação flagrante do princípio dos «méritos próprios» de cada candidatura.

Uma fé no mês de Março

Já em Lisboa, o ministro disse ser possível concluir as negociações com a CEE antes da primeira de Março.

Adiantou que, ainda antes da primeira de Março, vão acontecer algumas reuniões dos suplentes e que em 28 de Fevereiro reunir-se-ão os dez países membros da CEE, antes da reunião com os países candidatos, agendada para entre 17 e 20 de Março.

No plano global, o ministro das Finanças reconheceu que a reunião de 18 e 19 de Fevereiro não teve «conteúdo útil e importante» e informou que o Conselho de Ministros da CEE não apresentou propostas concretas

aos países candidatos «por não ter aceite as propostas que lhe foram enviadas pela Comissão Europeia».

Interrogado sobre se o tratado de adesão começa a estar «longe» da cimeira de Março, Ernâni Lopes considerou que «o momento importante é aquele em que se atinge o fim e esse não está longe concerteza».

Também a Imprensa italiana de ontem foi unânime em considerar que existem muitas dificuldades para a conclusão das negociações de adesão de Portugal e da Espanha à CEE em 1986.

Este ponto de vista resulta do malogro da última série de negociações realizada em Bruxelas entre os ministros dos Negócios Estrangeiros dos «Dez».

Naquilo que um porta-voz da Presidência do Conselho Italiano definiu como «esforço derradeiro», o primeiro-ministro Bettino Craxi dirigiu mensagens pessoais ao presidente francês, Mitterrand, ao chanceler alemão-federal, Helmut Kohl e primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, apelando à reactivação das negociações, para que até à cimeira de Março seja possível concretizar o alargamento comunitário.

TAP transportou em 84 dois milhões de pessoas

A TAP/Air Portugal transportou 2 023 639 passageiros em 1984, o que representa um acréscimo de 5% em relação ao ano anterior.

O transporte de carga também acusou um aumento de 16%, enquanto o correio se manteve ao nível dos anos anteriores.

Foram realizados 21 377 voos, correspondentes a 55 215 horas, num total de 36 033 977 quilómetros. Estes valores, ligeiramente inferiores aos verificados no ano anterior (respectivamente: 22 683 voos, 56 101 horas voadas e 37 790 129 quilómetros) traduzem os bons resultados conseguidos com a introdução ao serviço dos últimos Tristar-500 e Boeing 737, a qual, associada à racionalização dos meios disponíveis melhorou o coeficiente de ocupação de lugares, que subiu de 65% para 69%. O coeficiente de ocupação total também subiu de 56% para 60%.

A TAP opera em 41 aeroportos de 24 países da Europa, África e Américas. A sua frota operacional é actualmente constituída por 26 aviões — seis Boeing 707, quatro Boeing 727-100, quatro Boeing 727-200, sete Boeing 737-200 e cinco L-1011 Tristar 500.

Área de Sines aberta a estufas e pecuária

O Gabinete da Área de Sines vai ser remodelado dando lugar a três áreas de acção, algumas das quais abertas à participação de capital privado, informou uma fonte governamental.

A mesma fonte acrescentou que a remodelação sairá «dentro de pouco tempo no «Diário da República» e prevê o desmembramento do GAS em três grandes áreas de acção: zona de serviços, zona de expropriação do GAS e zona florestal.

Para a zona de serviços (quase limitada à Cidade Nova de S. André), o projecto governamental prevê a criação de uma empresa intermunicipal englobando as Câmaras de Santiago do Cacém, Sines e o próprio Gabinete da Área de Sines.

No caso da área de expropriação dos GAS (conjunto de terrenos expropriados quando da criação do complexo de Sines fora a área florestal) prevê-se a criação de uma empresa de capitais mistos, aberta à participação de capital privado.

As actuais competências do Gabinete da Área de Sines, segundo a fonte contactada pela ANOP, manter-se-ão na administração da zona florestal que integra os terrenos do GAS, e que é da ordem dos 45 mil hectares.

Relativamente à entrada de capital privado na «área de expropriação do GAS» — segundo a fonte contactada — «ela destina-se a dinamizar investimentos sobretudo na área da agricultura e da pecuária, que garanta a auto-suficiência das populações da zona».

A nova empresa a constituir a partir do gabinete, com participação de capitais privados deverá criar uma zona de estufas de 500 hectares (área superior à utilizada por todas as estufas do Algarve) e uma exploração agropecuária.

No caso da exploração agropecuária, não estão ainda definidas as suas dimensões, sabendo-se apenas que «será dimensionada para assegurar a satisfação das necessidades de consumo de Sines, Santiago do Cacém, Santo André e freguesias limítrofes».

Este projecto governamental — a avaliar por reacções de forças partidárias da região contactadas pela ANOP — parece beneficiar da concordância generalizada, nomeadamente por poder estar na base «de uma alteração profunda do GAS».

Contrabando do meixão leva dois à prisão

Dois indivíduos foram detidos na região de Coimbra por terem sido encontrados com uma carga de sete quilos de meixão — anunciou a Inspeção Económica.

Um informador daquele organismo adiantou que o meixão cuja pesca é proibida em Portugal, ia ser enviado para Espanha, onde é pago a cerca de vinte mil escudos o quilo.

Salientou que a operação durou cerca de 40 horas seguidas e contou com a colaboração da Guarda Fiscal e da Capitania do Porto da Figueira da Foz.

O meixão é uma enguia recém-nascida, muito apreciada em alguns países da Europa e Ásia como aperitivo mas cuja pesca destrói a espécie.

Estatuto do comerciante: polémica continua

O movimento dos Pequenos e Médios Comerciantes e Industriais considerou a decisão do Governo de extinguir o Certificado do Comerciante como resultante de uma «política de favoritismo que atinge já a imoralidade».

O MPMGI defende a revogação imediata do decreto de extinção do certificado de comerciante e a reposição da situação anterior à sua publicação.

Em comunicado divulgado na segunda-feira, o MPMGI salienta que se bate há muito por um estatuto do comerciante que estabeleça as regras de acesso à profissão

Negócio de contentores em pé-de-guerra

Entidades governamentais têm vindo a intervir no sector do tráfego de mercadorias de modo a esbater a concorrência entre duas empresas que exploram terminais de carga: a TERTIR e o «Serviço Português de Contentores».

Fontes bem colocadas no sector afirmam que, sendo a TERTIR uma empresa com capitais públicos e privados, cuja criação foi «apadrinhada» pelo Estado, algumas entidades capricham em mover «uma guerra constante» ao SPC, empresa privada que explora em Lisboa os terminais e depósitos de contentores de Cabo Ruivo, Matinha e Olivais. A TERTIR, por seu turno, ocupa-se do terminal TIR de Alverca e do terminal do Freixieiro, no Porto.

O volume de facturação do terminal do SPC em Cabo Ruivo,

apenas no que corresponde ao tráfego de camiões, nunca poderá influenciar significativamente os resultados da TERTIR, afirmaram ao «DL» responsáveis do SPC, preocupados com a «guerra» que lhes está a ser declarada e com o «interesse vital» que para eles representa aquele terminal, não com o dinamismo concorrencial que influenciará a qualidade e o preço justo dos serviços.

«Se o SPC deixar de existir — sustentam — não será possível acautelar o interesse público e o dos utentes».

O SPC foi criado em 1971, mas só dois anos depois iniciou a sua actividade. O ano passado facturou mais de um milhão de contos, tendo garantido o seu serviço a 310 trabalhadores e recrutado ainda mão-de-obra portuária. No total, despendeu

cerca de 700 mil contos em salários.

Além dos terminais de Cabo Ruivo, Matinha e Olivais, o SPC (Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada) dispõe ainda de um terminal integrado no Norte, equipado para funcionar como parque de contentores, terminal de importação de cargas contentorizadas por via marítima e centro de grupagem. Ocupa alí uma área de 85 mil metros quadrados perto da Via Norte, a nove quilómetros do porto de Leixões.

Possuindo um imobilizado superior a 250 mil contos, o SPC movimentou nos terminais de Matinha e dos Olivais um total de 42 167 contentores de vinte a quarenta pés, número que representa cerca de 38 por cento do movimento total de contentores no porto de Lisboa.



Moçambique-85 sol e sombra de um país imenso (1)

Entre dois degraus

NEVES DE SOUSA nosso enviado especial
com o apoio das LAM
(Linha Aérea de Moçambique)

Avenida Jules Nierere, antiga António Enes: na zona residencial do Maputo, fica o Hotel Polana, (erguido em 1922), uma espécie de privilegiado oásis dentro de uma realidade moçambicana que é bem diferente do luxo e do conforto com que um dos mais belos países de África acolheu os cinco jornalistas portugueses convidados pelas Lam (Linha Aérea de Moçambique) e pelo Clube dos Desportos de Maxaquene para acompanharem o nosso maior futebolista de sempre na viagem de reencontro com a sua terra natal e ali figurar como figura de honra, no pódio onde foram distinguidos os campeões nacionais do mais cobiçado clube do Maputo, na hora da sua consagração.

Eusébio da Silva Ferreira há doze anos que não pisava o solo de onde saiu para o mundo: e, desde então, muita água correu sob as pontes, muitos ventos varreram a história, muitos factos e figuras foram desfilar. Hoje, para quem não se deseja enfeudar às ondas toldantes da verdade uma certeza assume papel preponderante: o Hotel Polana, com marisco e «Chivas» na mesa de embaixadores, mulheres belíssimas desfilar pelos jardins e, na piscina, o borboletar alegre de turistas, pouco ou nada tem a ver com uma cidade que, a vinte e pouco quilómetros, sente o fogo da metralha, tem as vias de comunicação terrestre cortadas em vários pontos, de quando em vez fica às escuras porque algúem deitou abaixo um dos postes que transporta a energia da África do Sul, em muitas ocasiões varrida pela inclemência do Incomati, sente na pele as agruras de um destino que tem de vencer à custa de sangue, suor e lágrimas.

Desculpem, amigos, esta entrada assim: mas, ninguém, nenhum de nós, pode desconhecer que Moçambique é um país com guerra intestina. E que, como todos os estados soberanos nos seus primeiros tempos de voo com asas próprias, arrosta com torrentes de problemas, qual deles mais delicado e difícil de rapidamente solucionar. Os principais: transportes, alimentação, plena compreensão nos grandes areópagos internacionais, reconhecimento (tácito e completo) de que a história é irreversível nas alterações que conduzem à independência de alguns gigantes e que, a partir desses momentos que fazem agulha para futuros diferentes, nada mais resta que reverter a criança que nasce e nos esconde os braços procurando apoio e carinho. Mais: um pouco, uma réstea de ternura que ajude esses «bebés» a rapidamente andarem na estrada da vida pelos seus próprios meios.

Mas, esquecendo por um momento todas as vicissitudes que assolam terra moçambicana, digamos que a sua esplendorosa Maputo, pelo menos numa fatia importante, caprichou em receber o filho pródigo que há uma dúzia de anos não visitava a família.

Eusébio da Silva Ferreira, talvez o culpado maior do futebol português continuar a ser respeitado nas cinco partidas do Mundo, voltou ao Maputo para, através do Clube dos Desportos de Maxaquene (continuador do Sporting de Lourenço Marques, símbolo oficial dos seus primeiros pontapés na bola) receber um conjunto de homenagem e distinções que foi, também e muito especialmente, na conjuntura que Moçambique atravessa, não apenas pretexto para um punhado de campeões desportivos festejarem conquistas bem saborosas, mas (inegavelmente) para que o povo sentisse que, em momento tão difícil como aquele que marcara um adeus, havia a reconquista de um estandarte universalmente conhecido. E terá sido por isso, para neste Portugal se ficar a conhecer como vive e pensa o Maputo, que entendeu a «operação charme» de Eusébio, que daqui voaram os cinco jornalistas que são obrigados a notar que foram rodeados de uma muito especial atenção e que na capital moçambicana (único ponto onde estiveram quase uma semana) as coisas não estão tão más como alguns querem fazer crer nem tão azuis e brilhantes como alguém também poderá



O campeão de pugilismo Tiago, o vice-presidente do Maxaquene (Armando Mucombo, vice-presidente do Comité Olímpico Moçambicano e nome indicado para o mais alto degrau) e Eusébio. O «pérola negra» também entregando faixas de campeões nacionais aos futebolistas do Maxaquene e a turma feminina de basquetebol, igualmente titular do país

pensar. Digamos que um conjunto de situações menos boas pode ser deitado de lado se o acordo de Incomati for integralmente respeitado, e, no mais próximo futuro, fraternalmente entregue a uma tarefa comum, esse país que é perto de uma dezena de vezes possuidor de maior território que esta réstea de Europa chamada Portugal, poderá afirmar-se como potência de extraordinária influência na marcha da África Austral e bandeira com lugar de honra nos grandes círculos internacionais. Mas, para isso, que longo caminho espera ainda o Povo de Moçambique?

Duas faces

Éramos cinco: Carlos Pinhão («A Bola»), Eduardo Miragaia («Gazeta dos Desportos»), Orlando Dias Agudo (RTP), António Pedro (Antena Um) e este escriba às ordens. Logicamente que cada um de nós foi dono e senhor de ver o que lhe apetecia, sem qualquer movimento cerceado dentro de Maputo. E, se Eusébio foi permanente assunto para a imprensa, a Rádio e a novel Televisão Moçambicana fazerem ponto de situação honrosa nas páginas ou horas nobres dos seus noticiários, nem um só momento a luta que vai retalhando vidas e exigindo

dos esforços sem par deixou de também estar presente, como um grito de aviso a quem chegava e não se contentava em ficar bronzeando o corpo ao Sol que alguns dias (no interregno permitido por duas inundações monumentais) banhava as praias que se estendiam de vista até à Costa do Sol, até onde uma barreira trava os impetuosos de mergulhar num desconhecido onde tudo pode acontecer. Especialmente ao cair da noite, quando também das traseiras do Hotel Cardoso cooperantes portugueses apagam as luzes e ficam vendo, na próxima Catembe, traços luminosos de fogo cortando as noites cálidas de uma África que somente precisa de paz e serenidade para ser o grande epicentro de um novo mundo.

Quem entendeu Eusébio?

Porém, falemos do conjunto de acontecimentos que marcaram, no magnífico Pavilhão do Maxaquene, a dupla festa com que basquetebolistas e nadadores, futebolistas e um jovem pugilista receberam faixas de campeões nacionais e, em torno de Eusébio, como que se sentiram acolhidos à sombra tutelar de uma «estrela» de cotação impressionante no universo do desporto. O «Pérola Negra», que

sempre discursou melhor com um esférico junto aos pés, andou nas palminhas de muitos milhares: mas (quem sabe?) talvez outros tantos não tenham ainda esquecido como foi também utilizado em outros momentos difíceis, cidadãos simples que nunca desejou complicar a vida e talvez exclusivamente se tenha assumido em pleno quando erguia os estádios.

O certo é que, em espectáculos inéditos para Moçambique, com o «clou» de sensacionais artistas britânicos que levaram o «break dance» consigo, os adeptos do Maxaquene (e, certamente, também outros imparciais parceiros de bancada) gostaram de ver como se mantém hoje uma legenda do futebol universal. Um moçambicano que o presidente Samora Machel recebeu no Palácio da Ponta Vermelha, a quem abraçou como velho companheiro das horas desportivas então vividas no bairro da Mafalada, a quem ofereceu a sua casa de praia no Bilene para a estadia que desejasse e, como prenda desanuviadora da lembrança do prédio que Eusébio deixara de possuir na turbulência da independência, a concessão de uma vivenda no local que o jogador escolhesse. Para nela poderes estar

sempre que desejes morar entre o teu Povo.

Equações

Festas bonitas: sem dúvida. Mas, que está latejando nas veias dos moçambicanos na hora que passa? Que «nuances» em clivagem agitam ou martirizam uma terra imensa, a perder de vista? A incógnita encontra várias respostas, consoante os interesses colocados na mesa do jogo, que é como quem diz na palavra que procura esclarecer uma situação tocada pelos mais diferentes matizes. Um dia destes, Christian Nucci (ministro da Cooperação de França para a África Austral) esteve em Maputo e assinou um acordo que permite a Moçambique ser beneficiado com uma linha de crédito que roça os 50 milhões de francos (850 mil contos) e se estende pelo financiamento de um projecto de reabilitação da fábrica têxtil Texom. Na ocasião, um jornalista que o acompanhava (Pierre Haski, do «Libération») rasgou a cortina de silêncio que, em França, parecia rodear a visita de Nucci e não se escusou a titular uma das suas reportagens de modo bem alarmista. Assim mesmo: **Moçambique: entre a cólera e a peste.** Foi um levantamento (muito pessoal, é claro) da crise económica que trava o erguer desse país que é hoje um dos terrenos preferenciais para as mais confusões esgrimadas por ráfagas, tantas vezes ávidas de manifestarem morar ao lado do Governo de Samora Machel como (talvez) sequiosas de irem aticar a RENAMO, ainda que nos salões das Embaixadas esse grupo de guerrilheiros continue a ser apenas considerado como **bandidos armados sem expressividade no cómputo geral da população.**

Portugal aliado preferencial sempre que o entenda, como Samora Machel fez sempre questão de salientar na recepção que nos ofereceu e onde, durante uma hora e cinco minutos, fez cabal demonstração de como se atinge a liderança das massas. Foi aí que, referindo-se muito respeitosamente a dois governantes portugueses (Vasco Gonçalves e Sá Carneiro), Samora revelou que dentro em pouco receberá Ramalho Eanes em visita privada. E sabe-se agora que o presidente moçambicano, no momento em que reiterou o convite ao supremo magistrado da nação portuguesa, enviou por Daniel Mondlane (um dos seus homens de confiança) uma bonita prenda: uma jóia em forma de palmeira, com jóias semipreciosas e folhas de esmeralda. Um símbolo daquilo que os africanos se habituaram a considerar como mensageiro dos desejos de uma longa vida. **Eanes é um amigo sincero e fiel** — escreve-se na imprensa moçambicana. Será que o nosso Presidente terá ainda tempo para corrigir alguns ventos e fazer inclinar a favor de Machel uma balança que treme perante as tempestades? Em que medida uma posição de mediador de conflitos pode receber água benta dos 15 mil portugueses que estão ainda, do Rovuma a Gaza, em Tete e no Maputo, confiantes que podem ser úteis a um país dilacerado e a esvaír-se por todos os poros?

Neves de Sousa



Clube de Desportos de Maxaquene: a formação futebolística que (treinada por Joaquim Aloy e dirigida pelo eng.º Heltor Martins) arrebatou o título moçambicano. Nesta temporada o «onze» tem como técnico o português Rui Caçador, que está lançando bases sólidas para criar uma boa escola de jogadores que possa prolongar os valores que constituem o bloco de honra

DESPORTO

ponta esquerda

Sport Conimbricense: arrepiar caminho

Os dirigentes do Sport Conimbricense justificaram a desistência do clube da fase final do Campeonato Nacional de Basquetebol da 1.ª Divisão considerando-a simplesmente inevitável. José da Costa (presidente da direcção) disse, em conferência de Imprensa, que, as dívidas do clube ascendem a quatro mil contos. Adiantou que só a uma empresa o clube deve mais de dois mil contos e sublinhou que, em virtude das dificuldades de tesouraria, nem sequer foi possível pensar em «festejar condignamente» o 75.º aniversário da colectividade. Manuel Mendes (vice-presidente do Sport) revelou que o clube vai satisfazer os seus compromissos com o treinador (Luís Santarino) e com os jogadores, até ao fim da época. A partir da próxima temporada (inclusive) o Sport não pagará a jogadores mas procurará manter em actividade o maior número possível de classes de jovens.

José da Costa referiu que o Sport espera há mais de um ano um subsídio de 650 contos prometido pelo secretário de Estado dos Desportos. Observou, ainda, que a colectividade contraiu um empréstimo bancário na importância de 700 contos e que o défice mensal era da ordem dos 250 contos. O presidente do Sport frisou que as obras de beneficiação (feitas recentemente no pavilhão) importaram em cerca de 2500 contos e realçou que, num ano, o clube recebeu apenas um subsídio de 200 contos. «Temos uma função social indiscutível, somos uma colectividade de utilidade pública, mas esta realidade não é traduzida e apoios», afirmou José da Costa.

O Sport Conimbricense (primeiro clube a vencer o Campeonato Nacional de Basquetebol em 1933) ocupava o último lugar da tabela, com apenas duas vitórias no termo da 1.ª fase do Nacional desta temporada. Foi campeão da 2.ª Divisão em 1983 e finalista da Taça de Portugal de basquetebol, em 1984.

Quem vai dar dólares para o Chaves subir?

Uma delegação do conselho de Chaves vai aos Estados Unidos na primeira quinzena de Março angariar fundos para ajudar a equipa de futebol a subir à 1.ª divisão nacional. A delegação é chefiada pelo presidente da Câmara Municipal de Chaves (Branco Teixeira) e integra o presidente do Grupo Desportivo de Chaves (Emílio Macedo de Sousa), o director do «Notícias de Chaves» (Rui de Castro Lopo) e, ainda, António Castanheira Gonçalves, um antigo emigrante transmontano em terras norte-americanas. O Desportivo de Chaves está em 2.º lugar do campeonato nacional da 2.ª divisão (Zona Norte) a quatro pontos do Aves após 17 jornadas.

Quem quer Zico?

Os futebolistas brasileiros em Itália reuniram-se em Florença, na casa de Sócrates, para celebrar o Carnaval e comemorar o aniversário do dono da casa. Entre os participantes no «Carnaval brasileiro» de Florença, contaram-se Zico, Cerezo, Júnior, Edinho e Pedrinho.

Os jogadores brasileiros debateram as dificuldades de Artur Coimbra (Zico) se transferir do Udinese para outra equipa italiana. Júnior foi explícito sobre a transferência de Zico: a idade (32 anos, em Março), o preço da transferência (mínimo de dois milhões de dólares, quantia que o Udinese pagou ao Flamengo), e o desejo manifestado várias vezes pelo jogador de regressar ao Brasil, são factos que não beneficiam o jogador. Zico parece (assim) condenado a concluir o seu contrato no Udinese até 1986, embora a «condenação» do último ano não seja propriamente um inferno: o jogador receberá 240 000 dólares (cerca de 42 250 contos) de salário, além dos prémios de jogos e percentagem na publicidade). Artur Coimbra (Zico) fica livre do Udinese em 30 de Maio de 1986, mas terá então 33 anos e, com a elevada tarifa dos seus serviços, arrisca-se a ficar fora do mercado. Se o Udinese entretanto vender a «carta» do jogador, Zico tem direito a 30 por cento da verba a dispor na transferência pelo comprador. A última temporada de Zico ao serviço do Udinese vai custar ao clube italiano 3000 milhões de liras (cerca de 265 mil contos).



Final o homem rli...

A espera do exame de domingo

Seleções de futebol: Portugal e RFA vão afinando a pontaria

Ontem, à tarde, a selecção da RFA não teve dificuldades em «golear» o Torralta, por 9-0, em jogo-treino realizado no Estádio «Dois Irmãos», no Alvor. Ao intervalo, os alemães venciam já por 4-0, num encontro de duas partes de 30 minutos cada.

Para o seleccionador Beckenbauer, tratou-se de um excelente treino, durante o qual os seus jogadores se comportaram de modo perfeito e a equipa da Torralta cumpriu à regra a sua missão. O técnico germânico falou aos jornalistas no final do jogo-treino, tendo acrescentado que, em princípio, a formação que apresentará de início frente a Portugal será a mesma que actuou perante a Torralta, com a entrada de Briegel para o lugar de Frontzeck.

Sob arbitragem de Francisco Silva (de Faro) as equipas alinharam:

RFA: Schumacher; Berthold, Jackbs, Forster e Frontzeck; Matthaus, Herget, Thon e Magath; Voller e Rummenigge (Littbarski, ao intervalo).

Torralta: Helder (Abelha, 46); Matias, Neru, Fernando e Décio; Narciso (Sérgio, 46) Sabú, Caracol (Sintra, 46) e Simões; Marcelo (Seca 46) e Nando.

Marcadores: Rummenigge (aos 8 e 18 minutos), Voller (27, 47, 56, 58), Matthaus (30) e Littbarski (35 e 45).

Responsáveis da federação alemã-federal anunciaram no Alvor um jogo particular com a Itália, em 4 de Fevereiro do próximo ano, numa localidade italiana a fixar. Será a repetição da final do Campeonato do Mundo de 1982 e os dois países encaram-no como preparação para o «Mundial» do México, embora a Itália tenha presença certa e a RFA possa conseguir o apuramento no Grupo 2, de que faz parte Portugal. Outro encontro particular da RFA já definido será com a Suíça, em Basileia, dia 9 de Abril de 1986.

O «plantel» das selecções de Portugal e da RFA ficou completo com os ingressos, respectivamente, de Sousa e Briegel, entrando na última fase de preparação para o jogo de domingo, no Estádio Nacional, a contar para o Grupo 2 do «Mundial-86»

em Futebol. Na turma portuguesa, Sousa esteve já de tarde no ligeiro treino efectuado, depois de chamado à última hora para o lugar deixado vago pelas ausências de Frasco e Jordão.

Satisfeito está o seleccionador da Alemanha Federal, o famoso Franz Beckenbauer, ao ver chegar ao Alvor, onde a equipa germânica está em estágio, o «emigrado» Hans Peter Briegel, que o Verona (de Itália) «guardou» até à última hora. Briegel fez inclusivamente um ligeiro treino de desentropimento na praia dos «Três Irmãos», ao fim da tarde, mas não participou no treino de conjunto em que a selecção da RFA bateu o Torralta, da nossa 2.ª Divisão.

Portugueses: «peladinha»

Os portugueses treinaram ontem no campo n.º 3 do Estádio da Luz, apresentando dois grupos que competiram deste modo:

Com camisola vermelha: Bento; Virgílio, Eurico e Mário Jorge; Diamantino, Carlos Manuel e Futre; Gomes.

Equipados de azul: Damas; João Pinto, Lima Pereira e Inácio; André, Sousa e Jaime Pacheco; Jaime Magalhães.

Marcaram-se 14 golos, assim distribuídos: Carlos Manuel e Futre (3), Inácio e Sousa (dois cada), Gomes, Jaime Magalhães, Lima Pereira e Diamantino. Hoje (pelas 16 horas) a nossa selecção principal treina com as «esperanças», no Estádio Nacional.

Árbitros e TV

O juiz italiano Paolo Casarin (acompanhado pelos seus compatriotas Carlo Longhi e Tullio Lanese) dirige a partida no Jamor, que (pelo menos nos derradeiros 15 minutos) terá honra de transmissão directa pela RTP que, na totalidade do espectáculo, tem contrato firmado para «expedir» as proezas dos pupillos de Torres e Beckenbauer para a RFA, Mónaco, EUA e Checoslováquia.

Cova da Piedade-Setúbal

O Cova da Piedade, da Zona Sul da 2.ª Divisão, defronta no sábado o Vitória de Setúbal (da 1.ª) em jogo particular. No en-



Futre: o fabuloso «menino de ouro» tem uma palavra importante no discurso de domingo

contro, que se disputa no campo Silva Nunes (na Cova da Piedade) participam os principais jogadores das duas equipas.

Vitória de Setúbal em França

A equipa do Vitória de Setúbal vai realizar dois jogos particulares de futebol em França, em fins de Abril e princípio de Maio. O contrato estipula um encontro com o Paris Saint-Germain a 30 de Abril (na capital francesa) e a 1 de Maio em Clermont-Ferrand com o Saint-Etienne.

Atenção, Madeira

Por antecipação, disputa-se no sábado (pelas 16 horas) o jogo Marítimo-Campinense, a contar para o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão.

Operário-Sintrense

O jogo Operário-Sintrense, da 1.ª Divisão Distrital, realiza-se por antecipação, no próximo sábado (15 horas) e é considerado como «Dia do Clube». A direcção do Clube Operário de Futebol informa que os associados do clube devem munir-se do respectivo bilhete especial para ingresso no seu parque de jogos.

Formação de treinadores

Quarenta técnicos estiveram presentes no Congresso de Informação e Formação de treinadores do primeiro nível, na Aldeia das Açoteias. O curso visou ainda uma reciclagem para técnicos do segundo nível, tendo sido prelector o francês Michel Richard, que

é instrutor e treinador da FIFA. O curso contou com um colóquio sobre o tema «Metodologia de Treino no Futebol Moderno», a cargo de Joseph Wilson.

Calendário muda

Jogo do torneio nacional da 2.ª Divisão marcado para domingo pelas 15 horas: Lusitânia dos Açores-Felgueiras.

Campeonato espanhol

O Barcelona e o Atlético de Madrid empataram ontem a dois golos na partida mais importante da 26.ª jornada do campeonato espanhol da 1.ª Divisão de futebol. O Real Madrid, depois dos seus recentes fracassos, goleou o Elche, penúltimo classificado, por 6-1, enquanto o Atlético de Bilbao batia o Osasuna por 5-0.

Resultados da ronda: Saragoça-Málaga, 0-0; Gijón-Murcia, 1-0; Valladolid-Real Sociedad, 1-1; Santander-Espanhol, 1-3; Real Madrid-Elche, 6-1; Barcelona-Atlético de Madrid, 2-2; Hércules-Valência, 2-0; Atlético de Bilbao-Osasuna, 5-0 e Sevilha-Bétis, 1-0.

Classificação geral: 1.º Barcelona, 42 pontos; 2.º Atlético de Madrid, 32; 3.º Gijón, 31; 4.º Real Madrid, 30; 5.º Valência, 28; 6.º Real Sociedad, Saragoça, Atlético de Bilbao e Sevilha, 27; 10.º Málaga, 24; 11.º Bétis, Osasuna e Espanhol, 23; 14.º Valladolid, 22; 15.º Elche, 18 e 16.º Murcia, 16.

Futebol:

«Taça da Inglaterra»

O Liverpool goleou em casa o York (da 3.ª Divisão) por 7-0, passando aos quartos-de-final da «Taça da Inglaterra». Golos de Wark (3), Whelan (2), Neal e Walsh «vingaram» o empate (1-1) a que o Liverpool foi obrigado sábado no campo do York e que o obrigou ao jogo de desempate.

O mau tempo voltou a impedir a realização de todos os outros encontros do programa de Inglaterra marcados para ontem: e que eram cinco. Na Escócia, para o campeonato da Divisão de Honra, o Dundee recebeu e bateu o St. Mirren por 1-0, enquanto para a «Taça», Motherwell e Hearts conseguiram o apuramento para os quartos-de-final à custa de Meadonwbank (2-0) e Brechin (1-0).

Stanley Matthews: lenda sempre viva

«Sir» Stanley Matthews, uma lenda do futebol inglês que continuou a jogar passada a barreira dos 50 anos, completa hoje 70 anos ainda com vontade de passar a magia das suas fintas a jovens do Soweto de São Francisco.

O «globe-trotter» que ainda hoje não dispensa uma sessão de treino físico diária de 20 minutos, adora claramente os desafios de ser treinador, não importa onde exerça a actividade. «Gosto de treinar onde quer que seja. Geralmente são três, quatro ou seis meses de cada vez, aquilo que me apetece», afirmou à Agência Reuter em entrevista concedida em Burlington, pequena localidade canadiana perto de Toronto. «Cheguei ao Canadá há três anos e aqui vou continuar mais dois ou três. Onde houver futebol e for necessário um treinador terei prazer em estar», declarou o ex-extremo-direito, o primeiro futebolista britânico a ser tornado cavaleiro. A faceta de «Sir» Stanley

Matthews levou-o à Arábia, São Francisco, Lake Placid, Sidney e outras cidades.

«Treino os negros em Soweto (África do Sul), até nas minas. Sou pago por uma companhia local. É excelente porque os negros entusiasma-se com a sua própria maneira de jogar. Têm um óptimo controle de bola», disse.

Os jovens de Soweto não podiam neste aspecto ter melhor professor, pois o controle de bola de Matthews desafiava por vezes a credulidade dos espectadores. Com a bola aparentemente colada à sua bota, Matthews avançava para um defesa e depois, com um jeito do corpo ou da cabeça, com uma arrancada, ficava sozinho, a caminho da baliza. Não era, de forma alguma, o futebolista completo do futebol moderno — odiava cortar jogadas do adversário em esforço e só em extremo recorria ao jogo de cabeça.

Matthews conseguiu 54 internacionalizações e o talento do

futebolista cedo foi reconhecido. Conseguiu em 1934 (com 19 anos) a primeira internacionalização. Mas depois, estranhamente, foi muitas vezes preterido por seleccionadores. Aos 32 anos, quando a maior parte dos jogadores pensa na refração, Matthews deixou o Stoke, seu primeiro clube, para ingressar no Blackpool. O clube perdeu duas finais da Taça de Inglaterra, em 1948 e 1951, mas Matthews acabou por receber a medalha de vencedor, merecida em 1954, depois de o Blackpool ter batido por 4-3 o Bolton.

Esse jogo ficou conhecido como «final de Matthews» e a Televisão inglesa não se cansa, ainda hoje, de mostrar as jogadas do extremo a destruir a defesa do Bolton na última meia hora. A exibição valeu-lhe nova chamada à selecção e a sua exibição com 41 anos, na vitória de 1956 por 4-2 frente ao Brasil, deve ser uma das suas melhores recordações. Mas a lenda de Matthews ainda não estava

completa. Em 1961, o Stoke, que parecia nunca mais ir sair da Segunda Divisão, resolveu contratar o seu antigo herói por 2500 libras. Deu-se outro milagre. A assistência aos jogos do Stoke aumentou em flecha, deixando os cofres do clube bem recheados e Matthews apontou o derradeiro golo da sua carreira, após mais de mil jogos de campeonato, no desafio que garantiu o regresso do Stoke à Primeira Divisão.

«Sir» Stanley limita agora os seus jogos a desafios de caridade (um por mês), mas em Abril vai estar em Los Angeles para um torneio de veteranos, para mais de 40 anos. «É um bocadinho puxado — confessa — preferia um torneio para jogadores com mais de 50 anos, mas ainda assim vai ser óptimo.»

Nas entrevistas que concede, «Sir» Stanley Matthews evita sempre questões controversas como possam ser o vandalismo ou os méritos dos futebolistas de hoje.



DESPORTO

ponça esquerda

Clubes da Madeira: negócio são números

O Governo Regional da Madeira afirma que não houve, nem haverá, tratamento discriminatório para com qualquer clube desportivo regional. Em nota oficial hoje divulgada a propósito da polémica entre as direcções do Nacional e do União o Governo da Madeira apela para o bom senso suficiente para se saber colocar o plano dos interesses desportivos na dimensão que lhe compete, para que certos diferentes não ponham em causa valores de solidariedade de grau muito mais elevado na hierarquia dos interesses da região.

O esclarecimento do gabinete de Alberto João Jardim foi divulgado na sequência de declarações do vice-presidente do União ao «Jornal da Madeira», a propósito do acordo entre os três clubes com vista à consolidação do passivo da época 82/83, decidido pelo Governo Regional. Não houve, nem haverá, tratamento discriminatório para com qualquer clube desportivo pois procedeu-se com igual critério perante as condições probatórias exigidas em função da data estabelecida, refere o gabinete de Jardim. A concluir, a nota esclarece que recusaram-se novas responsabilidades ao Governo a partir do momento em que as pretensões não só deixaram de se apresentar devidamente fundamentadas, como ainda foram veiculadas através de processos entendidos como nebulosos, para além de que a política de contenção orçamental não pode excepcionar o campo desportivo.

A «história» da aparente divergência relaciona-se com uma resolução governamental de Maio de 1983, na qual o executivo de João Jardim se propunha consolidar os passivos dos três clubes madeirenses acumulados durante a época de 1982/83 e encontrar soluções de apoio financeiro considerado imprescindível.

RFA: sim ou não ao «Europeu» de futebol?

A candidatura da Alemanha Federal à realização do Campeonato da Europa de Futebol de 1988 atingiu uma nota política, quando o governo se insurgiu contra a exclusão de Berlim Ocidental como uma das cidades-sede. O porta-voz governamental Peter Boenisch afirmou, em conferência de imprensa, que o executivo alemão-federal recebeu com muito agrado a decisão tomada pela UEFA de recomendar em 1.º lugar o pedido da RFA para organizar o torneio. Mas, acrescentou que lamentava que Berlim Ocidental tivesse sido excluído como um dos locais propostos pela Federação Alemã-Federal de Futebol e sugeriu que esta se mantivesse firme quando, no próximo mês, for tomada uma decisão sobre o assunto. O Comité Executivo da UEFA reúne em Lisboa (dia 15 de Março) para fazer a escolha final e espera-se que dê seguimento à recomendação do Comité Organizador. A Alemanha Federal propôs a realização do jogo inaugural em Berlim Ocidental, mas a verdade é que a recomendação foi feita com base na exclusão de Berlim. Os governantes alemães-federais interpretaram a medida como tomada sob pressão dos países do Leste europeu, que se têm oposto à realização de provas desportivas em Berlim Ocidental. Três dos cinco delegados que votaram a proposta alemã-federal (à frente das de Inglaterra, Holanda e bloco de países nórdicos) são de países do Leste (URSS, Checoslováquia e Bulgária).

A decisão causou uma tempestade de protestos em Berlim Ocidental, onde os responsáveis políticos exigem da Federação que resista à decisão da UEFA. Boenisch observou que Berlim Ocidental foi utilizada no Campeonato do Mundo de Futebol de 1974 (e a RDA jogou aí uma partida) e que o mesmo princípio devia aplicar-se ao «Europeu» de 1988. Hermann Neuberger (o presidente da Federação Alemã-Federal) encontra-se no Alvor (Portugal) e disse à agência SID que a exclusão de Berlim Ocidental foi a única maneira de assegurar a realização do campeonato nas RFA. Não fiz nada de errado. Os políticos não devem exigir coisas que eles próprios não conseguem resolver, disse Neuberger, acrescentando que, se toda esta controvérsia puser em perigo o campeonato da RFA não culpem a Federação, que enfrenta ainda um protesto adicional, de Hamburgo (uma de três outras cidades abandonadas do plano original) e o presidente da Associação de Futebol daquela cidade, (Horts Barrelet) está já em Portugal para discutir com Neuberger a possível reinculsa da cidade.

Em termos políticos, o porta-voz da coligação governamental de democratas-cristãos e social-cristãos para as relações inter-alemãs pediu à Federação que não vá por diante com o plano de organizar o campeonato. A Federação deve ser posta ao corrente do mal que está a fazer ao futuro do desporto alemão, comentou o porta-voz.

Zola Budd: presença no Jamor

Zola Budd, a jovem corredora sul-africana que tanta controvérsia causou ao receber há um ano nacionalidade britânica, vem competir em Portugal, em 24 de Março, nos campeonatos mundiais de curta-mat.

A decisão de incluir Zola Budd na equipa inglesa foi tomada apesar de a jovem corredora não ter terminado sábado a corrida de classificação em Birkenhead, no Norte da Inglaterra.

Zola Budd foi forçada a deixar a pista por três manifestantes «antiapartheid» se terem atirado ao chão em frente dela a meio do percurso. A Polícia disse que apesar de terem

sido tomadas todas as precauções devido a manifestações «antiapartheid» levadas a cabo antes do início da prova é impossível dar maior protecção aos participantes num percurso aberto e com cerca de 10 mil espectadores, que podem atravessá-lo quando desejam.

Os três manifestantes foram Zola Budd a parar e a jovem corredora resolveu desistir da prova para não causar problemas ou mesmo um possível recomeço. Zola Budd, apesar de não ter ficado ferida, foi levada para um hospital para investigações médicas e os três manifestantes foram presos pela Polícia.

Enquanto vedetas treinam nas Açoteias

Jamor: mundial de corta-mato promete recorde de presenças

A Islândia tornou-se o 50.º país inscrito no Mundial de Corta-Mato, a realizar em 24 de Março, em Lisboa. Existe assim a possibilidade de a competição a realizar no Jamor bater o recorde de 49 participantes num Mundial da especialidade.

Este máximo foi conseguido o ano passado, quando a competição se realizou em Nova Jérsei (Estados Unidos). A federação aguarda ainda mais inscrições, além de algumas confirmações de equipas que (uma vez mais) escolheram a Aldeia das Açoteias para estágio e preparação dos seus campeões.

Entretanto, Federação Portuguesa de Atletismo vai apresentar à Comunicação Social, amanhã, às 11 horas, no Hotel Ritz, o XIII Campeonato do Mundo de Corta-Mato. Estarão presentes, em representação da Federação Internacional de Atletismo Amador, Juan Manuel de Hoz (membro do Conselho da FIAA) e o secretário-geral do organismo, John Hoett, Lúcia Barra (do Conselho da União Europeia de Atletismo) e John Wigley (chefe do Departamento de «Marketing» da FIAA).

Meia-Maratona do Inatel

Cerca de 250 atletas vão participar na Meia-Maratona do Inatel.

Placard

Medicina desportiva: jornadas

As primeiras Jornadas de Medicina Desportiva do Alto Alentejo decorrem no próximo fim-de-semana em Castelo de Vide, numa organização do Departamento Médico do Estrela de Portalegre. O lema que preside à organização destas jornadas é tornar uma realidade a descentralização e a implementação da medicina desportiva. Os Drs. Branco do Amaral e Domingos Gomes (médicos do Sporting e do FC Porto, respectivamente) são alguns dos especialistas que vão animar os debates.

Basquetebol: Supertaça

CIF e CIDF (do Porto) disputam no sábado no Pavilhão do Esqueira (Aveiro) a Supertaça de Basquetebol Feminino. O jogo está previsto para começar às 17 e 30, sendo de referir que o CIF é o actual campeão nacional e detentor da Taça.

Minibasquetebol em Leiria

Com o objectivo de proporcionar às camadas mais jovens possibilidades de competirem e conviverem, vai a secção de basquetebol da Associação de Desportos de Leiria com o apoio da delegação de Leiria da DGD, levar a efeito os Torneios Abertos de Infantis.

Poderão participar todos os clubes filiados ou não naquela Associação, bem como qualquer outra entidade ou agrupamento que o deseje (escolas, bairros, comissões de moradores, juntas de freguesia e outros).

Para a participação nesta prova é necessário uma inscrição colectiva por equipa, a fim de que todos os participantes possam ficar cobertos pelo «seguro do desportista». Para a mesma participação basta aos atletas a apresentação do bilhete de identidade ou cédula pessoal, para confirmação da idade do participante, o qual deverá ter a idade máxima de 12 anos em 31.12.84. A participação será gratuita e



A benfiquista Lucília Simões vence o corta-mato bisboeta e confirma encontrar-se em forma para cometimentos superiores

tel, a disputar-se a 24 do corrente. A prova terá início às 10.30 de domingo, em Entre-os-Rios (Porto).

Estafeta Cascais-Lisboa

A estafeta Cascais-Lisboa foi transferida para 14 de Abril, por data inicialmente anunciada coincidir com o Domingo de Páscoa, anunciou a Associação de Atletismo de Lisboa. A estafeta é uma das provas incluídas no calendário oficial de 1985.

as equipas que se inscreverem e que participem nos referidos torneios receberão como apoio: material (bolas de mini) e 17\$00 p/ km.

Das equipas deverão fazer parte 1 dirigente e 1 árbitro igualmente jovem.

Pugilismo mundial

Sot Chitalada (da Tailândia) manteve o título mundial de pugilismo na categoria de «moscas» (versão conselho) quando o ex-campeão Charlie Magri (britânico) foi obrigado a abandonar o combate que ambos disputavam em Londres. Magri, com um corte numa pálpebra, abandonou o ringue no fim do 4.º «assalto» a luta devia ter 12.

O pugilista londrino (28 anos) ficou sentado no seu canto enquanto o seu técnico atirava a toalha para o ringue. O tailandês, que fala muito pouco inglês, limitou-se a pronunciar para a imprensa uns tímidos *estou feliz, estou satisfeito, obrigado*. Chitalada (22 anos) tem um «palmarés» de 22 vitórias e uma derrota.

O pugilista norte-americano Bill Costeleo manteve o seu título mundial dos leves ligeiros (versão do Conselho Mundial de Boxe). Costello derrotou aos pontos o seu compatriota e antigo campeão da categoria, Leroy Haley.

Máximos

Marcha atlética: recorde

A italiana Giuliana Salce melhorou a melhor marca mundial feminina dos 5 quilómetros marcha (em pista coberta) com o tempo de 21 minutos, 44 segundos e 52 centésimos. A proeza de Salce foi obtida no decurso dos campeonatos de Itália. A anterior melhor marca mundial pertencia à soviética Yaroutchikina, com 22 minutos, 38 segundos e 6 centésimos.

Xadrez: Durão vence em Roma

Joaquim Durão alcançou uma vitória e três empates nas primeiras jornadas do Torneio de Xadrez Banco di Roma, que decorre na capital italiana, com a presença de 10 mestres internacionais. Os primeiros resultados do xadrezista português neste torneio, que decorre até ao dia 26, são de salientar por terem sido obtidos diante de rivais com pontuação ELO superior à sua. Durão, que tem um ELO de 2250 pontos, venceu o jugoslavo Vladimir Bukal («ELO» 2440) e empatou com o italiano Carlo d'Amor (2335) e com o grego Sipridon Skembris (2435).

Zonal feminino

Isabel Pereira dos Santos e Aida Ferreira participam, entre 25 deste mês e 8 de Março, no torneio zonal do Campeonato do Mundo de Xadrez feminino, a realizar em Albacete (Espanha). Isabel Pereira dos Santos é a campeã nacional e Aida Ferreira conquistou o direito de a acompanhar ao vencer no fim-de-semana Luz Vilas Boas (2,5-0,5) o «match» para apuramento da 2.ª classificada no «Nacional», realizado em Matosinhos.

«O jogo» entra no jogo

As bancas de jornais vão ter a partir de amanhã mais um título: «O Jogo», jornal diário desportivo propriedade da empresa do «Jornal de Notícias». O primeiro número incidirá (naturalmente) sobre os preparativos para o Portugal-Alemanha Federal, foi referido ontem na apresentação do novo diário, do Porto.

Com o preço de 25 escudos, «O Jogo» vai sair sete dias por semana, com 16 páginas elaboradas por um corpo de 40 jornalistas e cinco repórteres fotográficos, para além de 80 colaboradores, tendo como director Serafim Ferreira.

Para este, o jornal vem preencher uma lacuna no panorama da imprensa desportiva portuguesa, não obstante haver já vários jornais desportivos. É um lançamento arrojado e difícil, mas com o entusiasmo de todos os que me acompanham estou convencido de que vou ganhar o jogo», sublinhou.

Serafim Ferreira manifestou ainda a convicção de que «O Jogo» não irá enfraquecer a venda dos jornais diários por existir

espaço para todos: haverá (sim) concorrência com os jornais desportivos.

Não estou assustado. Vou entrar n'«O Jogo» com entusiasmo, convencido de que vou para ficar declara.

O jornal garante não ir privilegiar o Norte ou o Sul, antes estar onde o acontecimento estiver, apesar de a sua sede se situar no Porto.

Na cerimónia de apresentação do novo diário, que decorreu numa discoteca da capital norte-nha, estiveram presentes várias figuras ligadas ao desporto português, tais como Rosa Mota, Henrique Calisto, Manuel Barbosa e Manuel Puga, além do vice-governador civil do distrito, Manuel Ramos.

A chefia de Redacção de «O Jogo» estará a cargo de Oliveira e Castro, José Alcino Gomes de Almeida, Almeida Florido, Couto Soares e Rodrigo Pinto (este último na delegação de Lisboa) e Bruno Neves será o chefe da fotografia.

«O Jogo» terá diariamente uma página de automobilismo.

MICROSCOPIO

Golfe: circuito profissional

Rogério Valente (Algarve) e João de Sousa (Madeira) foram os melhores na 1.ª volta do torneio de golfe de Tróia, o segundo a contar para o Circuito Profissional, cujos resultados se ressentiram da forte chuva que caiu. Assim, para um par do campo de 72 pancadas Valente e Sousa alcançaram 80 na 1.ª volta, de 18 buracos. Seguiram-se Domingos Silva (Algarve), com 81, e Carlos Alberto (Espinho) e Sebastião Gil (Algarve), com 82. O torneio tem a participação de 20 golfistas, compreende 72 buracos e termina no sábado. A prova é a 2.ª de cinco do Circuito Profissional, que definem a «ordem de mérito nacional» e está dotada com 1500 contos em prémios.

Esqui: apolos

A pista de esqui da Torre (na

serra da Estrela) está já em funcionamento com todo o equipamento de apoio operacional para os desportistas, anunciou a Comissão Regional de Turismo da Covilhã. A pista da Torre, a mais extensa da serra da Estrela para desportos de Inverno (com cerca de dois quilómetros) situa-se no topo da serra, a uma altitude de 1985 metros e tem um desnível aproximado de mil metros até à base. O telesqui da pista (com 782 metros) encontra-se a trabalhar, e o apoio aos desportistas é garantido diariamente por técnicos do Clube Nacional de Motanhismo, acrescenta Pinto da Silva, da Comissão de Turismo. Aos fins-de-semana, funciona na Torre uma escola de esqui, com a participação de monitores especializados.

crítica de teatro

CARLOS PORTO

À procura do autor português

CRISÂNTEMOS OU MALMEQUERES, de Orlando Neves. **Encenação e Cenografia:** António Marques. **Interpretação:** Alina Vaz, Alma Flora, Fernanda Cardoso, Henrique Santos, Manuel Cavaco, João Grosso. **C.º Reportório.** Estreia: Teatro da Trindade, 7.2.1985.

Estava a ver num sábado a peça norte-americana «All the way home», de Ted Mosel transmitida pela RTP-2 (às vezes vale a pena ver televisão). Fora esse um dia de lágrimas acesas na escuridão subitamente caída, e via aquele belo espectáculo a pensar no que era o seu principal triunfo: a simplicidade. É certo que por detrás dela está um grande romance de um escritor que a Europa incompreensivelmente ignora: James Agee, mas o mais importante era entender o que havia ali de certo, de eficaz, de forte, de verdadeiro. Apenas a história de dois jovens que se amam, um filho, outro para nascer, uma avó ainda viva para lá das montanhas, certeza das raízes que não se perderam, um casal de velhos pais a despedir-se da vida, um irmão que esconde na bebedeira e no cretinismo a sua solidão, a sua inapreensão da vida. E depois a morte num banal acidente. Quase nada, pois. E no entanto tratava-se de um espectáculo tremendamente forte sobre o amor, sobre a vida e sobre a morte.

Pensava isto a lembrar-me do que há de inutilmente pretensioso e complicado em textos de autores portugueses que querem fazer de cada obra um tratado sobre o Mundo e sobre Tudo, como se estivessem a fazer o testamento, utilizando o

discurso grandiloquente, o grito inaudível, a violência inverosímil. Mas acabando por cair na pura banalidade em que pouco se aproveita.

Isto só em parte vem a propósito do novo espectáculo da C.º Reportório com a peça em estreia de Orlando Neves, «Crisânthemou ou Malmequeres». Lê-se no programa: «Por sugestão do M.C. resolvemos representar um novo original português». E mais adiante: «(Orlando Neves) escreveu «Crisânthemou ou Malmequeres» a pedido da Companhia Reportório, cingindo-se na sua concepção e escrita, às dificuldades económicas e de elenco da Companhia». Há aqui alguns equívocos a assinalar porque, pelos vistos, têm a ver com o resultado final que é o espectáculo. Em primeiro lugar, se o Ministério da Cultura sugere ao grupo para este apresentar um novo original português, é preciso que lhe dê condições para que esse original seja devidamente apresentado. A defesa do teatro português, e sobretudo do novo teatro português é princípio que intransigentemente defendo. Mas convém estarmos atentos aos perigos que sempre estas coisas implicam: os próprios textos virarem-se contra o teatro. Se em vez de um texto inédito de um autor novo, a C.º Reportório tivesse optado por

uma peça, igualmente portuguesa, desconhecida em absoluto pelo público, como por exemplo «Dor Suprema», de Marcelino Mesquita, todos teríamos a ganhar: a Companhia porque poderia fazer um espectáculo com poucos meios e o público porque ficaria a conhecer uma grande peça nacional.

Mas há um outro equívoco diz-se que a concepção e escrita da peça de Orlando Neves foram condicionadas pelas dificuldades económicas e pelo elenco da companhia. Mas nem as dificuldades económicas nem o elenco obrigavam o dramaturgo a escrever um texto em que abundam os discursos ditos para a plateia, recheados de má literatura. Orlando Neves, que participou há muito num espectáculo cujo texto era da sua concepção, com Pedro Bandeira Freire («Humor Próprio»), espectáculo saboroso, e que se revelou no ano passado um encenador de amplos recursos, escreveu em «Crisânthemou ou Malmequeres» um texto bastante desinteressante, quase sempre a roçar a banalidade, o lugar-comum literário e dramático. Trata-se, ainda por cima, de um texto tremendamente datado quanto ao seu conteúdo: dir-se-ia que o autor desconhece que aconteceu o Maio de 68 e outros acontecimentos históricos cujas consequências como é evidente chegaram até nós. A não ser que quisesse situar a peça num tempo anterior, o que não é claro. Seja como for, antes ou depois, os conflitos geracionais, a educação convencional, a medíocre tirania dos mais velhos

e coisas do género, parecem hoje problemas menores, de tal maneira os movimentos sociais têm imposto outras realidades. Não quero dizer que num país como o nosso, ainda com fortes marcas retrógradas, esses problemas não possam existir mas não parecem suficientemente essenciais para merecerem o tratamento que o autor lhes deu. Embora aparentemente complicada, a peça de Orlando Neves denuncia, sob o ponto de vista dramático, uma grande preguiça de imaginação.

António Marques decididamente não tem grande sorte com as peças que é chamado a encenar. Nesta sua grande experiência fez o que lhe foi possível criando um espaço bem imaginado, distribuindo bem as personagens, mas não deu ao espectáculo aquilo que ele provavelmente não podia ter: força teatral. Só a cena de a família e a televisão, cena de comédia, sem ser original, consegue ter alguma graça, alguma energia. É aí que o autor, encenador e intérprete encontram um ponto de comum no qual o teatro é possível, talvez inevitável. E é de teatro que estamos a falar, não é verdade?

Não sei se com outros intérpretes, este texto teria menos inglorio destino embora não acredite nisso. São eles os menos culpados, vítimas de personagens e situações tão pouco trabalhadas. Todos eles se esforçam por salvar o barco, o que era talvez impossível, sendo de salientar pela sua juventude o trabalho de João Grosso.

Antestreia de 'Nostalgia' de Tarkovski

«Nostalgia» de Tarkovski é, sem sombra de dúvida, um dos mais aguardados filmes da presente temporada. Saudado, por todo o lado, como algo de paroxístico e deslumbrante, vai ter amanhã antestreia em Lisboa e o «DL» não se esqueceu de si, leitor.

Amanhã, às 18.45h, no Estúdio 444, o ABC-Cineclube de Lisboa leva a efeito a antestreia de **Nostalgia**, o mais recente filme do cineasta russo Andrei Tarkovski, rodado em Itália. Essa antestreia é apoiada pelo nosso jornal que, deste modo, faculta aos seus leitores o acesso à sessão em condições favoráveis, idênticas às usufruídas pelos sócios do ABC.

O nome de Tarkovski não é desconhecido dos leitores cinéfilos do «DL»: filmes como **Solaris**, **Andrei Rublev** e **Stalker** foram já exibidos comercialmente entre nós e mereceram, nestas páginas, o aplauso devido. Mas **Nostalgia**, é certamente mais que esses outros filmes e, simultaneamente, a lógica progressão do discurso de Tarkovski em direcção a um cinema visionário, mágico e essencial.

nema depurado, visionário, mágico e essencial.

Fulgorantemente belo, feito de suspensões de puro fascínio, **Nostalgia** é a busca do continente primeiro (a mãe, a terra pátria, os cheiros, as névoas e os espaços da infância) mas também de um tempo em que o equilíbrio existia à face da Terra (Deus falava, então, aos homens e profetizava pela boca dos transformados), tempo historicamente nenhum e, por isso, este filme magoa na sua arrebatada imagética.

Vale a pena olhar **Nostalgia** como um prodígio estilístico, um autêntico **Tour-de-force** técnico (a complexidade dos planos, do trabalho de luz, das trucagens, da banda sonora é, absolutamente, de deixar sem fôlego o mais avisado). E não é de mais usar a palavra **genial** para qualificar este filme de Tarkovski.

Para que o leitor do «DL» possa aceder, nas condições favoráveis que lhe estão reservadas, à antestreia de **Nostalgia**, o sistema é o já habitual: recortar o cupão que hoje e amanhã publicamos e seguir as instruções nele expressas. Garantimos-lhe que vai ver não um bom filme mas uma fita inolvidável.



Domiziana Giordano em **Nostalgia**: um dos grandes visionários filmes do ano



ABC-CINECLUBE DE LISBOA



Estúdio 444
Dia 22
18.45 h

«NOSTALGIA» DE ANDREI TARKOVSKI (Antestreia)

Recorte este cupão e entregue-o na bilheteira do cinema. Obterá um ingresso mediante o pagamento de 100\$00 (valor da quota suplementar para os sócios do ABC)

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

HOJE ÀS 21.30 H

PARA ONDE IS? 4.º MES

DE QIL VICENTE

terça a sábado às 21.30h
domingo matinee às 17h

SÁBADOS — 15.30 H — O BANDO — TRÁGICOS E MARÍTIMOS
praça de espanha - tel. 72 08 18 - APÓS DA rádio comercial SUB MC

SEXTAS-SABADOS ÀS 23.30 H

de novo o **CAFE Teatro**

PÓ de PALCO

MÚSICA P/DANÇAR 2 MÊS

Museu Gulbenkian -concerto dominical

Integrado no conjunto das suas actividades culturais, efectua-se no próximo sábado, dia 24 do corrente, ao meio-dia, no átrio da Biblioteca Museu, o concerto dominical do Museu Gulbenkian, com os artistas Denise Ribera (flauta) e João Paulo Santos (piano), em que serão interpretadas obras de Poulenc (sonata), de Sergei Prokofiev (sonata em ré maior, opus 94) e de Schubert (Introdução e Variações, opus 160).



A MELHOR ASSISTÊNCIA
AO SEU TELEVISOR E VIDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTACÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 — 89 98 26

Av. S. João de Deus, 13 B • R. de Macau, 8-1 • LISBOA

Hoje



Esta noite, na RTP-1, em Som Directo, teremos a presença do «Duo Ouro Negro»

Das 13.35 às 17.30 Ciclo Preparatório TV

18.17 Notícias
18.20 Tempo dos Mais Novos
19.00 Teleregiões
19.00 Desporto
20.00 Teletjornal
20.27 Boletim Meteorológico
20.30 «Chuva na Areia» — 34.º episódio.
21.05 Som Directo — Com o «Duo Ouro Negro».
«Retrato de Mulher» — 1.º episódio. Intérpretes: Jane Fonda, Levon Helm e Geraldine Page. Realização: Daniel Petrie.
23.05 Último Jornal



Exibe-se na RTP-2 o 34.º episódio da telenovela «A Sucessora»



20.02 Desenhos Animados
20.35 Animação — encontro com J. C. Palluau.
22.00 Jornal da Noite
22.25 «A Sucessora» — 34.º episódio.

Amanhã



16.30: Desenhos Animados; 16.45: «Brasil»; 18.17: Notícias; 18.20: Tempo dos Mais Novos; 18.55: «As Espantosas Aventuras de Morph»; 19.00: Teleregiões; 19.20: Aves Migratórias; 20.00: Teletjornal; 20.27: Boletim Meteorológico; 20.30: «Chuva na Areia»; 21.05: Panorama; 22.20: «Thérèse Humbert»; 23.10: Último Jornal.

20.00: Desenhos Animados; 20.30: O Mergulho Desportivo; 21.00: Rock Line; 22.00: Jornal da Noite; 22.25: «A Sucessora».

GRUNDIG

a segurança de um grande nome
seleccionou para si...



«Retrato de Mulher»
(21.15)



Directo/2
(20.50)

CHUVA NA AREIA

Ana e Caniço discutem ainda por causa da cena do dia anterior. Ele pergunta-lhe se ela o continua a espiar e ela responde-lhe que apenas lhe queria fazer uma surpresa. Diz-lhe ainda que lamenta o facto de ele ser um ladrão.

Caniço enfurece-se e esbofeteia-a. Mimoso e a mulher discutem igualmente por causa do filho. Mimoso garante que terá uma conversa com o filho. A mãe acha que já o deveria ter feito.

Joaquim expressa a sua opinião aos patros, em relação às atitudes do Esteves — «Ele só regressa a casa no fim do Verão».

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus, Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

"Francisca" de Manoel de Oliveira enfrenta problemas em Itália

O distribuidor italiano do filme "Francisca", de Manoel de Oliveira, Alessandro Visinoni, acusou o Instituto Português de Cinema (IPC) de lhe causar problemas com a distribuição da película em Itália.

"O IPC, precisou Visinoni, da distribuidora Road Movies, pensa que me está a fazer um favor entregando-me o filme para o mercado italiano, que estou a enriquecer com "Francisca". A verdade é que até tive de pôr o carro no prego."

Segundo números fornecidos pelo distribuidor, "Francisca" esteve em exibição num cinema de Roma durante 22 dias, em Dezembro do ano passado, e foi visto por seis mil espectadores, o que deu uma receita bruta de 30 milhões de liras (cerca de 2700 contos).

Tendo Visinoni gasto, como afirma, 50 milhões de liras (cerca de 4500 contos) para preparar a versão italiana do filme, "Francisca" revelou-se um "desastre comercial".

Apesar disso, Visinoni, que se declara "apaixonado" pelo filme ("Uma obra difícil - diz - mas esplendida") projecta "lançá-lo" novamente no circuito comercial, designadamente em Roma, ainda este mês, depois em Bolonha, Turim, Génova, Florença e Milão.

Explicando o seu diferendo com o IPC, Visinoni argumenta que o Instituto "se recusou a autorizar que um negativo de "Francisca" saísse da Tóbis", pelo que se viu obrigado a "tirar



Manoel de Oliveira, realizador de "Francisca"

um negativo de um positivo estampando depois as cópias, em Roma, com a dobragem italiana.

Este processo, "além de dispendioso, prejudica a qualidade da película", o que é particularmente patente "nas cenas mais crepusculares", nas quais, refere o distribuidor, "não se vê nada".

Para a estreia em Milão, Visinoni espera "contar com boas cópias" que preferiria "estampar em Itália".

"Se o IPC se recusar a mandar

Segundo a referida versão, uma cópia de "Francisca" pertencente ao IPC e que circulou em 1984 em Itália no circuito não o negativo, observa, estou disposto a ir a Lisboa com a coluna óptica da versão italiana a estampar as cópias na Tóbis, o que, além da despesa da viagem, me custa três vezes mais do que em Itália."

Uma fonte do IPC, entretanto contactada pela ANOP, em Lisboa, deu sobre o alegado diferendo uma versão substancialmente diferente.

comercial, designadamente em festivais, "esteve em poder de Visinoni, ilegalmente, quase um ano".

"Só depois de muitas pressões e de ser ameaçado com uma acção judicial, o distribuidor italiano nos devolveu a cópia, entregando-a na Embaixada de Portugal em Itália" - explicou a fonte.

Na sequência da devolução, o mesmo Visinoni "pretendeu que o IPC renunciasse à exibição não comercial de "Francisca" em Itália.

Em termos concretos, porém, a partir desta altura, o IPC deixou de ter a ver com o caso, conseguida que fora a devolução da cópia que lhe pertencia.

Entretanto, o produtor português indicou ainda a fonte, vendeu os direitos do filme à distribuidora francesa Films du Passage (de que Paulo Branco é sócio) e esta cedeu à Road Movies os direitos do filme em Itália.

Quanto ao negativo do filme, que Visinoni afirma não conseguir obter da Tóbis, a fonte do IPC confirmou que essa saída está fora de hipótese, pelo facto de o negativo ser "o único existente e estar, aliás, em deterioração".

É fundamentalmente para salvaguardar o negativo existente que a Tóbis o não deixa sair, mas a verdade é que o distribuidor italiano poderá pedir, se quiser, um segundo negativo e tirar depois as cópias que bem entender - assinalou ainda o informador.

Lydia Barloff com serpentes



Imparável, incontrolável, irresistível: aí temos Lydia Barloff (ou, se quisermos, José Manuel Rosado) nas altas andanças de "Allô, Brasil", desta feita no "Steel Power" (Travessa da Conceição da Glória, 7, em Lisboa) ao lado de Suzy Sweet, Cindy Sacrash, Vítor Magro e Luís Paulo, todos os dias a partir das duas horas. Depois de uma temporada no Madeira Sheraton Hotel, Lydia Barloff passou a trabalhar no fio da lâmina: num arriscado número de serpentes amestradas que é farto de riso.

Simara cantou o novo Brasil em Portugal

Radicada em Portugal há alguns anos, Simara vai divulgando a música brasileira, interpretando canções do seu país ante as mais diferentes plateias. Atracção de plano cimeiro no cartaz do Casino da Póvoa de Varzim foi depois a vedeta do elenco do agora centenário Casino Peninsular (da Figueira da Foz), confraternizando com o actor Fábio Júnior (rosto conhecido de telenovelas da Rede Globo: "Cabocla", "Água viva"). Simara, que se apresentou com novo "show" ("Furacão tropical") rodado em palcos espanhóis, contracenou com o grupo francês "Chris Daniels" e com os "Silver Skate", levando a alegria à cidade que Galamba Marques tem prestigiado turisticamente. Na imagem, recolhida na Póvoa de Varzim: Simara, Fábio Júnior e Alberto Eiras (director do Casino local).



AOS CONDUTORES

"Reduza sempre a velocidade ao avistar um grupo de crianças, porque estas vão normalmente distraídas e não dão atenção ao trânsito."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

COTAÇÕES DE NOTAS		(Por unidade)	
		COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)		78860	84860
ALEMANHA FED (marco)		53865	54875
AÚSTRIA (xelim)		7855	7875
BÉLGICA (franco)		28506	28708
BRASIL (cruzeiro)		8030	8080
CANADÁ (dólar - notas de 1 a 2)		132830	134830
(notas de 5 a 1000)		132880	134880
DINAMARCA (coroa)		15800	15840
ESPAÑA (peseta)		8923	18043
EUA (dólar - notas de 1 a 2)		179805	181805
(notas de 5 a 1000)		179855	181855
FINLÂNDIA (marka)		25890	26850
FRANÇA (franco)		17855	18825
HOLANDA (florim)		47835	48835
IRLÂNDIA (libra)		177880	171880
ITALIA (lira)		8078	8088
JAPÃO (iene)		8859	8894
NORUEGA (coroa)		18880	19830
REINO UNIDO (libra)		195870	199870
SUÉCIA (coroa)		19805	19865
SUIÇA (franco)		83840	84850
VENEZUELA (bolívar)		10885	11885

Observações:
1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; 17.50: RDP/Região; 18.05: A gaita dos sete foles; 19.00: Informação e música; 20.00: Musical; 20.20: No estúdio e no estúdio; 20.35: Música portuguesa; 21.00: A viver também se aprende; 21.30: Noites de luar; 23.30: Último jornal. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.00: Ciclo João Sebastião Bach; 15.25: Música de piano na era romântica; 15.55: Hoje ainda pode ouvir...; 16.00: Música do século XX; 16.30: Trechos de óperas, de Verdi; 16.45: Solos de instrumentos; 17.00: Ciclo Beethoven; 17.35: O Barroco italiano; 17.55: Esta noite no Programa 2; 18.00: Poesia; 18.05: Música vocal; 18.40: Música de tecla; 19.00: Música de Johannes Brahms; 19.15: "Estudo para a Mão Esquerda", de Bela Bartók; 19.30: "Cerca da voz da cidade; 20.00: Música de câmara; 20.40: "Sinfonia de Câmara", op. 9, de Schoenberg; 21.00: Antologia dos músicos portugueses; 21.30: 7.º concerto da temporada de 1984/85 da Orquestra Sinfónica da RDP; 22.50: Música de câmara; 23.45: Solos de instrumentos; 00.25: "Seis Canções", de Schubert; 00.50: Pode ouvir no Programa 2 a partir das 8 horas; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Som de retorno; 20.00: Conta corrente; 21.00: Quando o telefone toca; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 23.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora; 01.00: O passageiro da noite; 02.00: No calor da noite. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 17.00: Ondas lusitanas; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto; 24.00: Dois pontos; 02.00: No calor da noite. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

15.00: Meia tarde; 16.00: Rua Capelo; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terço; 19.30: Memorando; 20.00: Programa da LARR; 20.30: Universidade na Rádio; 21.00: Horizonte; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Diário do desporto; 23.00: Clube dos colecionadores; 24.00: Sessão da meia-noite; 02.00: Estação de serviço.

FM-Estéreo

15.00: Estaminé do ritmo; 16.00: A cor do som; 18.00: Entre-Campos; 19.30: Transmissão do terço; 20.00: Serra de estrelas; 21.00: Porto belo; 22.00: Oceano Pacífico; 24.00: Último metro; 02.00: Estação de serviço. Notícias a todas as horas.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 14 361

HORIZONTAIS:

- Primeiramente. Grande mar-telo.
- Rio da Baviera afluente do Danúbio. Mamífero roedor também chamado cávia.
- Freguesia do concelho de Alenquer. Vai para fora.
- Colina na Suécia. Cabelos brancos.
- Provincia de Portugal.
- Pedra preciosa de cor azul. Interjeição brasileira.
- Inundadas.
- Cidade do Sul da Nigéria. Poente.
- Fantasia.
- Larva das fendas dos animais. Deseja ardentemente.
- Dois vogais desiguais. Governanta. Miados.

VERTICAIS:

- Cidade da Turquia. Pronome relativo.
- Cidade do Japão. Fama (fig.).
- Povo mongol do Sul da China e da Indochina. Pássaro do Brasil.
- Manto real (inv). Amofinam.
- Navalha de ponta e mola. (Gir) Madre (inv).
- Centiare. Peça de ferro onde se batem metais.
- Moderato. Máscaras.
- Prefixo que designa afastamento. Prendera. Prefixo de negação.
- Afrouxe. Engodai.
- Ave da Amazônia. Nome de homem. Letra grega.
- O mesmo que ion. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 201

HORIZONTAIS:

- Temina. Rio de Portugal.
- Ruído. Nome de Astro. Duna na Suécia.
- Estimar. Lugar onde se alojam cães.
- Estavas. Aves semelhantes às pombas.
- Estêreis. Aqui.
- Grande ribeira da Ásia Russa. Coriscos. Prefixo de negação.
- Alcunha. Rei da Baviera que atacado de loucura foi enclausurado no castelo de Fustenberg.
- Cuida de. Empregue.
- Batráquio. Rádio (s.q.).
- Doutora. Sumo Pontífice. Aluminio (s.q.).
- Rareficação, sem descalcificação do tecido ósseo, pelo aumento das cavidades e dos espaços medulares.

VERTICAIS:

- Membro de ave. Calculado.
- Toma como alimento. Maior Reis.
- Pois na mar (o avião). Revolucionário francês que foi morto no banho por Carlota Corday.
- Pequena marra de ferro.
- Carta de jogar. Fecha as asas para descer mais depressa. Rio de Itália.
- Ondas curtas. Distrito da ex-Índia Portuguesa. Cidade de França.
- Luz intensa. Abreviatura que se usa em música (inv).
- Pronome possessivo. Clima.
- Carril. Possuir.
- Antiga região da Ásia Menor, ocupada pelos Gauleses em 278 a.C. Colina na Suécia.
- Ósmio (s.q.). Uma das Cíclades. V8.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14360

HORIZONTAIS:

- AMIGO. As. DE.
- Vararam. Por.
- Ita. Ameigar.
- Lidariam. VA.
- Ano. Agi. Nas.
- Fim.
- Trios. Nan.
- MILI. Algas.
- Depor. Aura.
- Olon. Dosear.
- Soro. Eu. Mia.

VERTICAIS:

- Avila. TODOS.
- Matinar. Elo.
- Irado. Impor.
- Ga. Colono.
- Orara. Sir.
- AMIGO. DE.
- Ameai. Na. Ou.
- Im. Falas.
- Pg. NINGUEM.
- Doavam. Arai.
- Ergas. isara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14200

HORIZONTAIS:

- Babar. Sanas.
- Riem. Catá.
- Am. Avá. Sem.
- Sa. Opaca. Ró.
- Adora. Es. Rs.
- Acusar.
- Ciara.
- Assoe. Pas.
- Rei. Narram.
- Ira. Trair.
- Ao. Moca.

VERTICAIS:

- Brasa. Mana.
- Airada. Ser.
- Bei. Ocasião.
- Am. Uro.
- Apascenta.
- Eva. Aro.
- Acercara.
- Ac. Asai. Rim.
- Nas. Apar.
- Aterraram.
- Samos. As. Sa.

PROVÉRBO Amigo de todos, amigo de ninguém

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
A ESPADA MÁGICA

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92A
As 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
- N. ac. men. 18 a.
NOITES ESCALDANTES
3.ª Semana

AVIS 547153

Av. Duque de Ávila, 45
As 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
DOM CAMILO

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
TOP SECRET, ULTRA-SECRETO

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
ROBIN DOS BOSQUES
14.ª Semana

CASTIL 530194

R. Castilho
As 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
O DESTRABADO DO TÁXI AMARELO

CINE BLOCO 55682

R. Pinheiro Chagas, 10
As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO
As 24 - N. ac. men. 13 a.
ASSASSINO DE ELITE

CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto, 15
As 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
BRUCE LEE CONTRA OS ODDS

CINE 222 579460

Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
SHEENA, RAINHA DA SELVA
As 24 - N. ac. men. 18 a.
A AVENTURA COMEÇA EM CABO LANC

CINESTÚDIO LIDO 937593

P. D. João I, Amadora
As 15.30 e 21.30 - M. 12 a.
OS MEUS PROBLEMAS COM AS MULHERES

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 - Amadora
As 15.30 e 21.30 - M. 12 a.
A ESTRADA DE FOGO

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
OS TARADOS DO RIO LOUCO
3.ª Semana

2000 2100055

Av. B. Voluntários, 113/4
As 15.30 e 21.30 - M. 12 a.
OS COMPADRES

EDEN 320768

P. Restauradores, 21
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
REVOLTA NO PACÍFICO

ESTUDIO 555134

Al. Alfonso Henriques, 35
As 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
OS CAÇA-FANTASMAS

ESTUDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B
As 15, 17, 19, 21.30 e 24
- M. 12 a.
WILSON
3.ª Semana

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade
SALA 1
As 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24
- M. 12 a.
A MULHER DE VERMELHO

SALA 2

As 15, 18, 21 e 23.45
- M. 12 a.
PARIS TEXAS

IMPÉRIO 555134

Al. Alfonso Henriques, 35
As 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
O MARGINAL

LIDO 937593

P. D. João I, Amadora
As 21.30 - M. 12 a.
ESTRADA DE FOGO

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
As 14.15 e 21.30 - M. 18 a.
O VIOLADOR
As 21.30
Filme e discoteca-Carnaval

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
AMOR EM PERIGO
3.ª Semana

ODEON 326283

R. dos Condes, 12 a 20
As 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 16 a.
O COMBOIO NAZÍ DO PRAZER

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
As 14, 17.30 e 21.30
- M. 6 a.
MÚSICA NO CORAÇÃO



"METROPOLIS"

Nova versão colorida e musical do filme de FRITZ LANG por GIORGIO MORODER. Em exibição no ESTÚDIO 444.

POLITEAMA 326116

R. Portas, 5 - Anjo, 109
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 12 a.
D CAMILO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16
SALA 1
As 15, 17, 19 e 21.30
- M. 16 a.
AOS NOSSOS AMORES
As 23.30 - M. 18 a.
WHAT?

SALA 2

As 15, 17, 19 e 21.30
- M. 12 a.
O TERCEIRO TIRO
As 23.30 - M. 18 a.
O DUETO DA CORDA

SALA 3

As 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- M. 6 a.
O DESTRABADO DO TÁXI AMARELO
As 23.30 - M. 18 a.
O FURACÃO

SALA 4

As 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- M. 16 a.
FRONTEIRAS
As 23.30 - M. 18 a.
A ALCOVA DO BISPO

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B
As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
TUBARÃO
As 24 - Int. men. 13 a.
VAMOS A ISTO QUE É FESTA

ROMA 727778

Av. de Roma, 14 M N
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
OS TAXISTAS DO RITMO
2.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 18 a.
NOVA IORQUE, 2 HORAS DA MANHÃ

SÃO JORGE 579144/579344

Av. da Liberdade, 175
SALA 1
As 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
O MARGINAL
3.ª Semana

SALA 2

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
- M. 12 a.
VIDAS EM JOGO
33.ª Semana

SALA 3

As 14.30, 16.45, 19 e 21.45
- M. 6 a.
OS CAÇA-FANTASMAS
9.ª Semana

7.ª ARTE

Av. República, 10 - Tel. 251161
As 14.30, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
- M. 12 a.
SHEENA, A RAINHA DA SELVA

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14 C
As 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
GENTE GIRA

TURIM 706666

E. de Benfca, 723-A
As 15, 17.30 e 21.45
- M. 16 a.
AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Centenas, lote 8/9
As 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
SHEENA, A RAINHA DA SELVA

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9
As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 18 a.
NOVA IORQUE, 2 DA MANHÃ

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Revolta no Pacífico», às 21.45 (12 anos)
ALFA-2 - «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.30 (6 anos)
ALFA-3 - «Estrada de Fogo», às 21.30 (12 anos)
ALFA-CLUBE - «Imagem Quebrada», às 21.15 (16 anos)
TERMINAL - «Amor e Perigo», às 21.30 (12 anos)
ZODIACO - «Encontros Imediatos do 3.º Grau», às 21.45 (13 anos)
FONTE NOVA - Sala 2 - «O Inspetor Cabeçada», às 21.45 (13 anos)
CITY-CINE - «Os Amigos de Alex», às 21.30 (16 anos)
TIVOLI - «Estrada de Fogo», às 21.30 (12 anos)
MUNDIAL - «Top Secret, Ultra-Secreto», às 21.30 (12 anos)
APOLLO 70 - «A Janela Indiscreta», às 21.30 (12 anos)
CAPITÓLIO - «As Garotas da Gargem», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
OLIMPIA - «A Sexy Espia», sessões permanentes (18 anos)
RESTELO - «O Violador», às 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO ACS - «Frances», às 21.30 (12 anos)
FONTE NOVA - Sala 1 - «Morrer ou Amar?», às 21.15 (16 anos)
LONDRES - «Amadeus», às 21.30 (12 anos)
PROMOTORA - «Sem Culpa Formada», às 21.30 (13 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA - «O Quarto Verde», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stedum - «O Grande Filho», às 21.15 (16 anos)
ESTORIL - Casino - «A Estrada de Fogo», às 21.15 (12 anos)
CASCAIS - Oxford - «Estrada de Fogo», às 21.30 (12 anos)
CASCAIS - Impala - «O Marginal», às 21.30 (16 anos)

Outra Banda

ALMADA - Incrível - «Juventude Sem Freio», às 21.15 (18 anos)
ALMADA - Académia - «Ao Serviço de Sua Majestade», às 21.15 (12 anos)

ALMADA - Cine-Estúdio - «A Fúria do Herói», às 21.15 (18 anos)

COSTA DE CAPARICA - Oceano - Sala 1 - «Ao Serviço de Sua Majestade», às 21.30 (6 anos)
COSTA DE CAPARICA - Oceano - Sala 2 - «O Quebra-Ossos», às 21.45 (13 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «Os Caça-Fantasmas», às 21.30 (6 anos)
SINTRA - Carlos Manuel - «Acidente no Luna Parque», às 21.30 (18 anos)

Porto

TRINDADE - «O Agente da Broadway», às 21.45 (16 anos)
COLISEU - «Revolta no Pacífico», às 21.30 (16 anos)
CHAPLIN - «Prego a Fundo», às 21.30 (12 anos)
BEBÉ - «O Rei da Comédia», às 21.45 (6 anos)
AGUIA - «Os Compadres», às 21.30 (13 anos)
FOCO - «A Estrada de Fogo», às 21.30 (12 anos)
PASSOS MANUEL - «A Estrada de Fogo», às 21.45 (12 anos)
OLIMPIA - «Noites de Nova Iorque», às 21.30 (18 anos)
BATALHA - «Zás, Tudo ao Céu», às 21.45 (12 anos)
SÃO JOÃO - «A Mulher de Vermelho», às 21.30 (12 anos)
CHARLOT - «A Mulher de Vermelho», às 21.30 (12 anos)
NUNO ALVARES - «Os Compadres», às 21.45 (12 anos)
VALE FORMOSO - «Footloose», às 21.30 (12 anos)
PEDRO CEM - «Gente Gira», às 21.30 (12 anos)
JULIO DINIS - «O Inspetor Martelada», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI - «O Destrabado do Táxi Amarelo», às 21.30 (Todos)
LUMIÈRE - Sala A - «Os Compadres», às 21.30 (12 anos)
LUMIÈRE - Sala L - «A Lua das Meninas», às 21.45 (13 anos)
TERÇO - «Três Homens a Abater», às 21.30 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ALCANTARA - Nogueira, R. de Alcântara, 5-A-B (T. 637563); **AVENIDA DA REPÚBLICA** - FRENTE À FEIRA POPULAR: Alcântara, Av. da República, 74-A (T. 771379); **BAIRRO ALTO** - Pinaranda, R. da Rosa, 94-96 (T. 321534); **CAMPO D'OURIQUE** - Porteiro, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CHELAS** - COLÉGIO VALSASSINA: Santos Silva, zona n.º 2, Chelas, bloco III, lote 226, loja 22 (T. 851265); **CHILE** - Bastos, R. Moraes

teatros

Lisboa

VILLARET - «Super-Silva», às 21.30 (12 anos)
TRINDADE - «Crisântemos e Malmequeres», às 21.30 (12 anos)
VASCO SANTANA - «O Último Acto», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA - «Não Batam Mais no Zezinho», às 20.30 e 22.45 (16 anos)
TEATRO IBÉRICO - «A Celestina», às 21.30 (13 anos)
ABC - «E a Lata Continua», às 20.30 e 23.00 (16 anos)
D. MARIA II - «Fígados de Tigre», às 21.30 (12 anos)
MARIA MATOS - «Vidas Intimas», às 21.45 (13 anos)
A BARRACA - «Santa Joana dos Mataduros», às 21.30 (13 anos)
BAIRRO ALTO - Cornucópia - «O Parque», às 21.00 (13 anos)
CASA DA COMÉDIA - «Eva Perón», às 21.30 (13 anos)
COMUNA - «Para Onde Is?», às 21.30 (13 anos)
TEATRO ABERTO - «Ubu Português», 2002, Odisseia no Terreiro do Paço, às 21.30 (13 anos)
VARIEDADES - «Boeing, Boeing», às 21.45 (12 anos)

Porto

CAMPO ALEGRE - Selva Trupe - «Uma Família do Porto», às 21.45 (13 anos)

Soares, 91-D (T. 844350); **CONDE REDONDO** - Seltus, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 542239); **ENCARNACÃO** - Asencio, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **LUMIAR** - São Tomé, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **PRAÇA DE LONDRES** - Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (T. 886860); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA** - Sousa, E. de Benfca, 429-431 (T. 780027); **SÃO SEBASTIÃO** - São Sebastião, L. de São Sebastião da Pedreira, 1-3 (T. 548642); **COLINA DO SOL** - Brandoa - Almada: Vidal Reis: Urbanização Alfarelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **ODIVELAS** - Patameiras: Amaral, Rua Antero Quental, 8-8-A (T. 9825455); **PONTINHA** - Cruz Correia, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO

ALVALADE - AVENIDA DO BRASIL: Marbel, Av. de Roma, 131-A (T. 776235); **ANJOS** - CHILE: Castro, Av. Almirante Reis, 76-A (T. 821973); **BENFICA** - BAIRRO DAS PEDRALVAS: Gouveia, R. Augusto Costa (Costinhal), lote 4, loja, Dt.º (T. 707500); **CAMINHOS DE FERRO** - Vilasboas: Santos, R. Cruz de Santa Apolónia, 90-92 (T. 847019); **CASTELO** - Bastos Andrade, C. de Santo André, 107 (T. 860450); **LAPA** - Neves, R. de Bela Vista à Lapa, 37 (T. 661251); **PICHELEIRA** - Mariz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **REGO** - G. Silva, R. Francisco Tomás da Costa, 3-A-C (T. 771873); **RIO SECO** - Biotif, R. D. João de Castro, 27-B (T. 638824); **ROMA** - TEATRO MARIA MATOS: São João de Deus, 1.º lvo, 1-A-B (T. 885140); **SAJ** - Cardeira, Av. Duque d'Ávila, 543495; **BU-RACA** - AMADO, A. Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 9.º 660); **OLIVAL BASTO** - Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO** - Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA - Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (T. 2750076). Permanente; **COSTA DE CAPARICA** - Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **SESIMBRA** - Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19

horas; **LAVRADIO** - Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO** - Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (T. 2073035). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA** - Teixeira, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS** - Abreu Cardoso, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA** - Fonseca, R. do Ribatejo, 2-A (T. 221131). Até às 22 horas; **SEIXAL** - Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO** - Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA** - União Moitense, Av. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS** - Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250). Até às 19 horas; **ALCOA** - CHETE: Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL** - Cunha Pinheiro, E. da Canariense, 32 (T. 29215). Permanente; **Fuzeta** - Permanente; **Bocagosa** - R. do Romeu (T. 23425). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS - Miramar, R. Ernesto Silva, 83 (T. 2112045). Permanente; **LINDA-A-VELHA** - Pinto, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190810). Até às 19 horas; **TIREX** - Guimarães, L. Duques, lote A, r/c (T. 2441816). Até às 22 horas; **ALCABIDECE** - Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO** - Ferreira Bastos, R. D. Firmo Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA** - Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OELHAS** - Mourão Vaz, Av. de Moçambique, 18-C (T. 2437196). Até às 22 horas; **NOVA OELHAS** - Leal, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 247723). Permanente; **CARCAVELOS** - Vilar, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA** - Godinho da Silveira, Av. de Sabóia, 29 (T. 260085). Até às 22 horas; **PARADE** - Grincho, Av. da República, 77-C (T. 2471204). Permanente; **SASSOBIROS** - Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE** - Iman, R. A. Vasconcelos, 71-71-A, antiga R. Oriental Montarrio (T. 22715). Permanente; **BARROS** - Eiras (T. 31643).

horas; **ESTORIL** - Marques dos Santos, R. Ferreira J.A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS** - Marginal, Av. Marginal (T. 280078). Permanente

Linha de Sintra

AMADORA - Dias & Brito, Av. Marquês de Pombal, 45-A (T. 934589). Permanente; **Carmelo** - R. Elias Garcia, lote 28 (T. 933303). Até às 22 horas; **DAMAIA** - Lemos, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Até às 22 horas; **QUELUZ** - Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117). Até às 22 horas; **CAMARATE** - Flores, Catujal. Até às 19 horas; **CACÉM** - Central, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **ALGUEIRÃO** - Vitor Manuel, E. de Algueirão, 123. Permanente; **MERCES** - Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO** - Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA** - Teresa Garcia. Permanente; **COLARES** - Abreja (T. 9290088).



DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA

TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3

Publicidade: 368740

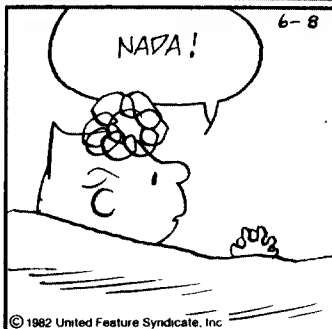
Serviço de notícias (depois das 21h):
Porto: 321154 - Redacção: 320271/2/3

Preço do «DL» na Madeira: 40000

Depósito Legal n.º 1426/82

Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

4.10 4,2 m 9.49 1,0 m

16.28 3,9 m 21.55 1,0 m

Dia 22

4.42 4,1 m 10.17 1,0 m

16.58 3,9 m 22.26 1,1 m

TEMPERATURAS DO AR AS 6 HORAS:

VIANA DO CASTELO	1º
BRAGANÇA	1º
VILA REAL	2º
PORTO	4º
COIMBRA	8º
CABO CARVOEIRO	10º
PORTALEGRE	5º
LISBOA	9º
EVORA	7º
BEJA	8º
FARO	11º
SAGRES	11º
PONTA DELGADA	13º
FUNCHAL	14º

Diplomas da ASDI e do PCP debatidos hoje no Parlamento

O PCP vai apresentar hoje, na Assembleia da República, um projecto de lei que visa garantir a todos o acesso ao direito e aos tribunais.

De acordo com o grupo parlamentar comunista, esta iniciativa «visa abrir um amplo debate nacional que conduza à urgente aprovação e aplicação de medidas que garantam a informação e protecção jurídica a quem delas mais carece e assegurem que ninguém seja prejudicado ou privado do direito de acesso ao Direito, aos tribunais ou a outros meios de defesa de direitos em razão da sua instrução, cultura, situação económica, condição social ou raça».

Considerando o seu projecto sobretudo como um «sinal de partida», os comunistas frisam no preâmbulo do diploma que a sua elaboração teve como base

não só os sucessivos anteprojectos que sobre a matéria foram elaborados como também algumas experiências de apoio jurídico já efectivadas no nosso país.

Assim, citam «os esforços desenvolvidos pela própria Ordem dos Advogados» que procurou implantar, já antes do 25 de Abril, um Serviço de Ajuda Jurídica; os documentos resultantes da 1.ª Comissão formada em 1977, «incumbida de apresentar um esboço de diploma reestruturador da assistência judiciária» e da Comissão de Acesso ao Direito, constituída em 1978, por um despacho do ministro da Justiça; os debates e as propostas que, por altura da revisão constitucional, foram apresentados pelo PCP e pelos partidos de então Frente Republicana e Socialista; e, ainda, o próprio An-

teprojecto de Acesso ao Direito que a Ordem dos Advogados publicitou no seu Boletim n.º 17, de Agosto de 1983.

Nova Ordem Honorífica

Ainda hoje, o Parlamento deverá aprovar a criação de mais uma condecoração, a Ordem Honorífica de Camões, destinada a premiar a defesa da língua portuguesa.

A ideia partiu da ASDI que para esse fim apresentou o respectivo projecto de lei que vai ser debatido e votado na generalidade.

«Galardoar serviços relevantes prestados à cultura portuguesa, à sua projecção no mundo, à conservação dos laços dos emigrantes com a mãe-pátria, à promoção da língua portu-

guesa e à intensificação das relações culturais entre os povos e as comunidades que se exprimem em português» são objectivos da nova condecoração.

O quadro da Ordem deverá incluir 1430 pessoas no máximo, das quais 80 grã-cruzes, 150 grandes oficiais, 300 comendadores, 400 oficiais e 500 cavaleiros — diz ainda o diploma.

Esta condecoração será atribuída pelo chefe do Estado, por sua iniciativa ou sob proposta do Governo, dos governos regionais ou do governador de Macau — acrescenta.

As ordens militares, que deram origem às honoríficas, tiveram início nas Cruzadas, tendo sido internacionais as primeiras a serem fundadas (Templários, Hospitalários ou Cavaleiros de Malta e Santo Sepulcro).

Vítor Espadinha hospitalizado em Cascais

O cançonetista e actor Vítor Espadinha teve de ser internado, cerca das 5 e 30 desta manhã, no Hospital de Cascais, depois de ter sido retirado da água, na praia de Oeiras.

Fontes hospitalares citadas pela NP escusaram-se a revelar as razões que levaram o criador de «Recordar é Viver» a estar àquela hora dentro de água, mas disseram não se confirmar «tratar-se de uma alegada tentativa de suicídio».

Vítor Espadinha regressou recentemente dos EUA e estaria neste momento com problemas de emprego, dada a crise vivida no meio teatral português.



Seguros em debate

Integrada nas «Jornadas Seguradoras» (organizadas pelo Sindicato dos Trabalhadores de Seguros do Sul e Ilhas) reali-

za-se hoje pelas 17 e 30, uma sessão versando «As novas tecnologias e a actividade seguradora», sendo palestrante o dr. Lima Tavares.

Esclarecida a contratação colectiva na Portline e na Transinsular

O Governo esclareceu hoje que o Decreto-Lei 336/84, que constitui as novas empresas Portline e Transinsular, prevê a contratação, colectiva de trabalho em vigor, admitindo contudo contratos individuais de trabalho.

Em Decreto-Lei publicado hoje no «Diário da República», da responsabilidade dos Ministérios do Trabalho e Segurança Social e do Mar, refere-se que o decreto constitutivo das empresas «tem suscitado dúvidas na interpretação do artigo 5.º».

Os sindicatos do sector da Marinha Mercante pronunciaram-se já contra o que considera a não aplicabilidade ao pessoal da Portline e Transinsular das disposições da regulamentação

colectiva de trabalho ou portarias de regulamentação de trabalho para o sector.

O decreto hoje publicado afirma que o diploma de Outubro não nega o direito de contratação colectiva consagrado na Constituição «apenas se tendo visado tomar inaplicáveis às novas empresas da Marinha Mercante, no actual contexto do sector, os instrumentos de regulamentação colectiva de trabalho em vigor».

O Decreto-Lei afirma que os órgãos competentes das duas novas empresas podem determinar a contratação individual de trabalho «através da remissão total ou parcial, para o regime contido em tais disposições e portarias».

Onze canções admitidas ao festival da TV

O gabinete de Imprensa da Radiotelevisão Portuguesa divulgou hoje a lista das canções escolhidas para serem apresentadas no Festival da Canção a realizar no Coliseu a 7 de Março, de onde sairá a vencedora que representará a TV no festival internacional a ter lugar na Suíça.

Pela ordem porque serão apresentadas as canções bem como os autores e intérpretes são as seguintes:

«Meu Amor Minha Dor Meu

Jardim» — letra de Nuno Gomes dos Santos, música e interprete Eduarda;

«Mágica» — letra e música de Nuno Cordelo e interpretação de Gustavo Sequeira;

«Portugal Meu Jardim» — letra e música de Carlos Soares e Rocha Oliveira com interpretação de Jorge Silva;

«Cantar Saudade» — letra de Álvaro Lúcio, música de Odete Maria de Oliveira e interpretação de Alexandra;

«A Casa da Praia» — letra, música e interpretação de 'Os Del-fins';

«Entre o Céu e o Mar» — letra de António José, música de João Nascimento e interpretação de Nelo Silva;

«Mulher Só» — letra de Fátima Murtas, música de Nuno Rodrigues e Luís Filipe e interpretação de Luís Filipe;

«Meia de Conversa» — letra de Nuno Nazaré Fernandes, música de José Calvário e interpretação

de Nuno e Henrique;

«Umadá» — com letra música e interpretação de Jorge Fernando;

«Penso em Ti — 'Eu Sei' — letra de Adelaide Ferreira e Luís Fernando, música de Tó Zé Brito e interpretação de Adelaide Ferreira;

«Malmequer Sim ou Não» — letra de Nuno Gomes dos Santos, música de João Nascimento e interpretação pelo conjunto 'Aguella'.

CEE dos Bombeiros já é realidade

Unidade portuguesa participa em exercícios comunitários

Uma unidade de Bombeiros de combate a incêndios na floresta mostrou em França aos países da Comunidade Europeia o que fazem os portugueses nesse domínio.

O inspector superior do Serviço Nacional de Bombeiros, Cristiano dos Santos que comandou a unidade de combate portuguesa, revelou que «a missão foi cumprida com êxito e alguns comentários elogiosos foram logo ouvidos no local por parte de entidades organizadoras».

O exercício, denominado «Forac 85», teve lugar na cadeia montanhosa das Cevennes, nas imediações de Vila Florac (Lozère) durante cinco dias, com a participação da França, Alemanha Federal, Grécia, Itália, Espanha e Portugal, tendo estes dois países sido convidados especialmente, dado não pertencerem à CEE.

Cristiano dos Santos referiu que a unidade de combate portuguesa competiu a responsabilidade de defender um dos secto-

res do perímetro do fogo. O terreno do sector português — acrescentou — «era excepcionalmente ravinoso, o que obrigou os bombeiros encarregados da montagem de mangueiras de 25mm a escaladas de quase alpinistas».

A culminar, no último dia de exercício final, tendo actuado todos os meios destacados, a unidade portuguesa coube, conjuntamente com uma unidade francesa, o sector 1 do perímetro de um incêndio de 150 hectares.

A confirmar a confiança já depositada — segundo o inspector superior do Serviço Nacional de Bombeiros — na unidade portuguesa, o comando deste sector, integrado também por franceses, foi entregue ao comandante português, inspector regional de Bombeiros de Lisboa e Vale do Tejo.

A missão cometida à unidade portuguesa foi cumprida com precisão, tendo sido subdividido em grupos, com montagem de mangueiras em declive ascendente não muito acentuado, a

partir dos prontos-socorros de Águeda, Felgueiras e Sertão.

O exercício constou ainda de manobras, actuando o grupo a partir da viatura de Águeda, que foi «bombardeada» com água de dois aviões Canadair (5500 litros cada), o que pôs à prova, com êxito, os procedimentos de auto-segurança destes Bombeiros, «já que o impacto de cinco toneladas de água constitui situação deveras perigosa, chegando a arrancar árvores de menos porte» — disse.

Cristiano dos Santos disse que as estruturas da divisão de florestas da CEE, da Segurança Civil dos Bombeiros de França, revelaram uma grande capacidade de organização e de consecução dos objectivos propostos ao exercício «Forac 85», destacando-se a organização global, a logística e a coordenação operacional.

Aproveitando o agravamento das condições meteorológicas, a unidade de combate portuguesa realizou uma visita guiada a três quartéis de bombeiros france-

ses, «tendo-se constatado uma excelente organização em termos de serviços de emergência, já que em termos de viaturas e aquartelamentos existe nível idêntico em Portugal» — referiu.

Em França nota-se que cada grupo de Bombeiros, por mais pequeno que seja, dispõe nos seus quadros de pelo menos um médico que é chamado via rádio sempre que necessário — disse.

Tal organização a nível de serviços de saúde veio a estar bem patente na visita efectuada ao centro hospitalar de campanha em Col de Jalcreste, montado em tendas de campanha em apenas duas horas, com uma capacidade de triagem de um sinistrado em cada dois minutos, dispondo de meios tecnologicamente avançados em termos de sustentação da vida humana.

A unidade de combate portuguesa era composta por 16 bombeiros das corporações de Felgueiras, Águeda, Guarda, Oliveira dos Hospital, Póvoa, Sertão, Odemora e Távira, e 4 veículos de combate a incêndios.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

- 1.º PRÉMIO — 75 472 — 42 000 CONTOS
- 2.º PRÉMIO — 58 652 — 9 000 CONTOS
- 3.º PRÉMIO — 11 048 — 3 000 CONTOS

A Sorte Grande foi vendida aos balcões da Casa da Sorte.

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA — BRAGA — PORTO — AVEIRO — COIMBRA — SETUBAL — FARO



PRÓXIMA LOTARIA:

54 000 CONTOS

Bilhete: 4 800\$00 — fracção 400\$00

CASA VIOLA

A Sorte que «TOCA»

Lisboa — Braga — Estoril — Viseu

Correio para: R. Assunção, 67 1100 LISBOA

A POS(S)E E OS SEUS
MECANI(ci)SMOS

II — O corpo religiosos:
a revelação do corpo de Cristo
“La vérité est nue, mais
sous le nu il y a lécorche”
(Paul Valéry)

Antes de mais há que perguntar: em que é que o su-sacro, do «nu-profano», se distingue? Em toda a pintura clássica (séculos 14 a 17) a representação do nu é sempre uma representação «sacra». Mesmo o nu dos corpos eróticos, pela sua referência a determinados códigos (pictoriais, ideológicos e figurativos), é investido como nu-sacro — isto é, a representação do nu-clássico é deter (ou sobre) determinada em grande medida pela ideologia religiosa.

Esta situação é, contudo, complexa e múltipla. Por exemplo (e tomando já a questão no ponto em que nos interessa): os corpos masculinos são mais censurados do que os corpos femininos (zonas admissíveis de «pecado» — e portanto, à partida, domínios de maior liberdade pictória) (1); dentro do mesmo sexo, tem rendimento diferencial significativa o elemento temático-figurativo (com a ordem de referência iconográfica varia a própria margem de liberdade pictórica dos corpos); entre os diversos níveis de significância investidos nem todos se encontram igualmente codificados (a cor, por exemplo, ainda é uma excrecência pictórica).

Por outro lado, esta invasão do significativo pelo significado («moral») conduz os pintores, de um modo cada vez mais sistemático (embora nunca radical), à transgressão dos códigos.

Esta transgressão é, antes de mais, significativa/retórica (é-o antes de ser «temática» ou «teórica») e congrega dois pólos de inquietação (no pintor interligados, ainda que em certa medida autónomos): o que diz respeito à inscrição do sexo na obra e o que (mais directamente) se refere à própria interrogação feita pelo autor aos mecanismos de (re)produção (tradicionais) da pintura.

Na pintura do nu-sacro tomam no entanto particular relevo determinadas vias de reescrita (diferenciante) da «forma» dos corpos: a martirologia (sádica e masoquista); a materialização muscular/anatómica que deforma o equilíbrio dos nus; a dramaturgia dos gestos (e a pose do corpo isolado, com articulação dos movimentos de diversos corpos); o uso dialéctico dos contrastes entre os efeitos de perspectiva e os primeiros planos dos corpos (ou das suas partes: ou anamorfoses); os jogos de luz, os efeitos cromáticos...

Mesmo ao procurar dar-lhe um certo «equilíbrio» (verosímil), o nu-clássico recupera o nu-gótico (onde a deformação é essencialmente de carácter temático/simbólico) e introduz-lo no campo da prática significativa que é sempre o quadro (toma-o um tema representativo pictorialmente trabalhável de acordo com específicos códigos). O próprio nu (sacro) clássico vê-se assim, desde muito cedo, trabalhado de um modo (significante) diferenciado (cf. os corpos de Ucello, Pontorno, Rosso e mesmo Pollaiuolo); nos autores do segundo período (maneirista e depois barroco), o corpo-sacro (veja-se a «Deposição no túmulo» de Caravaggio) é dado por contraste com o resto do quadro (ao seu estatismo opõe-se a encenação dramática dos gestos e olhares dos outros personagens; a sua palidez macilenta, descoberta por uma fraca luminosidade, opõe-se à cor escura contrastada e ao jogo dos negros e das sombras); o «sentido» que prevalece nestes quadros não é o de uma (mística) ascensão, mas o do reconhecimento de uma (bem real) condição trágica (a do pintor, em particular, e de um modo geral a do indivíduo) (2).

Estas considerações, com alguma reserva, parecem-me também aplicáveis a um autor como Rubens (cf. «A Descida da cruz», «As três cruces», «A Lamentação sobre o Cristo morto»). Excepção iluminada ao que atrás ficou escrito, o esboço de Miguel Ângelo para a «Ressurreição»: o corpo que aí renasce (da morte clássica), é a própria massa jubilatória do significativo (a sua transformadora prática: «metamorfose») (3). Já os nus de Poussin (cf. «Lamentação sobre o Cristo morto») têm uma função pictorial significativa semelhante à que referimos a propósito de Caravaggio. No entanto, mais do que saírem do escuro contrastado do fundo, ou de se adiantarem aos outros personagens do quadro, eles opõem-se ao horizonte aberto-claro da paisagem.

Deste modo, e de uma forma progressiva, o nu vai perdendo o seu carácter «sacro».

Por um lado, devido à importância crescente que o nu da mulher toma na pintura; por outro, em consequência da própria desagregação (dispersão multifacetada e poliforme) dos códigos (representativos e espaciais) da pintura (4). Assim, de tema (ou figura retórica) o nu transforma-se em matéria significativa de um tipo específico de prática da qual, no final, o quadro (de Renoir, Moore ou Picasso) resulta.

Representação do Nu
com o «Teto» descoberto

No S. Sebastião (1457/8) de Mantegna, a representação do «nu» aparece em toda a sua dramaticidade encephálica.

Continua na pág. 2

JOSÉ GOMES FERREIRA E NUNO BRAGANÇA

Agora só nos livros...

A morte, de dois grandes nomes das Letras portuguesas, José Gomes Ferreira e Nuno Bragança, ultimamente ocorrida, teve o seu eco na Assembleia da República. Pode dizer-se que todas as bancadas se dirigiram àqueles dois escritores, evocando-os em termos de grande sentimento.

Frederico de Moura, pelo Partido Socialista, diria que JGF «durante um longo período temporal perfumou a literatura portuguesa com o efúvio dos seus poemas — dos poemas que sob o magistério lírico de João de Deus nos «Lírios do Monte» — lhe assinalou a presença viva no panorama das nossas letras».

Personalidade rica, «destituída de artificialismos literários, a sua pena molhada numa tinta a quem em grande parte, a boémia literária fornecia pigmento, nunca se mostrou engomada de literatice nem impregnada de embóias intelectuais.

«Desde os sonetinhos de «Longe» — o livro que a Seara Nova distribuiu — e onde, sem grandes sondagens inquiridoras no subsolo, era fácil encontrar o poeta que tão exuberantemente veio a revelar-se, José Gomes Ferreira foi uma presença sempre viva no nosso panorama cultural ao longo de mais de 60 anos.

«E, solicitado, embora, por caminhos variados de expressão, quer compondo como «músico amador» um poema sinfónico sobre o «Lírio Rústico» de Trindade Coelho, quer alinhando rimas nos seus sonetinhos, quer a acertar, espontaneamente, o passo, não com modismos invertebrados e de frágil consistência, mas com caminhos limpos de descoberta, José Gomes Ferreira foi uma presença sempre viva e, sobretudo, nova que toda a vida se recusou — como, aliás o confessa — a ter mais de vinte anos.

«E, fossem quais fossem os caminhos que trilhou, nunca enfiou o suplemento de lirismo herdado do seu «padrinho e mestre João de Deus», segundo a sua própria expressão, e o perfume que se evolava do «Campo de Flores» mesmo quando, como poeta militante, cantava:

«Bem sei, covarde, choras a Flor para te esqueceres da Criança que de pediu esmola...»

«Mas mesmo que a pena lhe resvalasse para Crónicas — onde, aliás, o poeta permanecia — o mesmo viço resplendente se evolava e a mesma frescura lhe impregnava a tinta que, «quixotesca» como agudamente pressentiu Leonardo Coimbra, lhe molhou a caneta para contar a história de «João Sem Medo».

«Coração largo, era insuperável na capacidade de admiração pelos confrades das letras, situassem-se eles em que ponto cardeal se situassem. Quer se tratasse de um Raul Brandão, a quem chamava mestre, quer de um Teixeira de Pascoais, figura grande de sua geração; quer lhe surgisse na frente um Aquilino — personalidade grande mas tão

dissemelhante da sua, ou de um Pina de Morais, hoje tão injustamente esquecido, sempre lhe saiu da pena a mesma palavra generosa e pura para o louvar com a sinceridade mais estreme.

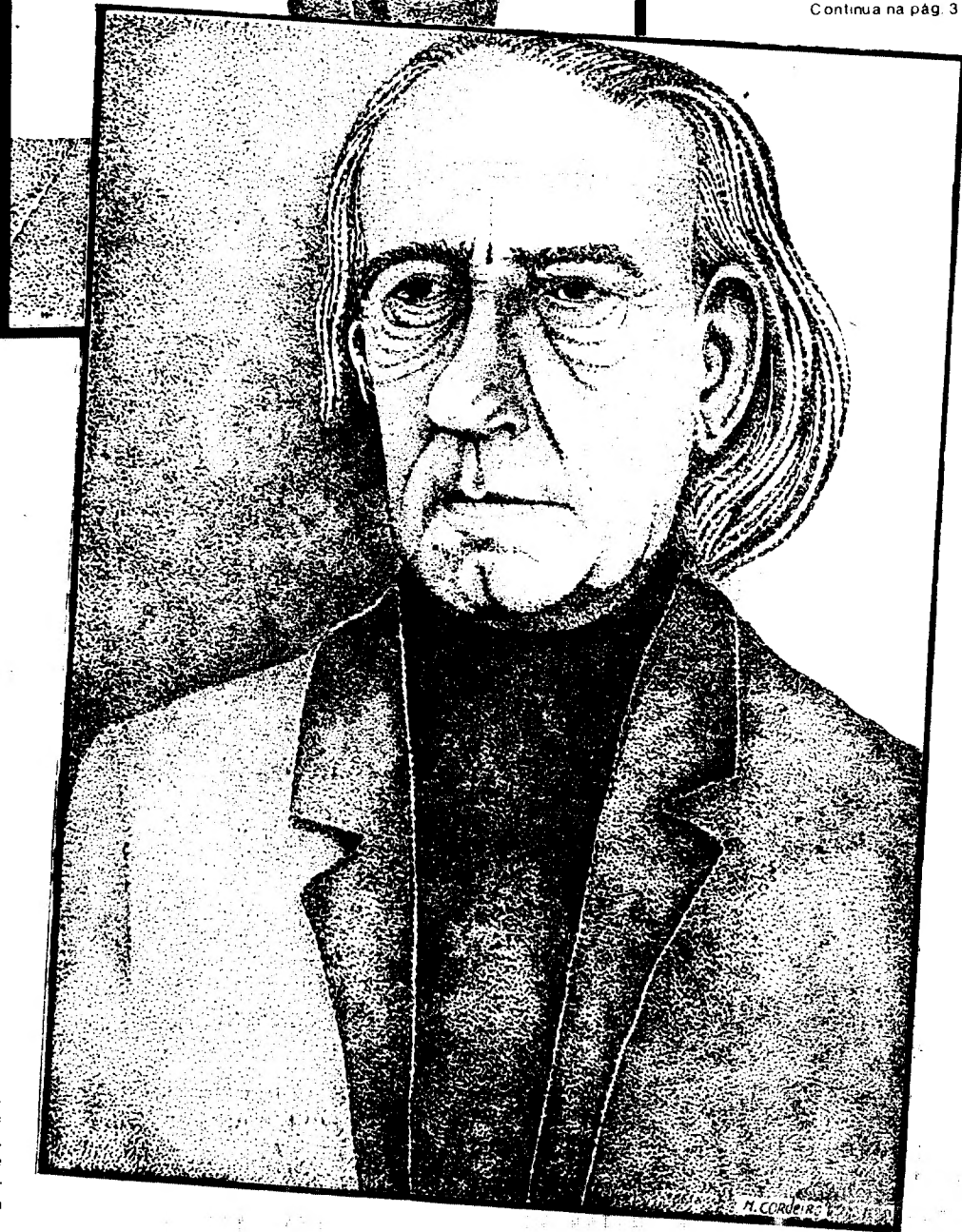
«Nascido em 1900, viveu intensamente períodos conturbados, imerso num mar de paixões e de lutas: primeiro, como menino de bibe, testemunha o fim da Monarquia; depois, adolescente precoce, vive os primeiros entusiasmos da República. e, em determinada altura, já homem, investe com a bruma escandinava recebendo na frente o batismo da Neve. Um lugar de cônsul obriga-o a trocar a pena de Poeta pelo carimbo de funcionário numa repartição de cujas vidraças sente o exílio do sol de Portugal.

«E, nostálgico das tertúlias de Lisboa, da boémia literária irizada de projectos, não aquece lugar e decide vir viver, por inteiro, o seu destino de Poeta — de poeta, sempre Poeta, mesmo quando assume, como ele próprio diz, «o ateísmo por humildade em frente do ministério».

«Sem basófilas literárias e, ao mesmo tempo, sem falsas modéstias, confessa-se «o aprendiz de escritor que fui e desejo continuar a ser até ao bafo final no espelhinho dos moribundos.»

«Entretanto dá à estampa «A

Continua na pág. 3



Nota por escrito

Não espaço de poucos dias, Portugal ficou de luto pela morte de três grande nomes da literatura portuguesa: Faure da Rosa, Nuno de Bragança e José Gomes Ferreira.

Entrelaçados com este, outros acontecimentos dão-nos uma razoavelmente nítida visão do mundo em que os portugueses vivem.

Mas eu não quero falar hoje aqui das coisas tristes deste nosso quotidiano de horizonte apertado no pescoço de tantos e tantos de nós.

Não quero falar dos pormenores ridículos do comportamento de algumas personalidades, incapazes de pôr um freio aos seus delírios pessoais.

Não quero falar do quase silêncio em que tudo decorreu.

Não quero falar do povo que não esteve (povo que encheu de luto as grandes cidades pela morte de seus ídolos desportivos...) das escolas que faltaram, das palavras que não vieram, dos versos que não se recitaram, dos livros que não se venderam, dos abraços que não se trocaram, das palavras boas que não se ouviram.

Não quero falar da pouquidão de tudo na TV, destruída um pouco, é certo, pela emoção da presença de Alzira Seixo no Telejornal. Mas para se ter uma ideia desta nossa terrível solidão, basta dizer que a morte de Faure da Rosa nem sequer foi mencionada no Telejornal. Não era notícia, a morte dum escritor...

Não quero falar hoje aqui destes e de tantos outros motivos de tristeza lusitana.

Mas eu recordo, amigos. Recordo o funeral de Bento de Jesus Caraça, transformado pelo povo numa grande manifestação patriótica, milhares e milhares de pessoas num mar de cravos, enfrentando a repressão, o mesmo, a polícia.

Recordo o funeral de Alves Redol, outra grande manifestação popular, com o nome de Alves Redol e de Portugal envolvidos no mesmo grito — e pela frente o medo, a repressão, a polícia...

Recordo essa outra poderosa manifestação de grandeza popular que foi o funeral de Aquilino Ribeiro — e novamente era o povo e os seus escritores e os seus intelectuais unidos na vida e na morte, contra a polícia, a repressão e o medo...

E recordo mais. Recordo a figura imponente de José Gomes Ferreira alargando o braço ao infinito da multidão no primeiro 1.º de Maio e gritando a frase que depois de tornaria tão popular: «Se o povo não é isto, o povo onde é que está?»

Quero recordar e não dizer mais nada. As palavras arranham na garganta e de súbito um sujeito está a gritar e já nem sabe se é de saudade, de raiva, de revolta. Ou de Requiem por nós todos.

M.C.

A POS(S)E E OS SEUS MECANI(CI)SMOS II—O corpo religiosos: a revelação do corpo de Cristo

Continuação da pág. 1

Suplicado, o nu é simultaneamente a marca do trabalho (do pintor) e da consciência que ele tem tanto das censuras que sobre ele imperam como dos seus óbvios limites. As setas que crivam o corpo do santo clássico ferem-no e fazem sangrar o pintor do quadro consigo (5).

Se a representação do nu é a margem (estreita) de liberdade pictural ao pintor possível, então a cena cruel que o encerra (e onde ele, como corpo/história, se declina e descobre) não só fina a materialidade da carne num metafísico «extra-sentido» como contém, e refere, o esforço castrado do pintor, aqui circunscrito à representação das normas do representado.

Espaço/corpo: de tal modo (pela flagelação da norma) saturado que se denota como representação e pensamentos violados (como num castigo...). A seta que atravessa — a partir do pescoço — o cérebro do jovem, mais do que um signophálico (que também é) parece-me poder ser lida como a marca — e no corpo do pintor, perdida, a ferida — do mecanismo de censura a que este se viu condicionado e reduzido pela pintura.

Se o santo está por Mantegna, é o cérebro do pintor (e não só o corpo, ou o sexo castrado, ferido) que antes de mais aqui se auto-representa como violado domínio... Noção de limite, contudo, que não existe encerrada sobre si mas se afirma como o quê, a reclusão trágica (após o «corte») de um «outro-lado» beatífico/pacífico: encephalicamente ferido, ainda que sob a cobertura da alegria mística, o olhar do santo escapa à morte (à fragmentação material do corpo) ao perder-se em busca de um horizonte claro e longínquo...

Olhar que se solta do próprio processo fixo/rígido/normativo da representação do nu e da figura; olhar que é, tanto para aquele que a tela observa como para o que a pinta, a última margem de liberdade possível: excesso incontido que a representação e a censura (clássica) não extinguem e que se produz, infalível, no próprio acto de (leitura e de /) feitura. Olhar implícito, que no quadro tem a sua forma de ser estilística, já que ele é o céu, a paisagem e tudo aquilo que a partir do fundo de novo incide sobre o primeiro-plano do quadro e que a clausura (hipotética e programática, em princípio) do seu literal sentido ao mesmo tempo abre e sobre-determina...

O Céu, como a paisagem, é assim, muitas vezes, nos quadros deste período, o local significativo, a figura (retórica) de estilo em que melhor (mais livremente) o imaginário (do pintor — e do quadro) se materializa. Reserva do figurado, seu excesso (pictorial, imaginário) incontido, aliterai (in-) significância que se isola da alegoria, o céu e a paisagem invadem de um modo progressivo o primeiro plano do quadro: rasurando a crueldade com todo o seu azul...

Ao alto, a rir-se, o céu prepara a vingança do corpo guilhotinado; já não pela ameaça mas pelo espírito, em delírio (6)...

Notas:

(-) Com a excepção das notas, este texto foi inicialmente incluído em «Notas sobre a Representação do Nu em Pintura, PESTE, Quatro Elementos Editores, 1981

(1) Sobre as deformações na representação do nu (em particular o feminino) na pintura medieval gótica e em algumas telas do primeiro Renascimento cf. o nosso art. «O Medo e o Corpo — I» (Sup. Ler/Escriver, D. Lisboa, 18/8/1983).

(2) Haveria aqui que referir a função de Grande-Significante (ordenador e ao mesmo tempo receptáculo de transgressões, transgressivo) de que se reveste o corpo (a representação do corpo) de Cristo nesta pintura. Fixemo-nos num exemplo particularmente paradigmático e claro: o «Cristo morto» de Mantegna. A primeira impressão saliente vem-nos da constatação do corte operado em relação à posição tradicional da representação do corpo de Cristo.

Com efeito, o relevo adquirido na formalização do nu, pela prática do significativo (o que implica uma subalternização do seu valor religioso, do ponto de vista do sentido), não se lê apenas no «expressionalismo» (deformação) da anatomia do corpo, mas também, e muito particularmente, na articulação e inscrição (como massa, conjunto) do corpo no espaço e na perspectiva. A apresentação do corpo de frente, com os pés voltados para o espectador (os pés do Cristo de Mantegna estão para o espectador com a anamorfose da mão, no auto-retrato de Parmigiano) cria um efeito de choque com a perspectiva (corta e esmaga a profundidade da cena e do quadro), o que acarreta também as suas consequências do duplo ponto de vista da «leitura» da tela e da formulação do seu sentido (o espectador, aqui, tem também que fazer uma leitura significativa — com operações de reordenação — do conjunto da tela e não só reconhecer iconograficamente os seus índices). Este corpo, o corpo do Morto (e ao mesmo tempo o corpo crístico: o corpo de Cristo-I, e, o corpo no próprio sentido, da pintura), é já (como noutras telas de Caravaggio ou nas «lições de anatomia» de Rembrandt), o corpo-mortuário do sentido tradicional da pintura.

Numa das suas notas sobre les Otages (de Fautrier) F. Ponge, depois de referir que nos quadros renascentistas o corpo de Cristo serve muitas vezes aos pintores de pretexto para o exercício das suas técnicas, considera que, para eles, o corpo de Cristo era o corpo propriamente dito (ou a Soma do homem) (In L'Atelier Contemporain, p.29). No entanto, mais do que o pretexto (apenas) de uma técnica, o corpo (retórico) de Cristo constitui a própria matéria (significante e traumática) da transgressão da questão da Representação (da figura) na pintura: uma matéria saturada/ sobre-determinada/ contraditória e deferida que subverte o código moral e pictural da pintura. O que a progressiva deterioração (disparante e fragmentária) da prática pictórica clássica acarreta é a afirmação (ainda que sintomática e cínica) do corpo do homem (e da questão do Sujeito e do Significante) sob a alegoria teológica: deste modo, o dejecto, a cicatriz e as marcas que nos são dadas no quadro do corpo-divino, menos do que flocos (da legenda) do corpo de Cristo (ou do divino), constituem o fragmento (em chaga: cortado ou censu-

Mantegna, «S. Sebastião»

rado) do corpo que é já ao mesmo tempo — ainda que incompleto e inacabado — o corpo do Sujeito (do homem) e da pintura.

(3) Considere-se ainda, em M. Angelo, a representação dos corpos nus nos frescos do Último Juízo. Aqui, o objecto da representação é já a representação do próprio objecto (e não a valorização do seu sentido: o que conta é o próprio corpo e não o seu normativo sentido). Dada esta inversão de valores, é a própria construção do significativo do objecto que passa a determinar os problemas da representação mais geral do espaço no seu conjunto. As formas e as figuras constroem-se numericamente de acordo com jogos (combinações) de massas e de volumes (como o queria Cézanne, respeitando a óptica da esfera, do cone e do cilindro). A teoria da representação confunde-se assim, com a própria prática (teórica?) do representado.

(4) Sobre as relações entre representação do corpo e perspectiva cf. tb. os nossos art. «O Nu como o pintam. II — o Nu como uma paisagem» (Sup. Ler/Escriver, D. Lisboa, 14-7-83) e «Alguns problemas da Representação do espaço. IV — A representação do espaço em algumas telas Flamengas ou dos Países-Baixos» (idem, 5-1-1984).

(5) **Martirologia** que é, ao mesmo tempo, um processo metonímico de revelação (re-introdução e re-posseção) pelo corpo, da pintura. Relacione-se com o que M. Tournier escreve a propósito de A. Vésale: «Teremos uma ideia precisa do que é a arte do Renascimento? (...) Trata-se da descoberta do cadáver. Nem a Antiguidade nem a Idade Média tinham praticado a dissecação de cadáveres. A estatua grega, absolutamente intocável do ponto de vista da anatomia, assenta inteiramente na observação do corpo vivo (...).

Praxiteles observava os atletas em movimento. Por motivos religiosos, devido aos costumes — ou por qualquer outra razão —, ele nunca abriu um cadáver. É preciso esperar pelo s. 16 — e seguramente pelo flamengo André Vésale — para que a anatomia nasça verdadeiramente. Ele foi o primeiro a ousar dissecar um corpo. A partir daí, os artistas ir-se-ão lançar sobre os cemitérios. Quase todos os nus da época passarão a exalar um cheiro a cadáver. Não são apenas os manuscritos de Leonardo da Vinci ou de Benvenuto Cellini que se encontram repletos de pranchas anatómicas; na verdade, mesmo em muitos nus bem vivos da altura adivinha-se esta obsessão pelo écorché (...). **Contrastando com o aspecto sadio da Idade Média, o Renascimento surge ante os nossos olhos como a era do mórbido e da angústia** (M. Tournier, «Les Suintes de Veronique», in Le Coq de Bruyère, Folio — em particular pp. 162/3 e 167). Vd. também «O Combate de homens nus» de Pollaiuolo. Em Pollaiuolo há sempre uma violência (da massa física, significativa; anatómica) dificilmente contida pelos corpos (e os seus limites como figuras): que se expressa tanto pela minúcia do arabesco (de elemento decorativo) como pela materialidade sólida dos corpos (cf. tb. Hércules e Anteu; Hércules contra a Hidra).

(6) Sobre o motivo (e figura) de S. Sebastião cf. Daniel Arasse, «Le corps fictif de Sébastien et le corps d'ocul d'Antonello (de Messina)», in Le Corps et Su fictions (Minuit, sbt: pg. 99 (100).



Em ti

Pedro Alvim



Sol

Silva

Singelo deponho neste Nada muda, ninguém dá, enlouquecer o vazio com que irrompe de mim, for com que se interpreta o

Tal é o crime. Não se percepção da realidade. permanece o mesmo. Es efusões de tudo no rem incapaz de espelho ou d

Não admira que ningu Vestir é hábito, máscara que tolhe o homem mod é tarefa para quem med

tua seda

Desço
pela nuca
do teu
corpo.

«Quem és tu,
me perguntas,
quem és tu,
assim lento caindo?»

Como resposta
só a minha
queda

doce
e morosa
em tua seda...



A primeira imagem, contudo, não é a do sangue. É a do touro a entrar na arena. Repete-se. O princípio de composição é sempre esse. Confrontar a diversidade das imagens com a identidade do Mito (na cabeça). Por exemplo: tomam-se «prises de vues» de diversos toiros, diversas faenas ou de um mesmo touro e de uma mesma faena mas em momentos diferentes (segundo diversos ângulos e estados de iluminação diferentes): depois junta-se esse material, agrupa-se-o de acordo com o mito-i. e., de acordo com a lei da melhor oferta (a que privilegia a imagem que melhor serve e investe, num determinado momento — e tendo em conta uma determinada cadeia de imagens —, o arquétipo fugitivo do mito); este material, já assim organizado, de acordo com uma associação no tempo (que descreve uma acção, a preenche e sensibiliza: i. e., a dá a ver num determinado momento), é a seguir confrontado com uma música, uma banda-sonora que, mais do que interferir na orientação do sentido, lhe dá volume. Noutros filmes, este método está mais bem exposto. Também mais elaborado. Embora deles esteja ausente a forma emblemática do touro (Não falei, propositadamente, da sua morte, da arte de adiar o momento do fim, do sangue ou do sol a pingar e a manchar, a pique, o horizonte). No filme X, por exemplo, tudo é feito para valorizar, dir-se-ia que «dramaticamente», o espaço-off (o mesmo onde está a câmara e o espectador — assim como a continuação do quarto, do cenário); por outro lado, o estilo milimétrico da faena é aqui estrutu-



rado de acordo com a dialéctica existente entre os longos (extremamente longos) planos de conjunto e os súbitos flashes (grandes planos) de rostos: dialéctica e dualidade que obedece à própria dupla postulação do texto em que se fala, primeiro, do cinema e, depois, do sentimento (da construção do filme e da formação do sentimento). Também aqui o touro irrompe. O seu sangue é, agora, a cor do

Outro (e tudo está dito. A máquina pára. O texto fecha-se sobre si mesmo, na arena da gaveta).

Nota — Texto a relacionar com «Os comos do Sol — os cuidados a ter, os preparativos», sobretudo devido às suas referências taumáticas. Quem o diria? Por outro lado, para quem viu o filme, é difícil não associar esta nota com «L'Automne», filme de Marcel Hanoun (datado de 1972) que Théodore Franckel (falecido em 1950) não pôde ter conhecido (NT).



«Personagem no atelier» (pintura/83)

Não me faleis
do tempo. O tempo é o lugar
onde a memória cresce.

(Aureliano Lima)

Da pintura
da cidade

Serafim Ferreira

N A arte, sabemos que um «discurso» se constrói de muito pouco, na lentidão dos gestos, na escolha das cores, no sentido de composição, no resultado último em que tudo se joga, se define e nos fica diante dos olhos.

Lembra Kandinski que o dever do pintor «é fazer com que cada forma seja dotada de um conteúdo interior», crie a sua linguagem despojada de influências, embora no rasto de outras influências estéticas.

Mas a arte de António Fernando não se revela como atitude de «corte» ou de «ruptura», antes se afirma na «continuidade» plástica de valores estéticos que, pela imposição de figuras e objectos, nos desvenda o claro sentido de um quotidiano que não passa sem registo na sua sensibilidade e memória. E nos sinais trazidos pelos seus quadros o que neles é inalterável prende-se ainda a uma forma de empenhamento pessoal pela realidade em redor. As manchas e cores mais depuradas da pintura ou dos desenhos, nos traços e contornos de uma «memória descritiva» que avança pelos lugares inalteráveis desta paisagem, reafirmam o desejo de poetizar esse mesmo quotidiano e consentir que, no plano imediato da sua leitura, se entenda por aí a nitidez de um «discurso» bem coerente.

E, todavia, na visão poética de captar os lugares e paragens de infância, o que importa sublinhar é esta força plástica de pelos caminhos da pintura, nas manchas suavizadas e tênues dos seus belíssimos desenhos, se redescobrirem os sinais inconfundíveis de idêntico espaço e outro tempo, por entre palavras e sons, pessoas e lugares perdidos na memória. E olhando sobretudo estes desenhos, com olhos de ver e saber lembrar, reventar por aí os lugares de infância nas margens do nosso próprio desassossego, na lembrança de tudo o que foi de ontem e hoje se revê em traços e manchas poetizadas e «discurso» inalterável.

E assim o pintor e a cidade ressoam em idêntica forma dialogante de se entenderem na expressão plástica dos mesmos lugares ou nesta forma de prolongar ainda o seu «discurso» em que o sentido «literário» e «pictórico» tão claramente se confundem. E por aí se fala de pintura e da cidade como magma expressivo de recuperar o tempo como lugar «em que a memória cresce» sem cessar. E isso importa ter em conta.

(Texto do catálogo de nova exposição de pintura e desenho de António Fernando. Galeria «Espelho da Moda», Porto, Fev. 85).

JOSÉ GOMES FERREIRA
E NUNO BRAGANÇA

Continuação da pág. 1

Imitação dos dias» — o livro de memórias mais desprendido que um escritor é capaz de deixar atrás de si, e deixa, ainda, «A memória das Palavras» que subintitula como «o gosto de falar de mim», e, ainda aí, não se exime a falar dos outros fazendo da obra um paradigma de humildade confessional.

«Novo, sempre novo, morre José Gomes Ferreira com 84 anos mas, com, apenas, 20 anos de idade como sempre desejou, não sem pedir que «quando eu morrer não compliquem O mistério Com pios de coruja Nem me levem para o cemitério Da morte, da nuvem suja.»

Agora só nos livros...

Por sua vez, José Manuel Nunes, do PCP, referindo-se a Nuno Bragança afirmava ter sido ele «um dos mais lúcidos e inovadores temperamentos de ficcionistas revelados nos últimos anos da Literatura portuguesa».

«Quando, nos finais da década de 60, publicou «A Noite e o Riso», seu primeiro livro, romances de uma consciência definindo-se e assumindo-se no meio de múltiplas inquietudes, os leitores saudaram toda a estratégia do rigor e beleza formal que o percurso posterior aprofundaria.

«Acolheram ainda, com significativo entusiasmo, o gosto pela coloquialidade, o convívio desinibido com mundos lisboetas de só aparente toque marginal, o virtuosismo duma escrita marcada pro-

fundamente pela audácia e pela esperança.

«De «Directa» a «Estações» (conjunto de contos saído a lume há escassas semanas), passando por essa obra rica e problemática que é «Square Tolstoi», Nuno Bragança prosseguiu o seu itinerário de indagação psicológica e solidiedade, mercê da mesma poesia narrativa, do mesmo discurso imaginoso e fluente. Os sinais da resistência antifascista acodem-nos, de forma viva, ao longo dos seus textos: sejam os de perseguição pela PIDE que, a salto, passa a fronteira para um exílio diferente ou os do trabalhador alentejano submetido à injustiça e à tortura...»

José Manuel Mendes salientou ainda «o fundo religioso que murmura na fundura duma epiderme das palavras de Nuno Bragança.

Se trata de inverter a nodosa
de. Muitos o fizeram. O poema
Essencial, só a via cupidinosa,
moimho da fulgurância, tema
de lei, mas vida venturosa.

Quém queira ler a palavra nua.
Para fazendo parte do abismo
moderno. Salir, viver raro a rua,
editou, por dentro, o truismo.



ESTANTE INFANTIL



TÍTULO – Vamos adivinhar
AUTOR – Soledade Martinho Costa
ILUSTRADOR – J. Cosme
EDITOR – Publicações Europa-América

SOLEDADE Martinho Costa publicou há anos um livrinho com adivinhas rimadas. As crianças gostaram. E porque gostaram, aí temos mais dois livros com adivinhas postas em rima, um dedicado aos animais, outro dedicado às profissões.

Quando me falam em versos para crianças dedicados aos animais logo me rompem na memória as palavras de um poeta que injusto esquecimento tem coberto (meu Deus, que grandes poetas vamos ter quando descobrirmos os que já tivemos!) nestes últimos anos: António Lopes Vieira:

...boizinhos
leões
com corações
de passarinhos...

Aqui, como nos mais variados temas, o ângulo de visão muda de autor para autor. Alguns preferem sublinhar, poeticamente, o carácter dos animais pela forma como ele se reflecte nas suas relações com o homem; outros (e aqui será forçoso lembrar **Bichos Bichinhos e Bicharocos**, de Sidónio Muralha, também um poeta a recuperar) preferem humanizá-los, colocando-os em situações que, de qualquer forma, estão relacionadas com aspectos da sua maneira de ser, traduzem fenómenos, conceitos, problemas da vida dos homens em sociedade. Outros poetas, ainda, levam as crianças a adivinhar através de invios caminhos poéticos que transportam a criança de um mistério como alibi, para outro tipo de mistério e de magia: o próprio poema.

Soledade Martinho Costa escolheu outro caminho: fala dos animais ou das profissões em termos objectivos, directos. Fala da natureza das coisas através dos seus dados imediatos: as profissões são determinadas pelos objectos manipulados, pelos instrumentos, pelas operações; os animais, pelas suas características físicas, pela sua actividade, pelos trabalhos que executam. Não há extrapolações, subjectivismo, alargamento das fronteiras do olhar do leitor: as crianças são postas diante de «enigmas» que podem resolver recorrendo unicamente à sua experiência social e cultural. A extrema acessibilidade destas adivinhas pode considerar-se motivo essencial da aproximação.

As ilustrações de J. Cosme, sendo embora directas como as quadras de Soledade Martinho Costa, acrescentam no entanto um toque de fantasia, de brincadeira, de humor – factores tão importantes nos livros para crianças.

MÁRIO CASTRIM

António Gil

que sejam poucos. Um deles é o Vultos Sequeira. Tenho tido encontros com outros escritores, mas sem regularidade. E para haver encontros e criar novas amizades são necessárias deslocações. E as deslocações estão caras, superiores às possibilidades de um operário.

6 – Viaja muito? Porquê? Em imaginação sou das pessoas mais viajadas deste mundo. Porquê? Porque sou um sonhador... constantemente acordado pelos abanões da realidade. Assim sendo, limito-me a ir de Setúbal à minha terra natal, que dista 100km, ou até Lisboa. Mesmo assim não posso abusar, porque os transportes, como tudo, custam os olhos da cara.

7 – Onde nasceu? Em Santa Justa, freguesia do Couço, concelho de Coruche.

8 – Isso tem (ou teve) alguma influência na sua obra? Tem, uma vez que fui lá nascido e criado. É uma questão que coloco a mim próprio, é transmitir o que passei, para dar a conhecer melhor o que é a vida e, assim, mais facilmente as pessoas poderão optar. E porque a vida difícil que vivi, não a vivi isoladamente. Passei-a sob a alçada dum regime que me obriga a dar a minha modesta achega para que nunca mais volte,

mesmo depois da minha morte. Pena é que as pessoas, repudiando o antes do 25 de Abril, nem sempre actuem da melhor maneira para evitar o regresso desse pesadelo.

9 – Considera-se justamente remunerado no conjunto dos factores de produção e circulação de um livro? De maneira nenhuma. Na prática, o autor não tem a devida protecção à sua obra, embora haja alguma legislação neste sentido. Quanto ao mínimo de meios de subsistência e segurança social, está desprovido deles. Nem outra coisa será de se esperar quando se pratica a anticultura. A situação está de tal ordem que uma editora, ao publicar a primeira obra de um autor, pratica um acto de grande mérito e coragem, como foi o caso da editora que me publicou **O Drama da Praia do Guincho**.

10 – Na feira da literatura há sempre nomes mais ou menos esquecidos; cite um. Por falta de tempo, de há alguns anos para cá, a minha leitura pouco vai além de jornais e outras leituras breves. Por isso não me ocorre nenhum nome.

11 – Quando espera publicar o seu próximo livro? A publicação do meu próximo livro está pendente da aceitação e venda do agora publicado.

com a família ou simplesmente um pequeno giro a pé. Também há o tempo que se perde com problemas de electrodomésticos ou outros. E do que sobra é que vai então para a escrita.

4 – Foi difícil publicar o seu primeiro livro? Foi. Não por ter percorrido muitas editoras. Mas porque a vida está mesmo má. O povo perdeu o seu poder de compra e as dificuldades reflectem-se em todas as actividades produtivas. Também os valores humanos estão a sofrer grandes ataques. Isto, porque estamos muito longe do espírito do 25 de Abril.

5 – Encontra-se regularmente com outros escritores? Regularmente resume-se a dois. Na questão da amizade prefiro os bons, mesmo

1 – Escrever é a sua profissão? Não, não é. Sou operário, da ferrugem.

2 – Gostaria de ser escritor profissional? Se dissesse que sim, estaria a assumir um compromisso de criação em quantidade. E o poder criativo de qualquer pessoa – penso – não pode ser espartilhado a compromissos desta natureza. Gostaria, isso sim, de ter mais tempo disponível para poder avançar com os meus projectos.

3 – Como emprega os seus tempos livres? Entendendo como tempos livres aqueles que me restam do trabalho profissional, emprego-o no descanso para recuperar forças para um novo dia de trabalho. – E este recuperar de forças pode ser o máximo de repouso – até com música –, distração

As letras em dia • As letra

Renato Montalvo: dois livros de poesia – «O sol no tecto» e «Renascer de corpo». De momento, fica aqui uma chamada de atenção – e em próximo número do «DL Ler/Escrever» nos debruçaremos com mais espaço sobre os dois livros. Do primeiro: «Quando o sol / rasa pleno / a raiz da onda / cerro o olhar // Na luz da água / a fuga azul / do mar // E o risco / tangente / de partir» do segundo: «Perde-se a raiz / da memória // Quando a língua / arde no ar // de febre // Na brancura / do teu corpo // de água». Dois livros a ler, depurados na escrita, concretos. A eles voltaremos. Edição: Europress (editores e distribuidores).

